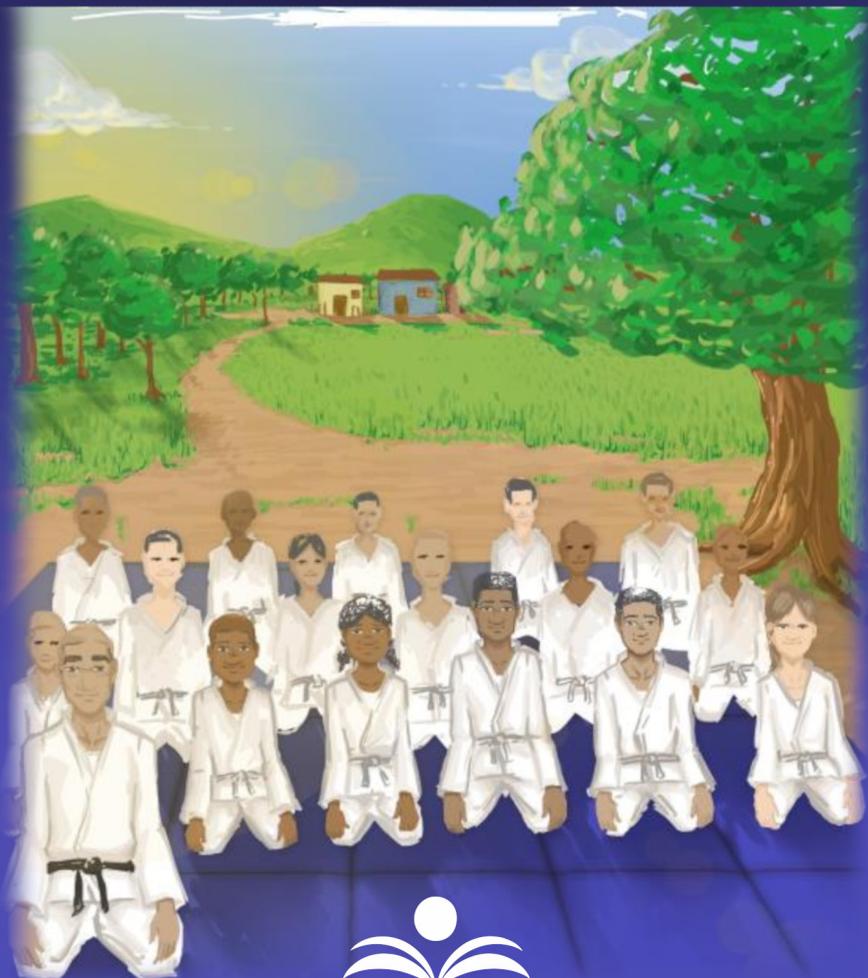


Judô

Filosofia através dos contos

Cassia dos Santos - Leopoldo Katsuki Hirama - Paulo Cesar Montagner
(Orgs)



Judô

Filosofia através dos contos



REITOR

Fábio Josué Souza dos Santos

VICE-REITOR

José Pereira Mascarenhas Bisneto

SUPERINTENDENTE

Rosineide Pereira Mubarack Garcia

CONSELHO EDITORIAL

Ana Lúcia Moreno Amor

Danillo Silva Barata

Josival Santos Souza

Luiz Carlos Soares de Carvalho Júnior

Maurício Ferreira da Silva

Paulo Romero Guimarães Serrano de Andrade

Robério Marcelo Rodrigues Ribeiro

Rosineide Pereira Mubarack Garcia (presidente)

Sirlara Donato Assunção Wandenkolk Alves

SUPLENTES

Carlos Alfredo Lopes de Carvalho

Marcílio Delan Baliza Fernandes

Wilson Rogério Penteadó Júnior

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Cássia dos Santos Joaquim
Leopoldo Katsuki Hirama
Paulo Cesar Montagner
(Orgs.)

Judô

Filosofia através dos contos



Editora UFRB
Cruz das Almas - Bahia
2022

Copyright©2022 by Cássia dos Santos Joaquim,
Leopoldo Katsuki Hirama e Paulo Cesar Montagner

Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB.

Projeto gráfico e editoração eletrônica:

Antonio Vagno Santana Cardoso

Capa e Ilustração:

Felipe Prodócimo Hirama

Revisão e normatização técnica:

Cássia dos Santos Joaquim, Leopoldo Katsuki Hirama
e Paulo Cesar Montagner

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

J92 Judô: filosofia através dos contos / Organizadores: Cássia dos Santos, Joaquim Leopoldo Katsuki Hirama e Paulo Cesar Montagner. Cruz das Almas, Bahia: EDUFRB, 2022.
166p.; il.

Esta obra foi construída por docentes e discentes do Programa de Extensão Construindo pelo Esporte, do Curso de Educação Física do CFP/UFRB.

ISBN: 978-65-88622-85-8.

1.Judô – Educação física. 2.Pesquisa e desenvolvimento – Extensão universitária. 3.Esportes – Análise. I.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores. II.Santos, Cássia dos. III.Hirama, Joaquim Leopoldo Katsuki. IV.Montagner, Paulo Cesar. V.Título.

CDD: 796.8

Ficha elaborada pela Biblioteca Central de Cruz das Almas - UFRB.
Responsável pela Elaboração - Antonio Marcos Sarmento das Chagas (Bibliotecário - CRB5 / 1615).
(os dados para catalogação foram enviados pelos usuários via formulário eletrônico).

Livro publicado em 18 de março de 2022.



Editora UFRB

Rua Rui Barbosa, 710 – Centro
44380-000 Cruz das Almas – Bahia/Brasil

Tel.: (75) 3621-7672

editora@reitoria.ufrb.edu.br

www.ufrb.edu.br/editora

www.facebook.com/editoraufrb

Sumário

Prefácio

Sensei Jorge Sobreira Gomes da Costa 9

Apresentação

Alcides José Scaglia 11

Filosofia do judô pelos contos

Cássia dos Santos Joaquim,
Leopoldo Katsuki Hiramã,
Paulo Cesar Montagner 13

Contos e judô: união possível

Cássia dos Santos Joaquim,
Leopoldo Katsuki Hiramã,
Paulo Cesar Montagner 17

Comunidade de Massapê

Cássia dos Santos Joaquim,
Leopoldo Katsuki Hiramã 25

O desafio

Alex Almeida da Silva,
Cássia dos Santos Joaquim 31

Acabando com as surras

Adriana dos Santos,
Cássia dos Santos Joaquim 41

Amigos ou saco de areia?

Geovani Alves dos Santos,
Cássia dos Santos Joaquim 55

Tem certeza que sabe?

Cássia dos Santos Joaquim, Leopoldo Katsuki Hirama.....	71
--	----

Ajudar e ser ajudado

Adriana dos Santos, Cássia dos Santos Joaquim.....	89
---	----

Aprender e passar adiante

Leopoldo Katsuki Hirama, Cássia dos Santos Joaquim.....	101
--	-----

Bom cidadão ou bom lutador?

Leopoldo Katsuki Hirama, Cássia dos Santos Joaquim.....	117
--	-----

Vencendo e perdendo, sempre aprendemos!

Leopoldo Katsuki Hirama, Cássia dos Santos Joaquim.....	129
--	-----

Para além do dojô

Leopoldo Katsuki Hirama, Cássia dos Santos Joaquim.....	137
--	-----

Cair, levantar, enfrentar e superar

Leopoldo Katsuki Hirama, Cássia dos Santos Joaquim.....	147
--	-----

Sobre os autores.....	165
------------------------------	------------

Prefácio

Sensei Jorge Sobreira Gomes da Costa¹

Fiquei muito feliz e honrado com o convite dos amigos e companheiros de jornada Cássia Joaquim, Leopoldo Hiram e Paulo Cesar Montagner, para escrever o prefácio desta inédita obra literária que aborda brilhantemente, através de contos, os Princípios Filosóficos que inspiraram o nosso Mestre Jigoro Kano quando da criação do Judô Kodokan.

O Mestre Jigoro Kano, com inteligência ímpar, soube sintetizar os estilos (RYU'S) das artes marciais no Japão a seguir um só caminho, o Judô Kodokan, que hoje é praticado em quase todas as escolas e em algumas universidades, como importante meio de educação, transformação e inclusão social.

Acredito fielmente nos ideais do Shihan Kano que criou o estilo de Judô que conhecemos, com o objetivo de melhorar o mundo melhorando o ser humano através de uma arte que preza valores como Educação, Disciplina, Respeito e Humildade, que estão claramente transcritos nos nove princípios que o mestre acreditava ser à base de sua arte, interpretados através de contos neste maravilhoso trabalho literário.

O Mestre Jigoro Kano era um homem de grande visão, seus ensinamentos são bastante atuais, era um excepcional educador, seu conceito de filosofia era com a formação global do ser humano, como está exemplificado nos axiomas que, certa vez, ao ser perguntado onde estava a força do Judô Kodokan, respondeu: SEIRYOKU ZENYO (O mínimo de força e o máximo de eficiência) e JITA KYOEI (Amizade, prosperidade e benefícios mútuos).

¹ Kodansha 7º DAN - Federação Baiana de Judô.

A exemplo deste trabalho literário, os Princípios Filosóficos que compõem o Espírito do Judô precisam ser estudados por todos os judoístas com mais afinco, pois são eles que nos dão a oportunidade de conhecermos o verdadeiro “Caminho Suave”, que transcende os *dojôs* e nos dá a base para o convívio em sociedade, e estudo para compreender os fundamentos básicos que são de fundamental importância para o nosso crescimento na arte.

Apresentação

Alcides José Scaglia²

Esporte e literatura? Educação Física e leitura? Judô e contos?

Sim, é exatamente esta a sugestão deste criativo livro proposto e organizado pelos professores/escritores Cássia Joaquim, Leopoldo Hirma e Paulo César Montagner.

Tenho muito apreço por ousadias, ainda mais quando elas vêm acrescidas de profundo conhecimento, impregnadas de intenções pedagógicas e carregadas de engenhosidade para tratar de um tema essencial, principalmente, ao judô.

Ensinar a filosofia do judô é ensinar judô. Esta é uma máxima que deveria estar emoldurada em qualquer local que se proponha a ensinar esta tradicional arte marcial. Mas, infelizmente, não é necessariamente o que tenho visto em minhas incursões na área.

Muitos professores/instrutores acreditam que ensinar judô se resume em aprender seus golpes, sendo que o avanço e conquistas de faixas se dão apenas pelo domínio e demonstração dos mesmos, deixando-se de lado, ou mesmo desconsiderando, as atitudes e os valores que o aprendiz poderia, ou melhor, deveria estar levando do tatame para a vida.

Os que acreditam que o judô e as outras artes marciais se resumem a golpes específicos e movimentos ensaiados e coreografados, também pensam que ensinar filosofia não é possível de acontecer ao mesmo tempo em que se ensina a lutar. E quando acontecem são em momentos separados. Logo, podem, equivocadamente, pensar que este livro de contos

² Docente do curso de Ciências do Esporte na FCA- UNICAMP, coordenador do LEPE (Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte).

seria apenas um anexo do processo. Algo até importante, mas não pode ser inserido na aula. Seria apenas um complemento.

É exatamente aí que entra em cena a maior ousadia dos autores, configurando-se em inovação pedagógica, ao dar azo ao embrião de uma metodologia que pode ser denominada Jogos de Contos, que nasce inspirada em outras experiências envolvendo literatura e ensino dos conteúdos da Educação Física e Esporte, como, por exemplo, podemos citar os Contos Motores.

Na aproximação entre literatura e artes marciais, temos a possibilidade de voltar às origens, resgatando à essência das lutas na poética que emana dos seus envolvimento e ambientes relacionáveis.

Como entendo as lutas em geral como jogo, vislumbro no embate do Ser do Jogo com o Senhor do Jogo a epifania poética que emerge da justaposição do ambiente de jogo com o ambiente de aprendizagem.

É neste jogo que as lições são aprendidas! E as lições que podemos aprender com o judô, mais particularmente com a sabedoria de seu idealizador, Jigoro Kano, são imprescindíveis para o jogo/luta e para a vida.

Por fim, neste instigante livro, essas lições, entendidas enquanto princípios do judô, são narradas e vividas por uma turminha muito especial de crianças que moram na comunidade de Massapé. Cada conto, muitos ensinamentos e vivências, coadunando-se a prática do judô, educando a mente a pensar com velocidade e exatidão, ao caminhar suavemente pela vida, aprendendo, concomitantemente, a jogar e a viver.

Excelente leitura a todos!!!

Filosofia do judô pelos contos

Cássia dos Santos Joaquim
Leopoldo Katsuki Hirama
Paulo Cesar Montagner

O judô é uma arte marcial cheia de tradições, em que o respeito e a humildade, permeiam todas elas.

Jigoro Kano³ não é conhecido apenas por institucionalizar técnicas de golpes de projeção, de imobilização, estrangulamentos e chaves, mas também por sua preocupação com os valores morais aprendidos pelos praticantes do judô.

Muitos atletas e apaixonados pela modalidade entram em contato com frases do mestre que são definidas como “princípios” norteadores que, caso consiga compreendê-los e colocá-los em prática, se aproximam do “Espírito do Judô”.

É incerta a origem destes princípios. São frases passadas de *sensei*⁴ para *sensei* que representam o olhar que o judoca deve ter para sua vida, um respeito que vai muito além do judô. Atribui-se à Jigoro Kano a autoria destas lições, mas não encontramos nenhuma descrição direta em suas obras, podendo representar seus pensamentos passados adiante pelos mestres que foram formados por ele. Independente de sua origem, elas são de grande valia e realmente podemos perceber o quanto são representativas pela busca do “Caminho Suave”.

Outro fator relevante, e que nos motivou a escrever este livro de contos é que muitas vezes o praticante apenas decora as frases, não compreendendo-as e muito menos conseguindo fazer um paralelo com sua vida.

³ Jigoro Kano: criador do Judô Moderno.

⁴ *Sensei*: professor em japonês (tradução nossa).

Para sermos mais coerentes, seguiremos as frases que são descritas pelo autor e judoca *Kodansha*⁵ Stanlei Virgílio no seu livro *A Arte do Judô* de 1932. O professor e *sensei* 6º Dan⁶ escreveu outras obras bem relevantes e referenciadas no Brasil, por isso se torna tão pertinente.

As frases descritas por ele como princípios são:

- 1) Conhecer-se é dominar-se, e dominar-se é triunfar;
- 2) Quem teme perder já está vencido;
- 3) Somente se aproxima da perfeição quem procura com constância, sabedoria e, sobretudo, humildade;
- 4) Quando verificares, com tristeza, que nada sabes, terás feito teu primeiro progresso no aprendizado;
- 5) Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário. Ao que veneste hoje, poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância;
- 6) O judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar;
- 7) O judoca é o que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam e paciência para ensinar o que aprendeu aos seus semelhantes;
- 8) Sabercadadiaumpoucomais, utilizandoosaberparaobem, esse é o caminho do verdadeiro judoca;
- 9) Paraticarojudôéeducaramenteapensarcomvelocidadee exatidão, bem como o corpo a obedecer com justeza. O corpo é uma arma cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência.

É importante ressaltar que há lugares que trabalham com mais princípios, em outros, há frases que são mais extensas, e ainda outros cujo significado é o mesmo, mas algumas palavras modificam. No entanto, como professores defendemos que o importante é fazer com que

⁵ *Kodansha*: judocas que estão acima do 6º dan e utilizam a faixa coral que tem a coloração branca e vermelha (tradução e explicação nossa).

⁶ Informação encontrada no site da CBJ (Confederação Brasileira de Judô)

o nosso aluno compreenda de fato as mensagens destas frases, para agir como um verdadeiro judoca não só dentro do *dojo*⁷, mas também no seu dia-a-dia.

Este livro de contos abordará com todos estes princípios, não necessariamente na ordem apresentada pelo professor Stanlei Virgílio. E, além disso, por sua pertinência, também abordaremos a frase: “O adversário é um parceiro necessário ao progresso, a vida da humanidade baseia-se neste princípio”, que também tem sua autoria balizada em Jigoro Kano.

Desta forma, são apresentados dez contos, cada um enfatizando um princípio. Eles são contados a partir das vivências de um grupo fictício de alunos de Judô e seu *sensei*, todos moradores de uma comunidade rural do interior da Bahia (a descrição desta comunidade está logo no primeiro conto, que é a introdução para os demais) O cenário foi inspirado no ambiente onde implantamos um projeto de extensão universitária com o ensino da arte do caminho suave. Os contos foram construídos por professores e alunos do curso de Educação Física da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) participantes deste projeto de extensão.

As lições de Jigoro Kano contidas em nossas histórias podem ser trabalhadas com os judocas de diferentes formas. Sugerimos duas maneiras: deixar que os alunos levem o livro para casa para que possam ler um conto e depois contá-lo para sua turma, ou no próprio encontro de aula, em 5 a 10 minutos, o *sensei* ou outra pessoa disposta, leia um trecho por dia. Sugerimos ainda que seja aberta uma discussão sobre o entendimento de cada aluno sobre a história contada.

O fato de contar apenas um trecho do conto por vez, construindo certo mistério sobre o que acontecerá na história a cada aula, pode con-

⁷ *Dojô*: local de treino, também denominado local de iluminação (tradução e explicação nossa).

tribuir para um fenômeno importante no processo de aprendizagem em geral, que é a busca pelo novo, por avançar no conhecimento, desde que de forma significativa e parazerosa. Portanto, afirmar: "Na aula seguinte tem mais!" pode ter o poder de estimular a criatividade, a imaginação e o desejo para que chegue logo o momento. Qual professor ou *sensei* não gosta que seus alunos estejam sempre ansiosos para sua aula?

Bom, agora só nos resta desejar boa leitura e que aproveitem cada conto, cada personagem, e, quem sabe, transfiram as lições de cada uma destas histórias para sua própria vida, tornando-as sua, e reescrevendo-as com maior significado ainda, afinal, cada um conhece sua realidade e sabe das suas dificuldades e alegrias.

Contos e judô: união possível

Cássia dos Santos Joaquim
Leopoldo Katsuki Hirama
Paulo Cesar Montagner

O conto é um gênero literário dotado de características próprias que, se abordado em aulas de esporte e/ou educação física, pode promover um significado diferenciado ao aluno sobre o conteúdo que está sendo desenvolvido, seja ele atitudinal, procedimental ou conceitual, dependendo apenas da abordagem do professor.

A proposta de trabalhar com contos se deu principalmente pelo encanto que motiva nas pessoas. É só escutar o tom de uma narrativa que algo parece se acender em nós, como se nossa atenção fosse capturada, por isso este gênero foi foco de estudo. Alguns aspectos suscitados podem elucidar os motivos deste encantamento:

O conto encanta pelas características do texto

O gênero literário conto tem características que o distinguem de novelas, ou romances, ou seja, de outras narrativas. Apesar de estar neste grupo ele é dinâmico, curto, trata de um acontecimento pontual da vida do(a) protagonista, parece dotado de movimento, realizado em discurso direto, com linguagem oralizada e uma narrativa linear (SOARES, 2007).

A forma de escrita do conto é simples e breve, tornando-se ainda mais pertinente pelas características dos jovens de hoje que buscam prazer imediato, acostumados com atividades de curta duração e ações significativas para sua vida (BAUMAN, 2001).

A linguagem oralizada aproxima o leitor do narrador (SOARES, 2007) como se contasse diretamente à pessoa, como um papo rápido no

portão de casa, sem a preocupação com o tipo de linguagem, mas com o foco no conteúdo (acontecimento) e no protagonista (personagem principal), porém sem deixar de lado outros detalhes e personagens.

O conto encanta por ser uma narrativa

Jerome Bruner é um psicólogo que estuda a educação e o desenvolvimento infantil pela estrutura cognitiva, e para ele a narrativa tem muita associação com o desenvolvimento da pessoa.

Bruner (2001) propõe que há duas formas através das quais, nós, seres humanos, organizamos e administramos o conhecimento do mundo. Pelo pensamento *lógico-científico*, mais imediato, para tratar do que é concreto (visível), e pelo pensamento *narrativo*, mais especializado, para tratar de pessoas e de suas condições. Para ele ambos são aspectos universais, algo que pertence ao genoma humano, pois, mesmo que apareça de modos diferentes em diversas culturas, é certo que ocorram e são expressões específicas conforme o tratamento que deem a essas formas de linguagem.

Para o mesmo autor a personalidade implica a narrativa, ou seja, quanto mais a pessoa conseguir reproduzir suas próprias histórias em narrativas de si mesmo mais facilidade terá de se autocompreender. Como que, a cada vez que narramos nossas vidas nos construímos como protagonistas e criamos o nosso lugar no mundo. Ressalta que é apenas pela narrativa que um indivíduo pode construir sua identidade e encontrar seu espaço no meio cultural em que vive.

O conto encanta por assemelhar-se às características da criança

As crianças são irrequietas, por isso se interessam por textos em que a todo momento apresenta algo novo, com ação e imprevistos. Por ser curto, tem a duração suficiente para prender a atenção sem entediar,

e por ser realizado basicamente em um local, ela tem a liberdade de imaginar detalhes de uma casa, de um jardim, sem precisar preocupar-se com deslocamentos. Outro fator é que por ocorrer em um período de tempo curto, não precisa se utilizar de sua noção espacial, que ainda é pouco desenvolvida (CUNHA, 1974).

Além disso, a criança é dotada de fantasia, o que a aproxima ainda mais de narrativas em que pode imaginar-se como os personagens bons e maus sem ser julgada por ninguém.

O encanto por ser um construto histórico-cultural

O conto pode ser assim definido por seus aspectos: histórico por sua condição de ser transmitido oralmente e cultural pelas influências e adaptações que trazem de cada local de onde são contados (COELHO, 1987). Este gênero literário é fortemente adaptável e mutável, e por isso resistentes ao tempo, pois quem conta um conto o ressignifica, o interpreta e a cada nova leitura há a compreensão e apreensão de novos valores.

Temos vários exemplos da perpetuação dos contos como as histórias regionais, lendas e até contos de fadas. Todos foram construídos e transmitidos oralmente até ser escrito por alguém, e é exatamente esta mutabilidade e liberdade que um conto apresenta que o mantém em voga.

Este gênero literário tem diversas características como as apresentadas anteriormente, que se associadas ao fato de crescermos ouvindo histórias, revela os motivos de ser tão cativante e tão familiar. Para nós, foi motivo suficiente para torná-lo nosso parceiro no planejamento das aulas.

Com ele já conseguimos encantar nossos alunos e oferecer-lhes os conteúdos que nos propomos a trabalhar de forma parazerosa e com

resultados muito satisfatórios. Afirmamos isso pelas respostas que obtivemos, sendo através das explicações de suas interpretações com suas próprias palavras, ou mesmo pelos gestos e atitudes em aula. Uma das aplicações transformou-se em dissertação de mestrado sobre o ensino da filosofia do judô através do que chamamos de Jogos de Conto que é a apresentação de um conto e, depois, a aplicação de jogos relacionados à história. Percebemos, com o estudo, que o conto influenciou nas decisões do jogo, assim como o jogo influenciou na interpretação do conto, enriquecendo a compreensão de ambos e promovendo um aprofundamento do significado da Máxima *Seiryoku Zenyo*⁸ (JOAQUIM, 2017).

Para além do judô, percebemos que os contos são pertinentes para as aulas de educação física escolar e possível em qualquer outra modalidade esportiva, e nos arriscamos a afirmar, para qualquer idade ou público, basta escolher o texto e qual a forma de contar adequados à faixa etária. Daí o encanto começa.

Saber nossa história, quais os trajetos que nossos ancestrais percorreram seja num todo ou mesmo em nossa própria família, é essencial para a construção de nossa identidade, e os contos podem ser a porta de comunicação com este passado, com as nossas raízes ou mesmo às origens de algo que aprendemos a gostar e nos têm significado.

Segundo Bruner (2001), nós devemos criar uma sensibilidade narrativa, porém ainda não sabemos como. O autor propõe duas formas para desenvolvê-la: a primeira, como já citada anteriormente, conhecendo sua própria história, mitos, contos populares e lendas de sua cultura, pois construirá sua identidade através deles. A outra forma é através da ficção, literaturas diferenciadas, que instiguem o imaginário, do fantástico ao real. O importante é manter-se em contato com as narrativas.

⁸ *Seiryoku Zenyo*: Máxima eficiência e mínimo esforço: um dos principais princípios filosóficos do judô (tradução e explicação nossa).

Mas e quando algo de outra cultura nos cativa? É importante sabermos de sua origem também? Acreditamos que sim. Nosso mundo atual parece não ter mais fronteiras, a globalização permitiu termos acesso a diversas músicas, esportes, hobbies, alimentos, ou seja, hábitos e aspectos diferentes do meio em que vivemos, e é cada vez mais difícil não nos interessarmos por assuntos estrangeiros⁹. Pensamos que a partir do momento que este envolvimento ocorre, o ideal seria conhecer as suas origens para percebermos se é coerente nossa admiração, pois se realmente nos cativou pode ser que passe a fazer parte da nossa identidade.

Para alguns, pode parecer insensato aceitar que algo externo às nossas raízes seja realmente tão importante a ser considerado como algo que nos ajudará a construir nosso lugar no mundo, porém quantos leitores deste livro não tiveram o judô como aliado em sua constituição como pessoa, mesmo não sendo japonês ou tendo qualquer vínculo com seus costumes? Ora, se é algo que nos ajuda a prosperar, por que não aprendermos mais sobre ele? Por que não deixar que nos influencie?

Isso não significa que abandonará seus antepassados, suas tradições e que negará suas raízes, pelo contrário, poderá fortalecer sua história e as crenças que aprendeu a ter em sua cultura. Ampliar o seu olhar poderá até ajudar-te a compreender melhor algumas questões de seu meio.

Uma experiência vivida ilustra bem o que estamos querendo dizer. Certa vez em uma aula de educação física escolar para o 4º ano do ensino fundamental foi trabalhado o judô. No início houve uma breve explanação sobre rituais desta modalidade como a importância de retirar os sapatos para não levar as impurezas do mundo para um lugar que teremos iluminação e ampliaremos nossos conhecimentos, os cumprimentos realizados

⁹ Estrangeira no sentido de fora da nossa cultura, da nossa história, podendo ser da cidade vizinha ou de um país ao nosso extremo oposto.

ao *dojo*¹⁰ e ao professor como forma de respeito, e o cumprimento a Jigoro Kano para agradecê-lo por ter criado esta arte que proporciona encontros como aquele, em que podemos aprender. Posteriormente uma aluna questionou por que no campo de futebol e na quadra de vôlei não tinha a foto do criador destas modalidades, pois ela também queria agradecer.

Este fato traduz bem o que estamos querendo salientar. Esta aluna, quando teve acesso a uma cultura diferente, em que a reverência é uma ação de respeito, ao invés de olhar com preconceito, transferiu este gesto para o seu meio e chegou à conclusão de que devemos agradecer e reconhecer o bem que os outros fazem por nós, mesmo que isso não faça parte da nossa sociedade.

Esta discussão sobre culturas diversas torna-se ainda mais pertinente quando nos referimos ao judô, pois é uma arte repleta de rituais e particularidades, em que a preocupação em promover o desenvolvimento de excelentes judocas dentro e fora do *dojo*, visando uma sociedade mais justa em que todos agissem sempre pensando no outro, era constante.

Na constituição do processo de ensino do Judô adotaram-se condutas filosóficas, morais, históricas e culturais, e elas foram tão enraizadas em sua rotina que ainda as percebemos sendo passadas, de geração a geração, mesmo em sociedades com costumes tão diferentes como a nossa, mantendo vivos alguns princípios e valores.

No entanto, conforme já salientamos anteriormente, tais princípios e lições foram criadas em outro momento e local histórico, e é neste momento que compreendemos a importância dos contos nas aulas como um grande aliado.

Este livro propõe tratar pedagogicamente os valores perpetuados pelo mestre Jigoro Kano, interpretando e adaptando para a realidade

¹⁰ *Dojô*: local de treino, também denominado local de iluminação (tradução e explicação nossa).

brasileira as lições que muitos *senseis* reproduzem até hoje em suas aulas. O tratamento oferecido, ao transformarmos um conjunto de frases filosóficas do Judô em contos tem este objetivo, ou seja, tornar mais próximo tais ensinamentos do contexto vivido por nossos alunos, sejam crianças, jovens ou adultos.

Sendo assim, trabalhar com contos é uma possibilidade de assumir a identidade, é aproximar-se do público ao qual destinamos nossa história, é valorizar a criança por sua imaginação e fantasia, é tornar mais significativo o que para muitos ainda é abstrato. É valorizar e ser valorizado, é ensinar e aprender, é respeitar e ser respeitado, é colocar-se no mesmo nível com humildade, assim como queria o mestre Jigoro Kano, assim como quer o professor preocupado com seus alunos.

Comunidade de Massapê

*Cássia dos Santos Joaquim
Leopoldo Katsuki Hirama*

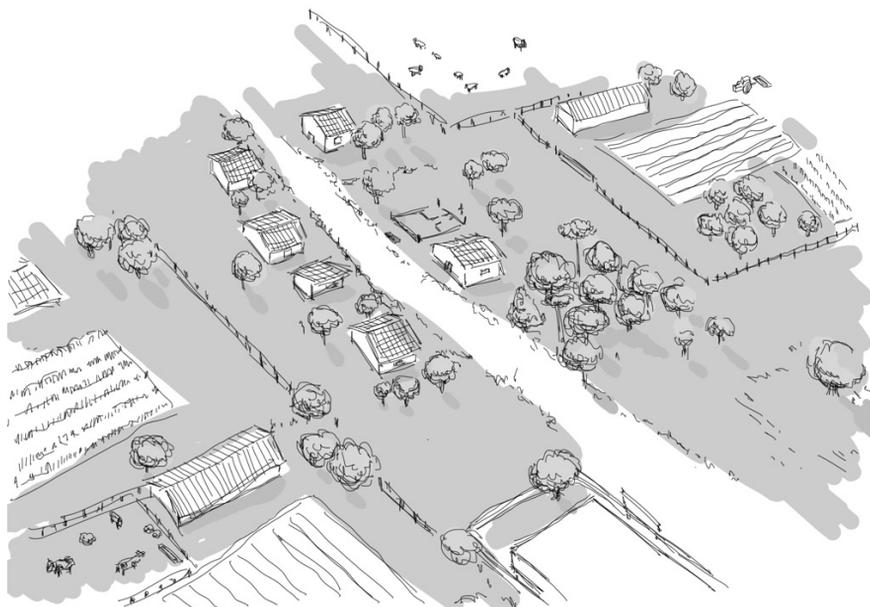


Oi! Eu sou a mãe da Ariane e do Naldo. Todos me chamam de Dona Melissa, e vou apresentar este lugar tão lindo que a gente mora!

Esta é a comunidade de Massapê, onde vivem algumas famílias.

Aqui não é uma cidade. Chamamos de comunidade, pois também não é um bairro.

Quando pensamos em bairro, logo imaginamos algo bem grande, mas aqui é como um pequeno povoado.



Eu nasci aqui, nas mãos de uma parteira. Já faz tempo isso, hoje as mulheres vão para o hospital para ter nenê, mas na minha época não era assim.

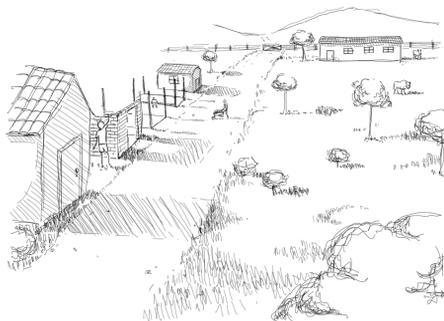
Minha avó sempre me contava como tudo que temos hoje aqui começou. Dizia que um dia um homem pegou uma cerca e colocou em volta de um pedaço de terra bem grande, e chamou um monte de homens para ajudar a cortar as árvores e construir a casa dele.

Daí, esse fazendeiro falou que se aqueles homens quisessem trabalhar para ele podiam construir uma casinha em um lugar que ele mostrou, que podiam até trazer sua família. Claro que eles quiseram, naquela época era tudo tão difícil.

Meu avô conhecia bastante de construção com barro, aliás, a casa que eu moro hoje foi feita por meu avô! A casa grande do fazendeiro não existe mais, um dia ele ficou sabendo de um terreno mais vantajoso para criar boi e foi embora para outra cidade. Aqui ele reclamava que tinha muito morro e daí a carne do boi ficava dura, pois os bichos estavam ficando musculosos. Por isso não estava conseguindo vender o boi por um preço bom. Daí, de uma semana para outra, mandou levarem as coisas dele embora e mandou os homens, inclusive meu avô, destruir a casa toda! E ficou olhando para ver se iam destruir mesmo! Foi um dia inteiro com gente

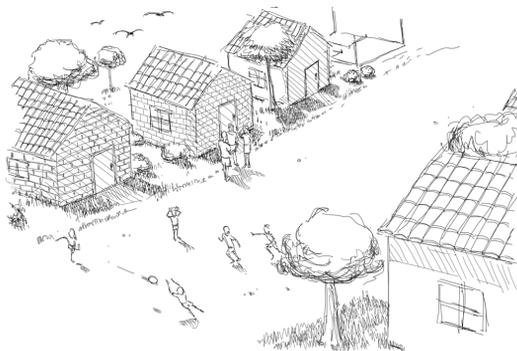
marretando tudo e o fazendeiro sentado na sombra da árvore.

Quando ele foi embora não tinha mais nada da casa, mas minha avó contava que ainda aproveitaram para pegar telhas e madeira que sobraram da construção.



Parece que foi uma fase difícil, segundo falaram, construíram juntos uma escola para as crianças, plantaram umas árvores com fruta, mandioca e verduras, mas que foi um tempo duro para conseguir trabalho em troca de comida.

Ah! Sabe por que aqui chama Massapê? Por causa do barro! Lembra que eu falei que as casas são construídas com o barro? Então, este barro chama Massapê. E como todas as casas aqui eram feitas de barro e tinha muita fartura dele, ficamos conhecidos como a comunidade de Massapê.



O Massapê é um barro escuro, pois tem muita argila nele! Daí quando está bem seco ele fica duro, duro, e quando está muito chuvoso ele fica pegajoso, por isso é ótimo para construir.

Aqui é um lugar bem tranquilo, tem criança brincando na rua, tem muito pássaro e árvore.

Lembro quando o *sensei* Jorge chegou. Não faz muito tempo. Tem uns 3 anos, mas o quanto ele já fez a gente pensar sobre algumas coisas e até mudar de atitude não está escrito.

Ôxe, um dia ele veio na escola perguntar se podia dar aula de judô. A professora ficou desconfiada, mas como ele disse que a escola não teria gasto nenhum que ele já tinha combinado tudo com a prefeitura daí achamos ótimo.

No começo achei ele estranho, pois ele sempre parece estar observando tudo, e fala pouco. Adora andar pela comunidade e ficar tirando



foto de passarinhos. É muito respeitoso. Ele veio de uma cidade vizinha, mas bem maior que a nossa. Achei estranho quando ele chegou. Diz ele que estava buscando um lugar tranquilo para trabalhar e morar

e que aqui é perfeito. Cada um que me aparece! Tanta gente querendo sair daqui e ele mudou para cá. Nossa, mas ainda bem. Nós gostamos muito dele.

Ariane e Naldo, que são meus filhos, melhoraram muito depois que ele chegou com o judô. A Ariane era uma fofqueira só, agora está mais tranquila. Vivia cuidando da vida dos outros e ainda mais do irmão. Mas não posso reclamar, é uma menina que adora fazer amizade e é muito querida e receptiva com todos.



Naldo era muito bravo. E quando os meninos mais velhos abusavam dele, então? Daí que ele ficava chateado mesmo, até entrava em confusão direto por causa disso. E não é que ele está bem melhor agora? Até em casa não está mais dando tanto trabalho para escovar os dentes e tomar banho.

Quase todas as crianças que fazem aula com eles também vi nascer.

Só tem uma menina que não, a Bárbara, que chegou depois que o *sensei*¹¹ Jorge. O pai e mãe dela também vieram por causa do trabalho, daí

¹¹ *Sensei*: professor em japonês (tradução nossa).



não quiseram morar no centro da cidade, preferiram morar aqui mais retirado. Eles disseram que é muito barulhento lá. Eu também acho!

Bárbara é uma menina meio diferente. Vive de cabelo preso e nunca vi de vestido ou saia. Ela fala que não gosta. É muito dedicada ao judô e muito carinhosa com todo mundo. Mas pense em uma menina com cara de brava, mas é só a cara, viu?



Ariane e ela são muito amigas desde que ela chegou, apesar de serem bem diferentes.

Kiko é meu sobrinho. Um menino teimoso mas dedicado ao judô. É bem inteligente e esperto pois ganha bastante medalhas no judô. Mas não tem a mesma dedicação na escola. É meio preguiçoso. É um menino de coração bom, só fica meio bravo vez ou outra, mas depois passa.



Já Alvinho é o menino mais alto aqui da comunidade. Ele é comprido mesmo! Gosta tanto das aulas do judô que fica até inventando treinos sozinho. É dedicado na escola e em tudo

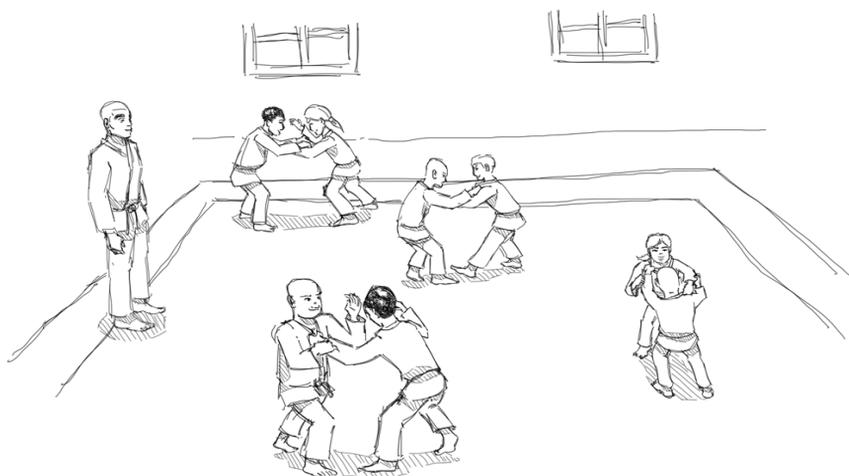
que faz. Um menino muito bom, que acaba ajudando bastante aos outros.



Há outras crianças na aula do *sensei* Jorge, mas estes são os meus queridos. Pensa em uma turminha que vive junto!

Depois que o Judô chegou eles se uniram ainda mais. Toda terça e quinta é uma correria só, pois vão à escola pela manhã, retornam para almoçar e logo voltam para a escola para treinar, às vezes ficam de bate papo e só chegam ao anoitecer. Finjo que estou brava, mas na verdade não ligo, pois eles são ótimos e criança tem que se divertir, né?

Bom, vocês querem saber mais de cada um? Então nas próximas páginas vocês verão situações que ocorreram com eles que o *sensei* Jorge sempre fala que foram momentos importantes para todos serem como são, além de crianças, judocas exemplares!



O desafio

Alex Almeida da Silva
Cássia dos Santos Joaquim

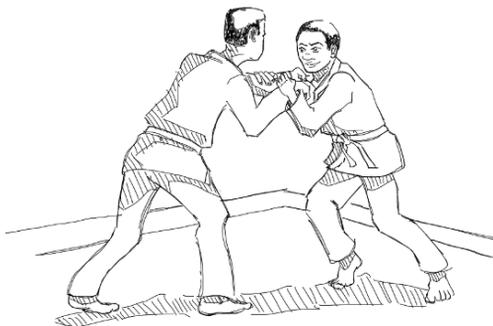
O conto a seguir é baseado no princípio “Quem teme perder já está vencido”, frase atribuída a Jigoro Kano como um dos preceitos que compõem o Espírito do Judô (VIRGÍLIO, 1994, p.24).

O conto a seguir é baseado no princípio “Quem teme perder já está vencido”, frase atribuída a Jigoro Kano como um dos preceitos que compõem o Espírito do Judô (VIRGÍLIO, 1994, p.24).

A comunidade de Massapê passou a ser conhecida na cidade toda por causa da sua escola de judô. Não apenas pelos judocas habilidosos que haviam lá, mas também pelos bons exemplos de dedicação e respeito que demonstravam quando participavam de algum torneio, ou mesmo na escola em que estudavam. Até os moradores de Massapê reconheciam o judô e o *sensei* Jorge como os grandes responsáveis por tantas mudanças.

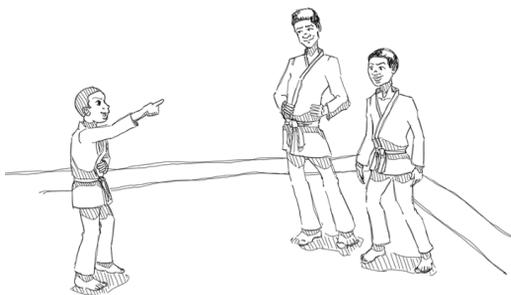
Dedicados, os alunos vinham treinando constantemente, pois se aproximava a data do Festival de Judô que seria realizado em uma cidade perto da capital. Era a primeira vez que a maioria deles teria a oportunidade de participar de um evento grande como este.

Alvinho, como sempre, vinha se destacando nos treinamentos e, por isso, Kiko adorava treinar com ele, pois apesar de Alvinho ser bem maior,



os dois possuíam quase o mesmo peso, o que tornava todas as atividades equilibradas, até mesmo nos *randoris*¹² ou *shiais*¹³.

Naquela turma havia outros alunos, com destaque para Ariene, Bárbara e Naldo. As meninas também adoravam realizar disputas entre elas durante os treinos.



Ariene era menor e menos forte que Bárbara e sempre levava desvantagens, mas nada que a fizesse não aceitar os desafios propostos pelo *sensei* Jorge durante os treinamentos. Já Naldo adorava provocar Kiko e Alvinho mesmo sendo mais novo e menor, e no treino daquele dia não foi diferente:

– Ei Kiko, ei Alvinho, como está chegando o dia do Festival, o *sensei* Jorge deve nos liberar para realizarmos *randoris* ou até mesmo *shiais*. Vou pedir para fazer com um de vocês e dessa vez tenho certeza que vou vencer qualquer um dos dois.

– Até parece, Naldo! – responderam os meninos simultaneamente.

– Ah, é? Hoje vocês vão ver, eu irei ganhar! – retrucou Naldo até estufando o peito e andando com olhar de sonhador, já se imaginando com o *sensei* erguendo seu braço para apontá-lo como campeão, mas Kiko o resgata deste sonho quando afirma:

– Estou treinando muito para o Festival, Naldo. E não é você quem vai conseguir me vencer. Talvez hoje eu consiga até ganhar todas do Alvinho! – aproveitando a oportunidade para provocar Alvinho.

¹² *Randori*: atividade semelhante ao combate formal mas com menos intensidade (tradução e explicação nossa).

¹³ *Shiai*: combate propriamente dito, como em um campeonato (tradução e explicação nossa).

– Então vamos esperar para ver se o *sensei* Jorge vai fazer *randori* ou *shiai* para eu te provar – retrucou o incansável Naldo.

– Está certo. E você, Alvinho, o que acha? – perguntou Kiko, brincando com Naldo, fazendo cara de pouco caso.

– Quero ver essa luta de vocês, mas dessa vez não tenho certeza se o Kiko vai ganhar, pois você parece estar muito confiante, Naldo.

– E estou mesmo, Alvinho!

Os dois tinham ficado muito empolgados com a possibilidade de um desafio entre eles durante aquele treino. Como se tivesse lido seus pensamentos, o *sensei* propôs então que os alunos comesçassem a realizar *shiais*.

A primeira dupla a participar da atividade seria Kiko e Naldo. Os dois comemoraram com muita empolgação. *Sensei* Jorge deu um leve sorriso e pediu para que eles fossem ao centro do *shiai*¹⁴.

– Agora você vai ter a oportunidade de tentar ganhar, Naldo! – provocou Kiko.

– Terei e irei conseguir! – respondeu Naldo com muita convicção.

– Isso é o que você pensa! Bom, ainda está em tempo de você desistir – retrucou Kiko olhando para Naldo e sorrindo.

– Nem pensar e vamos logo começar!

Naldo estava tão ansioso que partiu para cima de Kiko, que teve que intervir:

– Ei, espere o comando do *sensei*! – disse Kiko com um pequeno sorriso no rosto por causa da ansiedade do amigo.

– Verdade! – e abaixou a cabeça com um pouco de vergonha por estar demonstrando sua agitação.

Sensei Jorge se aproximou deles, pediu para que se cumprimentassem e deu o comando: – *Hajime*¹⁵!

¹⁴ *Shiai*: área de luta, espaço destinado à competição (tradução e explicação nossa).

¹⁵ *Hajime*: comando que significa iniciar combate ou atividade (tradução e explicação nossa).

Naldo foi afoito para cima de Kiko que aproveitou-se de sua força e o derrubou na marra. Como era ligeiro, Naldo conseguiu girar o corpo no ar e caiu com a lateral das costas no *shiai*. *Sensei* Jorge considerou um *wazari*¹⁶. Ainda no chão, Naldo conseguiu se virar rapidamente e Kiko não teve oportunidade de imobilizá-lo.

- Falei que não iria perder para você, Naldo! – provoca Kiko.
- Não cante vitória antes da hora, não terminamos a luta ainda.



E, com os dois em pé, o embate recomeçou. Dessa vez foi Kiko que tomou a iniciativa e foi para cima de seu amigo conseguindo realizar uma boa pegada. Num descuido de Naldo, ao tentar afastá-lo o empurrando, Kiko aplicou um *ippon seoi nage*¹⁷. E mesmo

antes do *Sensei* Jorge falar, os dois já sabiam que tinha sido perfeito e Kiko saiu comemorando seu *ippon*¹⁸.

- Falei que iria vencer você novamente, Naldo!
- É, e conseguiu, Kiko! Mas da primeira vez você só usou sua força.

Já na segunda eu nem tive tempo de pensar em sair! Nossa, se você lutar como fez agora comigo, vai ganhar de todo mundo!

¹⁶ *Wazari*: pontuação no combate que é dado a uma projeção quase perfeita. Dois *wazaris* representam um *ippon*. (tradução e explicação nossa).

¹⁷ *Ippon seoi nage*: tipo de golpe classificado como técnica de braço e mão, utilizando-se também do quadril, girando o oponente por cima das costas (tradução e explicação nossa).

¹⁸ *Ippon*: pontuação máxima em uma luta, que se conquistada o atleta vence instantaneamente. O *ippon* ocorre quando o atleta derruba o adversário de forma rápida tocando as costas dele inteira no chão (tradução e explicação nossa).

– Obrigado Naldo, mas sei que no Festival vão ter garotos muito melhores que eu. Não poderei ficar usando apenas minha força.

Alvinho se aproxima e intromete-se na conversa:

– É verdade Kiko, mas você só precisa ficar concentrado. E se você for perder será para mim, se lutarmos na mesma categoria.

E todos os três riram juntos.

A aula continuou e todos tiveram oportunidade de lutar várias vezes naquele dia. Ao final todos foram liberados para ir embora, com exceção de Kiko, pois *sensei* Jorge perguntou se poderia conversar com ele. Os dois se sentaram em um banco ao lado do *dojo*.

– Kiko, você está muito ansioso para o Festival?

– Sim, *sensei*, quero muito participar.

– Mas você só quer participar?

– Eu sei que o importante é competir *sensei*, mas também quero muito ganhar.

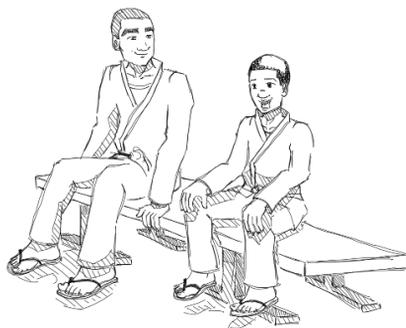
– Tinha certeza disso, Kiko. E tenho percebido por sua dedicação nos treinos. Você acha que isso será possível? Você sabe que haverá judocas muito bons lá, não sabe?

– Sei sim, *sensei*, me disseram que até alguns campeões estaduais participam desse Festival.

– É verdade e você acha que está pronto para vencer judocas tão fortes?

– *Sensei*, porque você está me perguntando isso?

– Me responda primeiro Kiko, você acha que seria capaz de vencer o Festival?



– *Sensei*, lembro que uma vez o senhor nos contou a história do Bambu e da Jaqueira¹⁹. Se eu conseguir levar os ensinamentos dessa história para as minhas lutas tenho certeza que eu conseguirei vencer qualquer um durante o Festival. Só que às vezes acabo tentando ganhar na força mesmo.

– Obrigado Kiko, era isso que eu precisava saber e fico muito feliz por você ainda se lembrar dessa história que eu contei há tanto tempo.

– Obrigado ao senhor, *sensei*, por nos ensinar tanta coisa.

Sensei Jorge deu um sorriso e disse:

– Agora você pode ir para sua casa e me desculpe por não ter te liberado para ir com os seus amigos.

– Não se preocupe, gosto muito de conversar com o senhor. Boa noite, *sensei*!

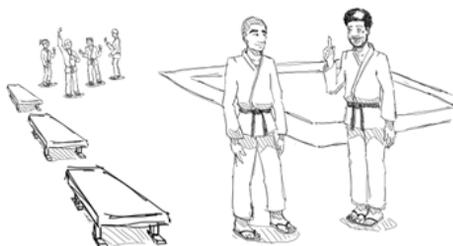
– Boa noite para você também, Kiko. E vá direto para sua casa!

Kiko sorriu e acenou para *sensei* Jorge quando passou correndo pelo portão da escola, tentando alcançar seus colegas. Ele correu bem rápido e conseguiu ouvir sobre o que estavam conversando. Faltava apenas três dias para o Festival e todos estavam muito ansiosos, não conseguiam falar de outra coisa. O que chamava mais atenção entre eles é que, apesar de todas as suas diferenças, todos tinham se tornando grandes amigos, fato que era muito admirado pela Comunidade.

No dia do Festival todos chegaram 20 minutos antes do horário programado pelo *sensei* Jorge. A viagem foi muito tranquila, apesar da ansiedade que estavam sentindo.

¹⁹ A jaqueira e o bambu: conto adaptado do Carvalho e o Bambu. A jaqueira foi utilizada por ser conhecida dos alunos de Massapê. Ela é uma personagem altiva, rígida e orgulhosa que ridiculariza o Bambu, que se enverga humilde, à menor brisa. No entanto, quando uma forte ventania atinge as duas, a Jaqueira, por não estar acostumada a se curvar, acaba sendo derrubada inteira e o Bambu se mantém em pé.

O primeiro aluno a lutar foi Alvinho. Ele apresentou algumas dificuldades no início, mas conseguiu vencer com certa facilidade, ainda mais com o apoio de seus amigos, que acompanharam o embate e estavam torcendo por ele.



Bárbara, Ariene e Naldo lutaram todos ao mesmo tempo e todos conseguiram vencer, Kiko fez sua primeira luta logo depois e também venceu.

Os alunos comemoraram muito as suas vitórias. O *sensei* reuniu todos e falou que estava muito feliz com o desempenho deles, mas que as lutas mais difíceis ainda estavam por vir. Aconselhou a continuarem com o mesmo empenho, mas com ainda mais atenção.

As lutas seguintes aconteceram todas ao mesmo tempo, Bárbara e Alvinho venceram com muita dificuldade, Naldo e Kiko também conseguiram vencer, mas Ariene perdeu e começou a chorar. *Sensei* Jorge foi conversar com ela que rapidamente parou e foi torcer por seus amigos.

Houve mais uma rodada de lutas, nesta Naldo não resistiu, porém Bárbara, Alvinho e Kiko venceram e foram campeões de suas categorias.

Enquanto comemoravam os resultados, um *sensei* de outra academia veio até o *sensei* Jorge e falou que tinha um aluno que lutou uma única vez e tinha sido campeão da sua categoria, pois nela só havia dois participantes. Este *sensei* gostaria de dar outra oportunidade de luta para seu aluno, mas não tinha achado mais ninguém para lutar. Desta forma, propôs ao *sensei* Jorge um combate entre o garoto e um de seus alunos. O problema era que o menino era maior e aparentemente mais forte que

todos da comunidade do Massapê, então ele falou que preferia conversar com os seus alunos antes de lhe dar uma resposta.

Novamente *sensei* Jorge reuniu a todos e, antes de tudo, os parabenizou pelos combates que haviam realizado. Falou que todos tinham lutado muito bem e que o que aconteceu com Ariene e Naldo era totalmente normal. Depois chamou Kiko para conversar separadamente:

– Kiko, você se lembra da conversa que tivemos antes de irmos para o Festival?

– Claro que sim, *sensei*.

– Então, eu gostaria que você fizesse mais uma luta.

– Contra quem, *sensei*?

– Contra aquele garoto faixa verde que está ao lado de seu *sensei* – *Sensei* Jorge mostra o menino apontando.

– Mas, *sensei*, ele é muito mais alto do que eu e também é faixa verde! Se tem alguém que pode vencê-lo é o Alvinho, que é bem melhor do que eu e até mais alto.

– Certo, Kiko. Mas estou pedindo a você, pois acredito que pode realizar um bom combate. E lembre-se, é apenas uma luta.

Kiko abaixa a cabeça e fica pensativo. Lembrando da conversa que teve com o *sensei* na última aula, responde:

– Se o senhor confia em mim, eu irei lutar e farei o melhor possível.

– Isso mesmo, Kiko, é assim que se fala.

Sensei Jorge foi em direção ao outro *sensei* e falou que aceitava o desafio. Os dois alunos foram para o *shiai* acompanhados por todos os alunos das respectivas academias. Ao comando do juiz a luta começou.

O garoto logo se aproximou de Kiko e tentou derrubá-lo no primeiro golpe, mas Kiko conseguiu livrar-se com facilidade. A luta continuou e dessa vez foi Kiko que conseguiu se aproximar e realizar uma excelente

pegada, mas não teve êxito na aplicação de nenhum golpe. Os alunos das duas academias torciam com entusiasmo e a luta ficava cada vez mais interessante.

Ambos estavam realizando enorme esforço para resistir aos deslocamentos impostos um ao outro, deixando a luta bastante truncada. Kiko percebeu que possivelmente não conseguiria ganhar usando apenas a força e, de repente, se lembrou da história do bambu e da jaqueira que o *sensei* Jorge havia contado. Decidiu, então, diminuir a resistência na sua pegada e deixar o garoto deslocá-lo.

Assim que seu oponente sentiu que Kiko tinha afrouxado a resistência, achou que seria mais fácil empurrar para derrubá-lo e, agindo desta forma, foi surpreendido por um *tai otoshi*²⁰ tão bem aplicado, que resultou diretamente em um *ippon*.

Nem mesmo Kiko acreditou no que tinha feito. Logo após cumprimentar seu adversário e sair do *shiai*²¹, todos seus amigos vieram abraçá-lo comentando como ele tinha utilizado a força do outro menino a seu favor.

Sensei Jorge se aproximou e Kiko saiu do meio dos seus amigos para cumprimentá-lo. Ao invés de saudá-lo com reverência, *sensei* deu um abraço bem forte e disse:

– Kiko, não estou feliz por sua vitória, quer dizer, deixa eu me explicar melhor... Estou feliz por sua vitória, mas estou muito mais feliz por você ter aprendido um princípio de Jigoro Kano: “Quem teme perder já está vencido”. Você foi corajoso e em nenhum momento demonstrou não acreditar que poderia vencer. Estou muito mais orgulhoso por sua atitude do que por sua vitória. Obrigado por este momento!

Kiko não conseguiu falar nada, apenas abraçou o *sensei* Jorge bem forte e seus olhos se encheram de lágrimas pelo misto da vitória e reco-

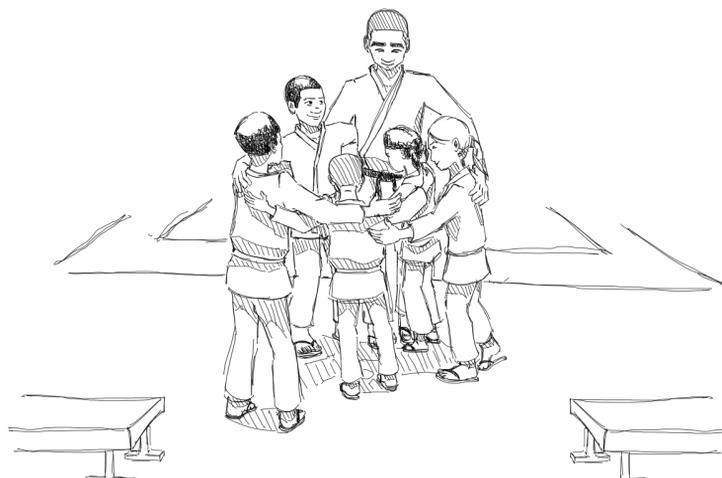
²⁰ *Tai otoshi*: golpe de perna (tradução nossa).

²¹ *Shiai*: área de luta, espaço destinado à competição (tradução e explicação nossa).

nhecimento do *sensei*. Eles ficaram abraçados por um longo tempo e só se soltaram quando Naldo gritou:

– Eu também quero um abraço! – e saiu correndo e abraçou os dois bem forte.

Os outros alunos riram e também correram. Todos cercaram *sensei* Jorge em um forte abraço e agradeceram a ele pelo dia de aprendizados que tiveram.



Acabando com as surras

*Adriana dos Santos
Cássia dos Santos Joaquim*

O conto a seguir é baseado no princípio “Somente se aproxima da perfeição quem a procura com constância, sabedoria e, sobretudo, humildade”, frase atribuída a Jigoro Kano como um dos preceitos que compõem o Espírito do Judô (VIRGÍLIO, 1994, p.24)

Quem conhece Naldo e Ariene hoje, não iria reconhecê-los há cerca de dois anos.

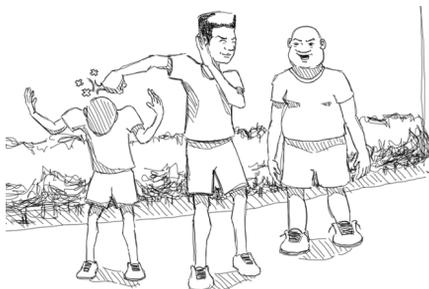
Ariene morava em um sítio com sua mãe Dona Melissa, seu pai Patião e seu irmão Naldo. Dona Melissa levantava todos os dias às 5h para acender o fogão de lenha, fazer o café, buscar água no poço e colocá-la no caldeirão para esquentar. Eles ainda não tinham energia, nem água encanada. Enchia o balde de água morna para os filhos tomarem banho e os chamava:

– Naldo, Ariene, hora de levantar para se arrumar e ir à escola!

Naldo e Ariene levantavam logo, todos tomavam café juntos. Então seu pai saía para trabalhar na lavoura, e, em seguida, os dois irmãos também partiam.

A escola da comunidade era multisseriada do 1º até o 5º ano do ensino fundamental, ou seja, tinha alunos de todos os tamanhos e idades. Nos primeiros anos de escola de Naldo e Ariene, sempre que alunos maiores brincavam junto com menores, eles eram derrubados, levavam cascudos e eram esnobados.

Naldo era um dos mais novos e tinha temperamento nervoso, o



que chamava a atenção para provocações. Já Ariene era mais tranquila, apesar de chorona e fofocqueira, porém quando seu irmão entrava em confusão, ela logo enfrentava quem fosse.

Mas Ariene, mesmo depois de resolver tudo com o irmão, sempre chegava em casa e fofocava:

– Mamãe, Naldo brigou hoje de novo – assim que entrava, nem dando tempo para Naldo falar qualquer coisa ou se justificar.

A mãe chamava Naldo e conversava:

– Filho, a mamãe já falou para não brigar na escola.

– Já falou, mamãe. Mas são os meninos que começam – Naldo sempre respondia da mesma forma.

– Pois eu não quero mais saber de confusão. Se amanhã você brigar, vai ficar de castigo.

E assim encerrava a conversa. Porém, no outro dia, a mesma rotina na casa. Naldo e Ariene iam para a escola e mais uma vez Naldo brigava. Ariene chegava em casa e antes mesmo de falar oi, fofocava:

– Mamãe, Naldo brigou!

– Naldo, venha aqui, agora! Eu não falei que se brigasse ia ficar de castigo? Pois bem, hoje vai estudar a tabuada. A casa do 4. Quando chegar do trabalho, tomo a lição!

O pai, Seu Patião escutava a conversa e falava:

– Eu já disse que não quero saber de desavença, mas se chegar em casa e ficar sabendo que apanhou, vai ficar de castigo! Já está avisado.

Certa vez, Ariene ficou



pensando em como ajudar o irmão, pois os meninos eram maiores, mais velhos e muito mais fortes que Naldo. E se ele se metesse em confusão novamente, iria apanhar na rua e ainda tomar a maior bronca do pai.

Após pensar e não ter muito sucesso foi falar com o pai:

– Papai, os meninos batem em meu irmão e às vezes batem em mim também, só que são muito fortes. O que eu faço?

– Minha filha, o certo é não brigar. Mas podemos ver alguma atividade que os ensine a se defender.

– Ah, papai! Vai ter aula de judô, dois dias na semana, lá na escola. Mas será à tarde.

– Ótimo, filha. Assim você pode aprender a se defender e defender seu irmão também. Vamos para a reunião ver como faz para matricular vocês, está bem?

No dia seguinte, feita a matrícula, Naldo fica todo feliz e diz:

– Agora eu quero ver quem vai me bater!

O pai de Naldo escuta o comentário do filho e fala:

– Eu não quero mais que filho meu chegue em casa reclamando que apanhou. Veja se agora aprende que homem não leva desaforo para casa.

A mãe de Naldo escuta tudo de longe, depois o chama de lado e conversa em um tom bem tranquilo, para que seu filho reflita um pouco:

– Meu filho, a gente precisa aprender a ser humilde. Não podemos ser destaque em tudo.

– Mas, mamãe! – reclama Naldo, sem concluir qualquer ideia, ou justificar seu desapontamento. Apenas abaixa a cabeça e continua ouvindo sua mãe.

– Filho, vou colocar você no judô para ficar mais esperto, inteligente. Não é para sair brigando com seus colegas.

– Está bem, mamãe.

Naldo vai brincar com seus amigos na rua e quando volta seu pai

está tomando café na porta da casa. Logo que entra, lhe fala coisas totalmente contrárias às que disse sua mãe:

– Naldo, você vai fazer judô e não quero vê-lo chegar em casa depois de ter tomado uma surra. Você vai aprender o judô e dar uma lição naqueles moleques, entendeu? Senão você vai se ver comigo!

Naldo sentiu-se confuso com os discursos tão diferentes do pai e da mãe, por isso resolveu escolher aquele que mais lhe agradava, decidiu que iria aprender a bater nos meninos maiores. Até conseguia imaginar um grandão vindo tirar sarro, ou o mandando levar o parato da merenda para a cozinha, só porque ele é pequeno e mais novo. Naldo pegaria o braço do grandão e o torceria até ele chorar. Os outros ficariam com medo, sairiam correndo, e nunca mais ninguém iria chateá-lo.

Após alguns dias, chega finalmente o tão esperado treino de judô. Na primeira aula foram Naldo, Ariene e outros colegas da sala. Por não conhecerem o professor e estarem ansiosos, todos os alunos chegaram antes do horário de iniciar, porém o *sensei*²² já estava na Escola.

Sensei Jorge gostou da pontualidade dos alunos e reforçou que, assim como neste primeiro encontro, em todos os outros os alunos deveriam chegar no horário marcado, para conseguir realizar uma aula de qualidade. Explicou que no judô há um ritual de início, e quem não participasse não poderia entrar no *dojô*²³, muito menos fazer as atividades.

Sensei Jorge explicou também que conseguiu tatames²⁴ e uma sala da escola, porém todos os dias deveriam montar e desmontar tudo, e que era muito trabalho para uma pessoa sozinha, mas se todos ajudassem a

²² *Sensei*: professor em japonês (tradução nossa).

²³ *Dojô*: local de treino, também denominado local de iluminação (tradução e explicação nossa).

²⁴ Tatame: piso para a prática de algumas lutas como o judô (tradução e explicação nossa).

retirar as carteiras e montar o *dojô*, fariam isso em pouco tempo. Ele aproveitou para explicar que seria importante limpar o tatame, pois há atividades de solo e não seria higiênico ficar com o rosto em contato com um local sujo.

Combinaram então que no horário marcado todos deveriam ajudar a montar e limpar com um pano úmido o *dojô*, mantendo o ambiente sempre organizado.

Junto com outros alunos, *sensei* Jorge varreu a sala, passou pano e ensinou como montar o tatame. Mostrou onde estavam os baldes com panos para a limpeza do *dojô* e perguntou se os alunos se importavam que ele fosse separar os kimonos que havia conseguido para que eles fizessem a aula. Os alunos mais velhos responderam:

– Claro que não professor, pode deixar que faremos tudo aqui.

Assim que *sensei* Jorge saiu, estes mesmos alunos falaram em tom de ordem:

– Os pirralhos limpam tudo – deram risada e foram sentar.

Ariene, com pena do irmão, também foi ajudar a limpar. Mas Kiko, um dos mais velhos, falou:

– Ariene, o que você está fazendo aí?

– Eu não acho justo só os menores limparem o tatame, então vou ajudar meu irmão – Ariene respondeu já um pouco irritada.

– Ariene, quem vai limpar o tatame são os alunos menores, então você pode sair daí, ouviu? – Kiko também ficou irritado, pois percebeu a irritação de Ariene e porque não gostou de ser contrariado.

Ariene ficou ainda mais brava, porém conhecia Kiko e sabia que ele era de ficar no pé tirando sarro quando alguém não fazia o que ele mandava. Então resolveu se proteger, mas fez questão de mostrar seu descontentamento:

– Tudo bem, mas eu não acho justo.

Ariene saiu do tatame encarando Kiko e este cutucou seus colegas e deu risada olhando para ela.



Em seguida, *sensei* Jorge retornou com os *kimonos* e explicou que os emprestaria até que todos conseguissem adquirir um. O *dojô* já estava limpo e todos esperavam do lado de fora.

Eles receberam o *judogui*²⁵ e o vestiram para fazer o ritual de início. Após isso, *sensei* pediu que todos se sentassem em círculo para dar continuidade à aula. Perguntou o nome de cada um e, neste momento, Kiko interrompeu:

– *Sensei*, como vamos treinar sentados?

– Kiko, o treino de judô não ocorre somente com o aprendizado da aplicação de golpes, mas também com momentos de entendimento sobre a ética, o comportamento, entre outros pontos importantes que compõem o judô... Mas, hoje quero falar especificamente do *dojô*.

Então o aluno Alvinho perguntou:

– O *dojô*? Mas o que é que tem o *dojô*? Está limpo e em ordem.



Sensei Jorge o olhou e continuou:

²⁵ *Judogui*: Vestimenta (kimono) própria a prática do judô (tradução e explicação nossa).

– Quero mesmo falar sobre a limpeza do *dojô*, Alvinho. Não que ele esteja sujo, muito pelo contrário, quem o está limpando está tomando bastante cuidado para deixá-lo em ordem e fico muito feliz com isso, porém, notei que só os alunos mais novos realizaram esta tarefa. Gostaria de saber por quê?

Kiko, sem entender como ele sabia daquilo, respondeu:

– *Sensei*, porque somos mais velhos, então é obrigação dos menores limpar.

– Mas quem usa o *dojô*? – perguntou o *sensei*.

– Todos nós! – responderam vários alunos ao mesmo tempo. Ariene aproveitou para encarar Kiko.

– Se todos nós usamos, é justo apenas alguns limparem? Vou fazer outra pergunta: quem ajuda a mãe nas tarefas de casa?

As meninas levantaram as mãos e os meninos deram risada, menosprezando a pergunta do professor. Kiko comentou:

– *Sensei*, tarefa de casa é coisa de mulher, minha mãe fica em casa o dia inteiro para isso!

Apesar da surpresa e do desapontamento com o comentário, *sensei* Jorge não se alterou, manteve sua tranquilidade serena de sempre e comentou:

– Percebo que você tem uma mãe em casa, Kiko!

– Claro que tenho! – Kiko riu sem compreender o porquê de *sensei* Jorge falar daquela maneira. Então *sensei* Jorge percebendo a indagação de Kiko, completou seus pensamentos:

– Que bom, Kiko. Sabia que tem várias crianças que não tem mãe? E como fazem?

Sensei Jorge, para que todos compreendessem, não apenas Kiko, falou:

– Sabe pessoal, acredito que quando gostamos de alguém devemos demonstrar para esta pessoa o quanto a achamos importante. A mãe cuida da casa e cozinha com muito amor, faz até coisas desnecessárias, como um bolinho de fubá de vez em quando, e na verdade, ela faz isso para demonstrar que somos importantes para elas. E o que damos em troca? Será que não podemos ajudar a lavar a louça, ou varrer a casa, ou mesmo arrumar a cama quando acordamos? Moramos todos na mesma casa, todos comem, dormem e descansam na mesma casa, é justo apenas uma pessoa cuidar? Qual a impressão que passamos? Na verdade, acredito que todas as tarefas de casa deveriam ser divididas, como aqui no judô. É justo apenas um grupo de alunos limpar, sendo que todos utilizam o espaço? Será que o judô é importante apenas para alguns? Como a casa de vocês. Será que ela é importante apenas para as suas mães?

Apesar daquele monte de perguntas, os alunos pareceram compreender a explicação de *sensei* Jorge, então combinaram que a partir daquele momento seria obrigação de todos manter o espaço e o *dojô* limpo, além de organizado, ficando a cada semana um grupo responsável por uma tarefa.

As semanas se seguiram e sempre *sensei* Jorge apresentava assuntos diferentes a cada aula como higiene, organização, dedicação, respeito, humildade, e já era notório algumas mudanças. Kiko se aproximou de Alvinho e Naldo, deixando seus antigos amigos irritados. Ariene e Naldo também estavam diferentes e seus pais sempre procuravam saber o que estava acontecendo.

Seu Patião perguntava constantemente o que Naldo já havia aprendido e se havia experimentado em uma briga. Passaram-se alguns meses e Naldo não tinha brigado mais. Até que um dia Ariene chegou em casa e falou para seus pais:

– Naldo brigou hoje.

O pai perguntou empolgado:

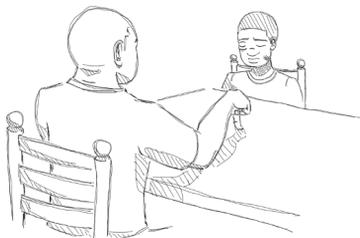
– E aí meu filho, como foi? Conseguiu aplicar aqueles golpes que você aprendeu?

Naldo respondeu:

– Não meu pai, infelizmente eu não consegui.

O pai, desapontado, elevou o tom de voz:

– Mas não é possível! Como é que você continua apanhando? Então não adiantou eu ter te colocado no judô? Essa semana não posso faltar no trabalho, mas vou falar com meu patrão para me liberar uma tarde na próxima semana e vou lá conversar com seu professor de judô. Será que ele não sabe ensinar nada a vocês? Isso é um absurdo!



Seu Patião colocou Naldo de castigo, não esquecendo da promessa, e ficou resmungando irritado pela casa.

No dia seguinte estava muito quente. Quando Naldo e Ariene retornavam para casa, após a aula da manhã, pararam em um pé de cajá²⁶ que tinha na beira da estrada. Além de aproveitar a sombra, também colheram alguns frutos para chupar e ficaram por lá, pois sabiam que quando chegassem em casa encontrariam o pai irritado. Isso atrasou toda a sua rotina:

– Vixe, Ariene, se não formos embora vamos chegar atrasados no judô – Disse Naldo percebendo que já estavam lá fazia bastante tempo.

– Tem problema não, o *sensei* deve deixar a gente fazer a aula

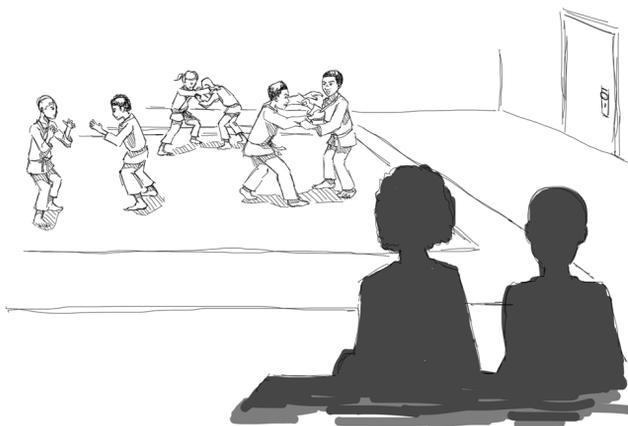
– Mas está na hora de ir – disse Naldo.

²⁶ Cajá: fruto da cajazeira (*Spondias mombin*) também chamada de ambaló, ambaró, cajá-mirim, cajazinha, tapareba, taperebá, taperibá ou tapiriba.

Caminharam os dois pela estrada. Foram para casa, almoçaram, se arrumaram e, quando chegaram na escola, a aula de judô já havia começado. Mesmo assim, pediram para o *sensei* deixá-los participar, mas ele não permitiu. Disse que poderiam apenas assistir. Ariene ficou triste por não poder fazer a aula e começou a chorar, mas Naldo a consolou dizendo:

– Não chora, Ariene. Na próxima vez teremos mais cuidado, chegaremos mais cedo e faremos a aula.

E ficaram os dois observando. Após terminar a aula foram para casa, pensando no treino que não haviam feito.



Na aula seguinte, Naldo e Ariene saíram da escola e foram imediatamente para casa. Almoçaram, pegaram seus kimonos e chegaram antes de todos. Como o *sensei* já havia chego, o cumprimentaram e começaram a conversar. Naldo pensou sobre a situação que vivia na escola e quis aproveitar os conselhos do *sensei*:

–*Sensei*, têm uns colegas da escola que sempre me provocam, só que eu sou mais novo e fraco, sempre acabo levando uma surra. Como faço para ganhar deles?

– Naldo, um judoca de verdade não briga na rua, não escuta provocações – respondeu *sensei* Jorge.

– Mas, *sensei*, eu fico nervoso e com raiva.

– Naldo, a raiva é um sentimento ruim e, além do mais, é um desperdício de energia que só vai fazer mal à você.

Na semana seguinte os irmãos chegaram mais cedo que todos, como começaram a fazer a partir do dia que perderam a aula por causa do atraso. No entanto, desta vez estavam acompanhados de seu pai. Seu Patião cumprimenta o professor e explica os motivos de sua visita:

– Boa tarde, professor. Eu vim conversar com o senhor, pois eu coloquei meu filho no judô para aprender a se defender. Mas, pelo visto não adiantou nada. Semana passada ele chegou em casa após tomar uma surra e eu não aceito isso. Por isso quero que o senhor me explique o que anda ensinando para esse moleque, pois ele não soube se defender.

O *sensei* cumprimenta Seu Patião e sorri, querendo demonstrar que está feliz por ele estar ali, independente do motivo:

– Seu Patião, o judô é uma arte marcial que não tem o objetivo de agredir o outro, é uma arte que busca o controle do corpo e da mente, sem intenção de ferir alguém.

– Mas, professor, como evitar as brigas então?

– Seu Patião, primeiro quero agradecer pelo senhor ter vindo falar comigo. E gostaria de lhe dizer que vai ser fundamental para o crescimento de seu filho se o senhor incentivá-lo a não brigar. A partir do momento que ele não aceitar provocações, não haverá brigas.



– Mas estou ensinando isso! Não quero que ele aceite as provocações e mostre para esses moleques que ele não é um “fracote”!

– Quando digo para não aceitar provocações, refiro-me a ignorá-las. Pois é assim que se demonstra não ser “fracote”. Conseguir canalizar sua atenção para o que realmente importa é mais difícil e exige muito mais força do que levantar a mão a alguém. Além do mais, é exatamente isso o que espera a pessoa provocadora.

Seu Patião ficou olhando para a cara do *sensei*, pensando como tinha coerência sua fala, porém ainda não estava convencido. *Sensei* Jorge percebeu isso em seu olhar e continuou:

– Compreendo suas angústias, Seu Patião. Concordo que não é agradável ver um filho chegar machucado em casa toda vez. Mas acompanho os acontecimentos da escola. Sei que Naldo está brigando menos depois que começou a praticar judô, não é mesmo?

– Isso é verdade – respondeu Seu Patião.

– Pois bem, isso já é sinal de que seu filho está mudando e deixando de ser “fracote”. Vamos fazer o seguinte: se Naldo se envolver em brigas corriqueiras novamente, eu mesmo tento conversar e vou falar com o senhor depois, estamos combinados?

Seu Patião sorriu para o *sensei* Jorge, concordou acenando com a cabeça, e apertou a mão do professor, como se estivessem fechando um acordo. Agradeceu o professor, despediu-se dos filhos, e aproveitando que a conversa foi rápida, seguiu o caminho para a fazenda, para aproveitar o restante do dia de trabalho.

Naldo e Ariene ficaram felizes com o resultado do encontro. Os dois colocaram em sua rotina este momento de conversa antes da aula com seu professor.

Dois anos depois, Naldo raramente se envolvia em confusão, as provocações de seus colegas diminuíram, pois ele pouco se irritava com elas. Toda essa situação serviu de lição a muita gente, inclusive Seu Partião, que começou a ficar mais aberto a coisas novas... E olha que esta foi uma mudança e tanto, já que ele sempre foi um homem turrão.

Aprenderam que a melhor defesa, muitas vezes, é realizar uma mudança em nós mesmos. Mudar as atitudes, ignorar insultos, ser humilde e buscar o conhecimento a todo instante.

O ensinamento foi tão assimilado que, certo dia, *sensei* Jorge entregou numa folha, uma das lições de Jigoro Kano: “Somente se aproxima da perfeição quem a procura com constância, sabedoria e, sobretudo, humildade”. Tratava-se de uma tarefa para a casa, deveriam escrever sobre alguma situação que tinham vivido que se parecia com tal ensinamento.

Indo embora para casa, Ariene e Naldo conversaram sobre o quanto suas vidas haviam melhorado desde que entraram no judô, pois já não sofriam com confusões na escola. Foi através da humildade e da persistência que, após muito tempo, usando a inteligência e não a força física, conseguiram acabar com as brigas. Eles ficaram tão felizes em constatar isso que combinaram de escrever esta história que acabamos de ler!

Amigos ou saco de areia?

Geovani Alves dos Santos
Cássia dos Santos Joaquim

O conto a seguir é baseado no princípio “O adversário é um parceiro necessário ao progresso, a vida da humanidade baseia-se neste princípio”, frase atribuída a Jigoro Kano como um dos preceitos que compõem o Espírito do Judô (VIRGÍLIO, 1994, p.25).

O pequeno judoca Alvinho mora na comunidade do Massapê, no interior da Bahia. Ele é um menino muito esperto e muito bom em tudo que faz, porém, gostava de fazer as coisas sozinho.

Começou a treinar judô aos 7 anos de idade e foi progredindo. Depois que seu *sensei* notou que estava preparado e merecia uma segunda faixa o agraciou com a faixa cinza. Ganhou também com seu empenho duas medalhas em competições da sua academia e conseguiu destaque entre seus colegas.



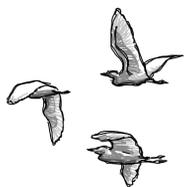
Sensei Jorge, professor
de Alvinho, sempre gostava

de caminhar nos fins de tarde pela comunidade para observar as plantas e os passarinhos. Gostava de olhar a Lavadeira²⁷ dançando e cantando, o Sofrê²⁸ passando com seu vôo rápido e as Garças-vaqueiras²⁹ em bando re-

²⁷ Pássaro também conhecido como lavadeira mascarada e noivinha, seu nome científico é *Fluvicola nengeta* e seu habitat é preferencialmente próximo de rios e lagos.

²⁸ Pássaro também conhecido como corrupeirão e conchris, seu nome científico é *Icterus jamacaii* e se destaca por seu canto melancólico.

²⁹ Ave predominantemente insetívora também conhecida como garça-boieira ou carraceiro, seu nome científico é *Bubulcus ibis*.



ninhos nas montanhas mais altas. Gostava de ver as árvores florescendo para posteriormente dar frutos, ou uma flor que acabou de abrir. Mas, um dia, *sensei* Jorge viu Alvinho tentando aplicar golpes em um kimono cheio de areia, então ficou observando e pensou: Este Alvinho vai longe, está treinando até fora das minhas aulas. Nossa, como ele é criativo! Fez até um boneco para treinar, acho que vou surpreendê-lo.



No outro dia havia aula de judô na escola de Massapê, Alvinho acordou cedo, arrumou seu *judogui*³⁰ em sua mochila e foi para a aula. No meio do caminho estava distraído pensando em golpes que havia aplicado em seu boneco de areia quando tropeçou em uma pedra e deixou sua mochila cair na poça d'água, sujando todo o seu *judogui*.

³⁰ *Judogui*: Vestimenta (kimono) própria a prática do judô (tradução e explicação nossa).

Quando chega para treinar *sensei* Jorge se desculpa, pois não poderá deixá-lo participar da aula:

– Sinto muito Alvinho, mas você não poderá fazer a aula de hoje, apenas observará de fora do *Dojô*³¹, pois só treinamos com *judogui* e você não conseguiu cuidar do seu. Para isso não se repetir preste mais atenção no caminho, ou seja prevenido e coloque o *judogui* em um saco plástico.

Alvinho ficou ali ao lado do *dojô* observando a aula de seus colegas, e foi justamente neste dia que *sensei* Jorge surpreendeu toda a turma. Após o rito de início, ele buscou na dispensa da escola vários bonecos parecidos com o dele, e disse:

– Turma, hoje o desafio de vocês será o de treinar com estes bonecos. Eles serão seus colegas de treinos e companheiros de luta.

Alvinho olhou desconfiado para o *sensei* achando incrível ele ter tido a mesma ideia que ele, e ficou observando para entender o objetivo de tudo aquilo.

Logo o *sensei* começou a aula com a turma e os amigos de Alvinho, Kiko, Ariene e Bárbara não entenderam muito bem o porquê dos bonecos, mas fizeram todas as atividades propostas.



No canto do *dojô*, Kiko diz a Ariene:

–Veja como eu consigo derrubar esse boneco bem fácil, sou muito forte – e após derrubar o boneco com bastante força mostra seu muque³².

³¹ *Dojô*: local de treino, também denominado local de iluminação (tradução e explicação nossa).

³² Muque: movimento de contração do bíceps (explicação nossa).

– Não precisa ser tão forte para derrubá–los Kiko, os bonecos não ficam em pé se os soltarmos– provoca Ariene com um sorriso no rosto, achando graça da pose do Kiko se mostrando fortão.

Logo, os dois percebem Bárbara bastante concentrada. Ela estava–tão empolgada em derrubar que nem ouviu o comando de *matte*³³ para terminar a última atividade da aula, só percebeu quando o *sensei* chegou bem perto e ela teve que parar o golpe para o boneco não cair encima dele.

Alvinho viu a empolgação de todos e estava muito agitado para participar, mas não podia. O treino chegou ao fim, porém o *sensei* não falou o motivo da inclusão dos bonecos na aula. Alvinho foi para sua casa pensando como o *sensei* conseguia ter ótimas ideias, pois sempre cria atividades tão diferentes e divertidas. Mesmo o treino com os bonecos ele conseguiu com que todos se motivassem e se dedicassem bastante.

Chegando em casa, Alvinho pegou seu boneco e foi para o pasto onde gostava de treinar. Aproveitando a gostosa sombra de um cajueiro muito antigo, começou a realizar as mesmas atividades propostas na aula. *Sensei* Jorge, como conhecia muito bem Alvinho, sabia que ele treinaria sozinho com seu boneco depois da aula, por isso, esperou um pouco na escola após o término do treino do judô, aproveitou para organizar os materiais, fazer anotações de observações de alunos e planejar a próxima aula e, em seguida, passou pelo local onde Alvinho estava no dia anterior e o avistou novamente empenhando–se sozinho com seu boneco. Ficou um tempo observando e percebeu que a aula o provocou, pois estava aplicando golpes com mais afinco.

Na quinta–feira, dia de mais um treino, todos chegam bastante cedo, pois estão empolgados em saber como será a aula. *Sensei* Jorge, aproximando–se da escola, consegue ouvir os alunos comentando:

³³ *Matte*: comando para pausar uma atividade ou luta no judô (tradução e explicação nossa).

– O que será que o *sensei* fará na aula de hoje?

– Tomara que seja *randori*³⁴, aqueles bonecos me deram muitas ideias – fala Bárbara, já se imaginando lutando com seus colegas.

– Tomara que ele traga os bonecos novamente, pois eu não pude treinar com eles – diz Alvinho querendo ser observado pelo *sensei*, para que ele desse umas dicas para melhorar os golpes que paraticava sozinho na sombra do cajueiro.



Sensei Jorge entra na escola e vai ao encontro dos alunos. Todos se aproximam e o reverenciam. Ele os cumprimenta e pergunta:

– Boa tarde, turma. Estão todos preparados para aula de hoje? Posso cobrar ainda mais de vocês?

Os alunos respondem:

– Sim! Claro que estamos e pode cobrar sim, *sensei*.

– Estou confiando em vocês! Vamos limpar e arrumar o espaço para começar a aula.

Todos se apressam em organizar tudo, porém prezando pela qualidade. Assim que acabam, *sensei* Jorge pega novamente os bonecos e já os coloca ao lado do *dojô* e começa a aula.

– Hoje, estes são seus colegas de treino e adversários de luta – *sensei* Jorge repete a mesma fala da aula anterior.

Alvinho percebe que o *sensei* entrega um boneco diferente a cada aluno equivalente à altura e peso e sussurra para Kiko:

³⁴ *Randori*: atividade semelhante ao combate formal mas com menos intensidade (tradução e explicação nossa).

– Ele deve ter percebido que não adianta um fraco treinar com um forte, então fez os kimonos com areia com o peso parecido de quem está treinando.

Assim começou a aula, todos os alunos já não tinham mais ideia do



que fazer com aqueles bonecos, pois já haviam aplicado todos os golpes que sabiam, apenas Alvinho o projetava e derrubava empolgado e até realizava imobilizações. Porém, no finalzinho da atividade, ele apli-

cou um golpe tão forte, mas tão forte, que rompeu a costura do kimono e sujou todo o *dojô* com areia. *Sensei* Jorge vendo isto interrompe:

–*Matte!* Alvinho, o que aconteceu?

E Alvinho responde:

–*Sensei*, o boneco é muito fraco e acabou rompendo a costura.

–Mas, Alvinho, você tinha que cuidar dele, e agora, como irá treinar?

Alvinho fica sem saber o que responder, então começa a limpar a sujeira e seus colegas o ajudam. Após o *dojô* estar asseado novamente voltam às atividades, menos Alvinho que não tinha mais boneco para treinar.

Ao fim da aula o *sensei* conversa com todos e pergunta:

–O que acharam de treinar com os bonecos?

Alvinho logo responde:

– Foi muito bom!

– E por que você achou muito bom, Alvinho? – pergunta *sensei* Jorge.

– Ah, *sensei*, porque o boneco não reclama de cair que nem meus colegas, ele não chora de dor e treina o tempo todo que eu quero.

Sensei Jorge ouvindo aquilo ficou surpreso e disse:

– Alvinho, pelo que entendi você não gosta de treinar com seus colegas, é isto mesmo?

Alvinho responde:

– Para falar a verdade, *sensei*, eu também tenho um boneco desses em casa e treino com ele sempre e não preciso de ninguém que fique reclamando.

Sensei Jorge ouve aquilo desapontado, então tem uma ideia e diz:

– Alvinho, faltam três semanas para nosso festival de judô e depois de ouvir o que acabou de falar te darei duas opções para escolher, a que você decidir estará ótimo para mim.

– Legal, *sensei*, o que é? – pergunta Alvinho motivado.

– Você pode escolher treinar com seus colegas, ou então, trazer seu boneco para as aulas e treinar com ele. Caso você precise de ajuda é só me chamar que o farei como puder. O que você escolhe? – *sensei* Jorge faz isso até para testar Alvinho, pois compreendeu que seria um bom momento de aprendizado para ele, e, consequentemente, para toda a turma.

Alvinho nem pensou direito e já respondeu empolgado:

– Pessoal, não é que eu não goste de vocês, mas estou aprendendo muito treinando sozinho, então escolho ficar com o boneco – Alvinho



tem certeza de que fez a melhor escolha e está feliz do *sensei* ter dado razão a ele.

Porém, *sensei* Jorge ainda queria saber mais uma coisa, e perguntou:

– Turma, vocês acham que o Alvinho tem razão quando fala que vocês reclamam muito para cair?

E o Kiko responde:

– Alvinho aplica golpes muito difíceis.

Ariene complementa:

– *Sensei*, ele aplica os golpes muito forte, e não é mentira minha, se não o boneco dele ainda estaria inteiro.

Bárbara relembra dos primeiros treinos com Alvinho e responde ao *sensei* Jorge:

– O Alvinho não tem muito cuidado com a gente, assim que cheguei aqui em Massapê, já no meu primeiro treino ele tentou me aplicar vários golpes que sem cuidado machucam muito.

Ficou claro para o *sensei* Jorge neste momento que o problema estava na turma e não só em um. Alvinho não cuidava dos colegas ao treinar, porém se não expusessem isso para ele, como ele saberia? E, pior, quando treinamos com alguém e ficamos com medo, deixamos nosso corpo muito tenso e nos machucamos com maior facilidade.

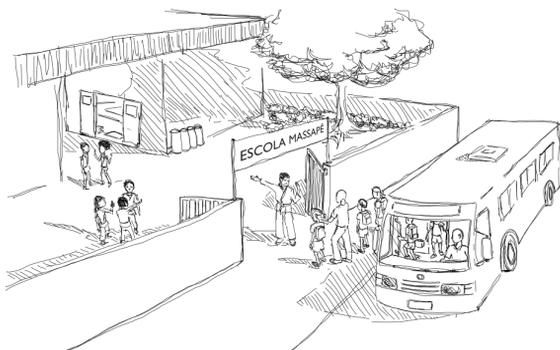
Sensei Jorge conversa com a turma sobre como estavam agindo errado com seu colega, primeiro por não evidenciarem esta situação nas rodas de conversa, para que pudessem resolver juntos e também por ficarem com medo e aumentarem os riscos da aula. Explicou também que quanto mais molinho fica nosso corpo, mais relaxado, menos nos machucamos e comparou um nenê a uma pessoa com mais idade, pois quando somos bem novinhos somos flexíveis e conforme a vida vai passando todas as nossas articulações, ligamentos e músculos vão ficando mais rígidos, o que facilita uma lesão. Assim é também quando ficamos tensos

treinando com alguém, nos comportamos como as pessoas de mais idade, e, na verdade, deveria ser ao contrário, pois quanto mais forte alguém nos derruba, mais deveríamos ficar relaxados.

Com esta explicação todos demonstram compreender que estavam agindo da forma errada, e que deveriam ser claros com Alvinho e com o *sensei* quando algo os incomodasse. Depois disso, ficou combinado que durante as próximas três semanas, Alvinho faria as aulas com seu boneco e quando ele retornasse aos treinos coletivos todos precisariam ser honestos com seus sentimentos.

Após passar as semanas, finalmente chega o domingo do festival de judô na escola de Massapê. Todos os alunos comparecem cedo para ajudar a limpar e organizar o espaço, e como todos se empenham, conseguem terminar tudo rapidinho. Depois de um tempo as academias convidadas começam a chegar. Havia atletas que já conheciam, por terem lutado juntos em outros campeonatos, criando amizades, e outros novos, que ingressaram no judô há pouco tempo ou era a primeira vez que competiriam juntos.

Os alunos de Massapê se posicionam na entrada da escola e cumprimentam os *senseis* e os judocas assim que chegam, em seguida os acompanham para apresentar o lugar, mostram onde fica o banheiro e bebedouros, onde ocorreriam as lutas, apontam diversos cestos de lixo espalhados e os encaminham a um local já separado anteriormente onde podem se instalar com sua equipe.



Na cerimônia de abertura Alvinho nem consegue se concentrar direito enquanto o *sensei* Jorge faz as honras e agradece a todos por comparecerem, pois não parava de pensar nos golpes que teria a oportunidade de aplicar, assim como fazia em seu boneco. Logo as lutas começam e Alvinho é o primeiro da sua turma a ir ao *Shiai*³⁵. Ele enfrenta um aluno de uma academia da região, e apesar de estar na mesma categoria de peso, Alvinho tinha mais experiência que o garoto com apenas quatro meses de treino e o vence antes do término do primeiro minuto de luta com um *O Soto Gari*³⁶. Na segunda luta Alvinho julgou como fácil também, pois ele iria lutar contra Ariene, e ela é mais baixa e um pouco mais leve que ele. Quando o árbitro faz o comando de *hajime*³⁷ os dois começam a tentar fazer o *kumi-kata*³⁸, Ariene se move muito e Alvinho não consegue uma boa pegada. Ela, como uma aluna muito aplicada, consegue colocar em prática tudo aquilo que desenvolveu nas aulas e, apesar das diversas tentativas de entrada de golpes, Alvinho não consegue derrubá-la e sente uma dificuldade muito grande, pois a característica de Ariene lutando é de muita agilidade, não parando quieta.



Como é muito rápida, se desvencilha facilmente de um golpe mal aplicado. Alvinho apela para sua força, e a segura muito forte, deixando

³⁵ *Shiai*: área de luta, espaço destinado à competição (tradução e explicação nossa).

³⁶ *O Soto Gari*: golpe de perna em que é realizado uma varrida/rasteira na perna do oponente (tradução e explicação nossa).

³⁷ *Hajime*: comando que significa iniciar combate ou atividade (tradução e explicação nossa).

³⁸ *Kumi-kata*: forma de pegar/agarrar o judogui do oponente (tradução e explicação nossa).

seus braços bem esticados, mas assim que ele a empurra um pouquinho, ela o surpreende com um *eri-seoi-nague*³⁹ e consegue derrubá-lo vencendo a luta. Ao contrário do que Alvinho pensava, Ariene o vence e ela começa a chorar por ter conseguido a vitória: “Eita, Ariene chorona... – pensa”. Eles se cumprimentam e saem do *shiai*ô.

Sensei Jorge percebe Alvinho sair lamentando a derrota, mas ele estava muito ocupado, pois como o torneio estava ocorrendo na comunidade de Massapê ele também ficou responsável pela arbitragem, e não poderia deixar de ajudar nas próximas lutas. Alvinho se senta em frente à escola e fica pensando o que fez de errado, pois sempre venceu Ariene com muita facilidade. Ele se



perde em seus pensamentos e nem percebe o festival acabar. Quando as academias estão indo embora, *sensei* Jorge chama todos os seus alunos e diz que Alvinho está precisando de ajuda e que gostaria do apoio de todos neste momento. Ariene começa a se sentir mal por ter vencido Alvinho, o que *sensei* Jorge percebe e chama sua atenção, sendo até duro com ela:

– Ariene, pare de se machucar. Se você se sentir mal por ter vencido seu amigo, você não merece esta medalha que conquistou. A vida é cheia de surpresas, por isso é importante sempre agirmos de forma correta e justa. Por acaso você foi desonesta em sua vitória?

– Não, *sensei*, eu juro que não!

³⁹ *Eri Seoi Nage*: Técnica de arremesso utilizando as mãos (tradução e explicação nossa).

– Você utilizou de alguma técnica proibida no judô?

– Não, *sensei*.

– Então a sua vitória foi justa. Você treinou para isso, fique grata!

Ariene concordou com *sensei* Jorge, e todos foram ao encontro de Alvinho. Eles se sentaram perto dele, que ficou assustado, pois nem os viu se aproximar.

– O que foi Alvinho? – perguntou seu melhor amigo, Kiko.

– Nada não, estou pensando como posso melhorar meus treinos com meu boneco para vencer as próximas lutas. Desculpe Ariene, mas nunca pensei que iria perder para você, pois você é menor e mais leve que eu e...

Sensei Jorge interrompe Alvinho, pois percebe que seu aluno está perdendo tempo se focando em como resolver seu problema da forma errada:

– Alvinho, por que você perdeu a luta para Ariene?

– Porque não consegui usar minha força.

– Alvinho, esqueça o que você fez, vou refazer a pergunta: Como Ariene venceu a luta? O que ela fez?

– Ela não parava quieta, ficava se movimentando muito rápido de um lado para outro, por isso eu não fiz um bom *kumi-kata*⁴⁰ e nem consegui entrar nos golpes que eu tinha treinado com meu boneco.

– Então, Alvinho, depois desta conclusão, você ainda acha que o problema está no que você não treinou com seu boneco?

– É *sensei*, o senhor tem razão, na verdade, acho que eu fiquei esperando Ariene se comportar como meu boneco, parada esperando eu aplicar um golpe. Treinei tudo errado e aquele boneco não presta para nada.

– Não fale assim, Alvinho, o seu boneco prestou sim – consola *sensei* Jorge.

– É verdade – diz Bárbara – Eu gostei muito da aula que treinamos com o boneco, pois pude pensar em como aplicar alguns golpes.

⁴⁰ *Kumi-kata*: forma de pegar/agarrar o judogui do oponente (tradução e explicação nossa).

– Isso mesmo, Bárbara, a ideia era essa, porém treinar só assim também não adianta, certo Alvinho? – pergunta *sensei* Jorge.

– Certo, *sensei* – e Alvinho abaixa a cabeça com um pouco de vergonha da opção que fez de treino quando teve a oportunidade de escolher.

– Alvinho, o que você passou serve de ensinamento para todos nós, pois às vezes pensamos que não precisamos de outras pessoas, mas em nossa vida aprendemos mais coletivamente do que sozinhos, como uma abelha, que só consegue construir uma colmeia de forma comunitária, dividindo todas as tarefas. Quando trabalhamos junto com os outros também podemos dividir as funções em prol de um bem comum, no caso das abelhas, proteger sua rainha, fazer mel, coletar néctar, produzir cera... Desta mesma forma não aprendemos judô se não treinarmos com alguém que realmente pode se movimentar e tem a capacidade de pensar. Tive a ideia de levar os bonecos para a aula porque o vi treinando uma vez na sombra do cajueiro, e gostei muito, pois percebi que estava buscando se aprimorar, mas quando você disse aquelas coisas na aula pensei: Será que não estou ensinando meus alunos a cuidarem um do outro e perceber a importância que o outro tem para nós? Por isso te dei a opção de treinar para o festival só com seu boneco, e agora queria saber de você: O que você achou de treinar só com o boneco e no festival lutar com outras pessoas?

Alvinho triste e tendo entendido o que o *sensei* lhe disse, respondeu:

– *Sensei*, é diferente lutar com um colega e lutar com um boneco, o boneco faz tudo que eu quero, e meus colegas podem escolher o que querem fazer. Na luta com a Ariene quando eu a empurrei queria que ela fosse direto para o chão, mas ela pode fazer uma escolha e escolheu usar aquilo que o senhor ensinou, já meu boneco não pode escolher não cair, ou tentar fugir de um golpe.

Sensei Jorge fica contente com o que acabara de escutar de Alvinho:

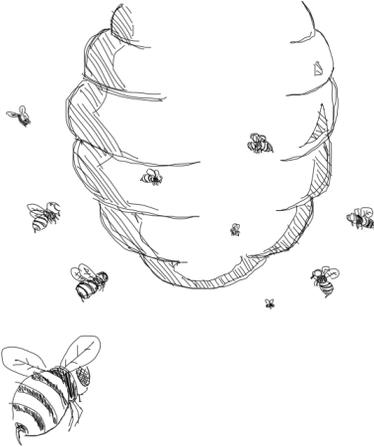
– Alvinho, percebo que você entendeu a importância dos seus colegas para o judô, me fazendo pensar sobre a frase de Jigoro Kano: “O adversário é um parceiro necessário ao progresso, a vida da humanidade baseia-se neste princípio”. Ninguém evolui sozinho, Alvinho... mas será que você entende isso também para a vida?

– Acho que sim, *sensei*, a Ariene hoje me ensinou na luta que preciso da ajuda de outras pessoas para conseguir evoluir em qualquer coisa que eu venha a fazer.

Ariene ouvindo aquilo corre chorando e abraça Alvinho. No fim, ela ficou em segundo lugar, pois perdeu a final para uma menina menor e mais leve que Alvinho, mas que era bem ágil. Mesmo não tendo vencido o Festival percebeu que conseguiu uma coisa muito mais valiosa, e todos os outros colegas se juntaram a eles e deram um forte abraço coletivo ali na frente da escola de Massapê.

E com a união daquele abraço, compartilham os sentimentos de como um precisa do outro para ter sucesso, independente das diferenças. Todos estavam felizes novamente. Este grupo especial parecia se unir mais a cada ensinamento, e assim, todos foram para dentro da escola para arrumá-la junto com o *sensei* Jorge que estava emocionado com o que tinha conseguido realizar com sua ideia. Ele os admira cada vez mais, então para o que está fazendo e os observa com alegria notando o empenho de cada aluno, e pensa:

– Esta turminha ainda vai viver muita coisa pela frente. Como é bom eles terem uns aos outros.



Tem certeza que sabe?

Cássia dos Santos Joaquim
Leopoldo Katsuki Hiramã

O conto a seguir é baseado no princípio “Quando verificares com tristeza que nada sabes, terás feito seu primeiro progresso no aprendizado”, frase atribuída a Jigoro Kano como um dos preceitos que compõem o Espírito do Judô (VIRGÍLIO, 1994, p.24)

Finalmente chegou março, Bárbara estava ansiosa por este mês, pois na segunda quinzena terá torneio de judô em uma cidade perto da capital baiana.

Bárbara mudara para a comunidade de Massapê fazia pouco tempo, cerca de sete meses e tinha lutado apenas em dois torneios internos organizados por seu *sensei*⁴¹, e, por isso, está inquieta para conhecer outros lugares e poder lutar com gente diferente.

Ela é conhecida por ser muito segura e ter uma autoestima elevada para as lutas e tudo isso se dá pelo fato de ser alta e forte. Adora os treinos, principalmente o momento do *randori*⁴², no qual pode se comparar com seus amigos.

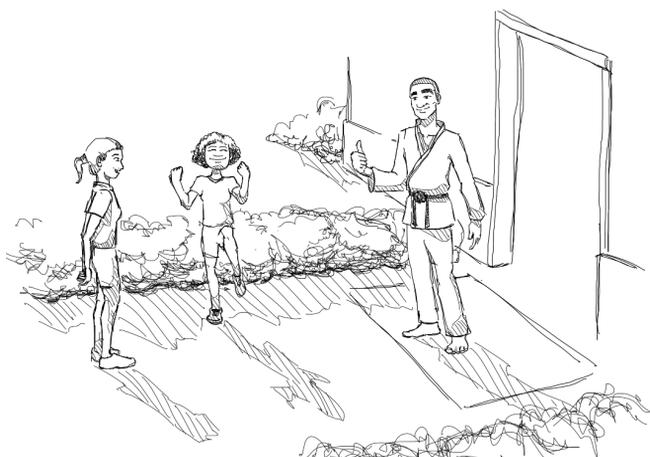
Quando luta com suas colegas de turma, sempre ganha, e ganha também de alguns meninos, mas não todos. Porém Bárbara acredita que isso acontece porque são meninos, e meninos às vezes são mais fortes, então isto não a intimida.

Quando seu pai foi transferido pela empresa para uma cidade no interior da Bahia ficou bastante chateada, pois morava na capital e tinha

⁴¹ *Sensei*: professor em japonês (tradução nossa).

⁴² *Randori*: atividade semelhante ao combate formal mas com menos intensidade (tradução e explicação nossa).

muitos amigos por lá, além das aulas de judô. Chegando à comunidade do Massapê, levou um tempo para se acostumar, mas logo fez amizade com Ariene, que a convidou para participar dos treinos. Bárbara ficou exultante quando ficou sabendo da possibilidade de continuar praticando judô e foram juntas conversar com o *sensei* Jorge que a aceitou com muito grado apesar de já lhe informar que faltas só eram aceitas com justificativa e atrasos não eram permitidos.



Bárbara achou que o *sensei* estava sendo radical demais, porém, como não tinha nada a perder, aceitou mesmo assim.

Ariene é a grande companheira de Bárbara, apesar de não se parecerem muito. Bárbara faz o estilo moleca, só vive de rabo de cavalo e não gosta de usar vestido, pois não consegue brincar direito, já Ariene é bem vaidosa, gosta de se arrumar e vive perfumada.

Bárbara já estava pronta para o judô bem antes da hora e ficou pensando que não poderia sair ainda, pois Ariene não deveria estar pronta. Começou a pensar que Ariene era exagerada em sua vaidade e foi falar com sua mãe:

– Mãe, eu gosto muito da Ariene, você sabe, né?

– E como sei minha filha! Eu e seu pai também gostamos muito dela, afinal, quando chegamos ela foi a única pessoa que conseguiu te animar. Fiquei tão feliz quando ela veio te chamar para brincar depois da escola.



– Mas às vezes a acho vaidosa demais. Ela começa a se arrumar para o judô meia hora antes, para não se atrasar. Eu acho meio exagerado.

–Sabe Bárbara, acredito que Ariene deve pensar algo semelhante de você.

–Como assim mãe? Não sou vaidosa. Me arrumo em 5 minutos para o judô!

– Por isso mesmo, minha filha. Ela deve pensar: Nossa, como a Bárbara é pouco vaidosa. Vive com aquele bermudão e parece uma moleca correndo para cima e para baixo!

– Você acha que ela pensa isso de mim, mãe?

– Pode ser. Mas só estou dizendo isso para você pensar em sua crítica. O que é certo para uns, pode não ser certo para outros.

– Agora que você me deixou confusa mesmo – disse Bárbara até coçando a cabeça por não estar entendendo sua mãe.

– Bárbara, você não pode achar que as pessoas têm que ser como você. Não existe um certo ou errado, as pessoas são como gostam de ser. Você é de um jeito e ela de outro e ainda bem que o mundo é cheio de gente diferente, né? Imagine se só tivessem Bárbaras no mundo? Só teria judô e bola! E o mundo é tão bonito com sua diversidade! Imagine, você não acha lindo aquele jardim florido que tem no meio da cidade? Se só tivessem Bárbaras no mundo ele não existiria, pois você já mostrou não

ter muita paciência em mexer com plantas.

Bárbara fica em silêncio e retruca com sua mãe:

– Mas os animais seriam bem tratados, mãe. Não existiria gente caçando passarinho, nem cachorro de rua e muito menos cavalo machucado e magro de tanto que o dono judiou.

A mãe de Bárbara espera um pouco em silêncio, pois conhece sua filha e sabe que deve esperar um pouco e responder com calma para Bárbara conseguir ouvir o que está querendo dizer:

– Bárbara, não estou falando que você está errada. Estou dizendo que o mundo é mais lindo por ter tanta gente diferente.

– Acho que entendi, mãe. Não vou falar mais nada da Ariene, tá?

– Isso mesmo, cada um tem que viver conforme se sente bem, pois este é o primeiro passo para fazer quem está a nossa volta feliz também. Se vivemos tristes e bravos, ninguém vai querer ficar perto de nós. Mas se demonstramos alegria, tolerância e paciência, teremos muitos amigos. Agora vá, senão se atrasará para o judô.

Bárbara sai correndo e chega à casa de Ariene. A chama e a observa ainda terminando de guardar seu *judogui*⁴³ em sua mochila. Bárbara olha para a Ariene, acha graça, e pensa: Nós não temos nada a ver no jeito de ser, mas ainda bem que adoramos judô.

Ambas saem para a aula super animadas, e vão comentando que só restam quatro treinos para o torneio:

– Ai Bárbara, já, já, é o torneio, será que estamos preparadas? – diz Ariene toda preocupada, deixando evidente o quanto estava ansiosa.

– Claro, Ariene – retruca Bárbara – Estamos super preparadas! Eu não vejo a hora. Por mim já íamos amanhã.

⁴³ *Judogui*: vestimenta (kimono) própria a prática do judô (tradução e explicação nossa).

– Ai credo, Bárbara, eu acho que estes quatro treinos serão muito importantes. Eu preciso deles para melhorar.

– É verdade, treinar nunca é demais, né? Bom, vamos correr assim



já abrimos a escola e vamos varrendo a sala para montar logo o *dojô*⁴⁴.

As duas saem correndo e logo Alvinho, Kiko e Naldo se juntam a elas.

Todos chegam juntos à escola e começam a organizar a sala para o treinamento. Quando o *sensei* chega está tudo pronto:

– Boa tarde, pessoal. Vejo que estão empolgados para treinar hoje! Nada como um torneio para motivá-los, né?

Todos estavam sentados ao lado do tatame conversando e levantam para cumprimentar o professor com reverência⁴⁵.

O *sensei* os cumprimenta e realizam o ritual para a aula começar. Todos treinam muito bem, e até aqueles que às vezes reclamam das quedas, estão empolgados. A aula foi tão boa que o tempo voou, e assim também foram os três treinos seguintes.

Bárbara só não gostou mais das aulas, pois achou que o *sensei* pegou muito no seu pé:

⁴⁴ *Dojô*: local de treino, também denominado local de iluminação (tradução e explicação nossa).

⁴⁵ A reverência é a ação de projetar o tronco para a frente e é algo que faz parte dos costumes diários de vários países do oriente. Como o judô tem suas raízes na cultura oriental a reverência é muito presente nos treinos, tanto dentro quanto fora do *dojô* (tatame) e pode ter o significado de cumprimento, agradecimento ou mesmo de uma demonstração de arrependimento e um pedido de perdão (explicação nossa).

– Bárbara, você está usando muito a força no *randori*⁴⁶. Lembra que no *randori* você não deve deixar os braços esticados deste jeito, muito menos usar sua força para derrubar, e sim desequilibrar seu adversário?

Em outro momento ele falou ainda:

– Bárbara, você não está ouvindo o que estou falando. Pare de travar estes braços, você não está treinando e nem deixando seus colegas treinar, e pare de ficar usando só a força, pois se pegar alguém mais forte que você no torneio não conseguirá desequilibrar sua adversária.

Bárbara ouvia, porém não mudava nada, apenas pensava:

– Mudar para que se estou ganhando de todos?

Com isso, acreditava que o torneio estava no papo, pois estava vencendo as lutas até de alguns meninos que só conseguia derribá-los vez ou outra, e as meninas então, nenhuma conseguia nem sequer movimentá-la direito, quanto mais aplicar algum golpe.



No final do último treino antes do torneio, Ariene está feliz, pois se sente melhor preparada, apesar de achar que precisaria treinar mais, já Bárbara não fala, com medo de lhe acharem metida, porém não só acredita que já treinou o suficiente, quanto que irá ganhar em sua categoria.

Eis que chega o dia do torneio. Todos se reúnem pouco antes das 5h da manhã na escola, pois a cidade é distante e o torneio iniciará às 8h.

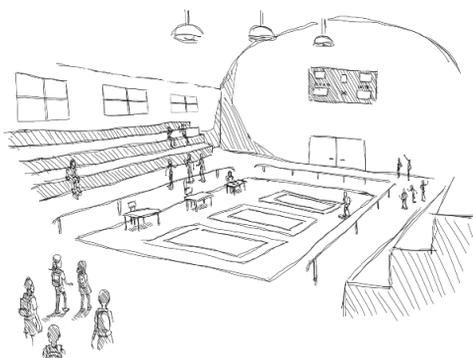
⁴⁶ *Randori*: atividade semelhante ao combate formal mas com menos intensidade (tradução e explicação nossa).

Bárbara acha o professor exagerado, pois está acostumada com o atraso de todos, mas o *sensei* não gosta de atrasar, acha que é muita falta de respeito, por isso prefere ser pontual sempre.

Na noite passada Bárbara pouco conseguiu dormir imaginando a medalha que traria para casa, e pelo jeito seus colegas também não relaxaram. Ariene estava com cara de cansada, mas estava cheirosa e bem arrumada como sempre. Tinha até feito um penteado diferente no cabelo para aquele dia. Bárbara achou que ela ficou bem bonita.

Os atletas entram no ônibus e partem escoltados pelos olhares e acenos dos pais que vão ficando para trás também ansiosos com esta oportunidade que seus filhos estão tendo. Já dentro do ônibus todos estão bem quietos, por causa do misto de sono e ansiedade, o que fez a viagem parecer bem longa. Passaram por várias estradas e ruas antes de chegar à capital e seguir até a cidade sede do torneio. Era tudo muito bonito no caminho, muitas árvores e montanhas.

Chegando ao local, Bárbara gostou muito, pois os tatames estavam montados dentro de um ginásio bem grande e tinham três áreas de lutas diferentes. Havia alguns atletas e *sensei* Jorge assim que chegou abordou o *sensei* Estácio, que estava organizando o torneio para lhe oferecer ajuda. Estácio ficou muito feliz com a atitude do professor e aceitou de prontidão, então os alunos se espalharam e começaram a varrer todo o espaço, passar pano no *dojo*, pegar cadeiras e mesas e organizar tudo para os árbitros.



O *sensei* Estácio ficou pasmo com a atitude daqueles jovens:

– Nossa, Jorge, como seus alunos são prestativos. Você nem pediu para eles fazerem nada e eles mesmos se organizaram e distribuíram as tarefas.

– É por causa das nossas aulas, Estácio. Eles estão acostumados a me ajudar a organizar tudo, até mesmo quando temos torneio, então nem preciso falar mais nada.

– Parabéns pelo trabalho *sensei* Jorge. Além da pontualidade, estão nos ajudando nos últimos preparativos.

– Disponha, *sensei* Estácio, precisando é só pedir.

Sensei Jorge também vai ajudar e assim que encerram rapidamente o que tinham se prontificado a fazer, fala sobre os elogios que o *sensei* Estácio tinha feito a eles e diz que também está muito feliz com a atitude e que percebe o quanto estão maduros e responsáveis para fazer estas viagens longas para lutar. Todos vão pegar seus *judoguis* para se arrumar, contentes com os elogios logo de manhã.

Pouco tempo depois começam a chegar as outras equipes e o ginásio fica lotado de atletas e pessoas assistindo. Bárbara fica sentada na arquibancada só observando e imaginando com quem irá lutar, não vendo a hora de a chamarem para entrar no *shiaiijô*⁴⁷.

Começa a cerimônia de abertura e em seguida os atletas são posicionados por categoria para ficarem próximos ao local onde farão as lutas.

Bárbara lutará com quatro meninas de sua categoria, e todas são mais baixas que ela. Bárbara olha para elas e tem a sensação de que será fácil ficar em primeiro. Ela procura por Ariene, que é de uma categoria mais leve que a sua, e a vê junto com outras meninas. Ariene está séria e parece preocupada. Bárbara acena para ela, mas ela nem vê.

⁴⁷ *Shiaiijô*: área de luta, espaço destinado à competição (tradução e explicação nossa).



Os atletas são encaminhados aos *shiai*jôs e Bárbara é chamada logo para a primeira luta, a qual ganha fácil, com um *ippon*⁴⁸ aos 32 segundos, o que faz com que passe a ter certeza da vitória. Mas no intervalo de uma luta e outra, *sensei* Jorge aproxima-se dela e diz:

- Parabéns pela vitória, Bárbara.
- Obrigada *sensei*!

– Porém você não foi bem na luta.

– Como assim *sensei*, eu a venci em 32 segundos?

– Venceu apenas com sua força, Bárbara. Há outras atletas e elas parecem bem fortes. Se não seguir o princípio de desequilibrar sua adversária utilizando a força dela a seu favor, provavelmente não vencerá.

– Mas *Sensei*, eu sempre treinei assim.

– E desde o primeiro dia que iniciou seus treinos comigo, sempre te falei para não utilizar apenas da força nas lutas.

– Está bem, *sensei*.

Apesar de dizer ao seu professor que tentaria, Bárbara acha que ele foi injusto criticando-a, pois venceu a luta. Então decidiu que não tentaria mudar sua forma de aplicar os golpes.

Na próxima luta, Bárbara venceu novamente, mas foi bem mais difícil e ela ficou exausta de tanto usar sua força. Ela ganhou com um *wazari*⁴⁹, não conseguindo aplicar o golpe com exatidão. Após a luta *sensei* Jorge novamente se aproxima:

– Bárbara, o que você mudou nesta luta com relação à outra?

⁴⁸ *Ippon*: pontuação máxima em uma luta, que se conquistada o atleta vence instantaneamente. O *ippon* ocorre quando o atleta derruba o adversário de forma rápida tocando as costas dele inteira no chão (tradução e explicação nossa).

⁴⁹ *Wazari*: pontuação no combate que é dado a uma projeção quase perfeita. Dois *wazaris* representam um *ippon*. (tradução e explicação nossa).

– Nada, *sensei* – responde Bárbara sentida com a crítica e ao mesmo tempo irritada.

– Você utilizou tanto a sua força nesta luta que estará bem cansada para as próximas duas. Perceba a movimentação de suas oponentes e entre no golpe no momento certo, como treinamos. Se ela te empurrar, a puxe e aplique um golpe, agora, se sua adversária te puxar, a empurre e aplique um golpe, conforme sugeri nos treinamentos.

Bárbara apenas acenou com a cabeça consentindo, porém quando iniciou sua terceira luta novamente acreditou que do seu jeito seria melhor, e também, não tinha tentado treinar conforme o *sensei* havia sugerido, achando muito difícil mudar de uma hora para outra, e quando menos esperava, a adversária que era muito forte, a derrubou e ganhou de *ippon*.

Bárbara estava triste, pois já não ganharia mais a medalha de ouro e nem a de prata, mas poderia ganhar a de bronze.

Mais uma vez *sensei* Jorge foi falar com ela, e percebeu que estava bem abalada:

– Bárbara, ainda há uma luta. Não desista agora. Tente fazer o que estou te dizendo. Aproveite a força de sua adversária.

Bárbara entra para sua última luta e decide que vai com tudo para cima de sua oponente, pois está muito cansada e se tivesse que repetir o golpe provavelmente não teria forças para derrubá-la. Eis que vai para cima e com muita, mas muita força mesmo derruba sua oponente e o árbitro sinaliza *ippon*.

Bárbara fica muito feliz com sua vitória, porém percebe que seu *Sensei* apenas aproxima-se dela e coloca a mão em seu ombro com um meio sorriso. Ele não está contente com suas atitudes, porém reconhece que ela conquistou algo importante.

A alegria de Bárbara diminui na hora e um sentimento de tristeza a toma.

Ela termina suas lutas e começa a assistir das outras categorias. Vai assistir as lutas da Ariene, que perde apenas a final e o *sensei* fica muito orgulhoso dela, pois ela aplicou direitinho o princípio do aproveitamento da força do adversário.



Outros colegas também ganham medalhas e outros não. Mas Bárbara não consegue ficar feliz por ninguém, pois percebe que as certezas que tinha antes de chegar no torneio estavam todas erradas. E, por mais que tenha vencido, gostaria que *sensei* Jorge também estivesse feliz com ela, o que não ocorreu.

Ao final do torneio Ariene estava radiante, e foi conversar com Bárbara:

– Você viu, Bárbara? Consegui ficar em segundo! E a menina para quem perdi treina há mais tempo que eu. Acho que se eu continuar treinando bastante, vou conseguir vencer um dia – diz Ariene com um sorriso largo.

Bárbara apenas acenou com a cabeça e deu um abraço em sua amiga.

– O que foi? – pergunta Ariene percebendo a tristeza de sua amiga.

– Nada Ariene, só estou cansada – justifica Bárbara olhando para baixo.

– Você, cansada? O que é isso? Aconteceu alguma coisa – Como Bárbara nunca reclama de cansaço Ariene percebe o quanto ela está triste.

– Não é nada mesmo, Ariene.

– Então vamos sentar com o pessoal.

Estão todos reunidos para assistir as últimas lutas, que são dos adultos. Os alunos estão felizes e começam a escolher atletas para torcer, mesmo sendo de outra academia, e ficam comentando sobre os golpes e inventando músicas para os incentivarem. Estavam se divertindo muito,

menos Bárbara que ficou de lado. Justo ela que seria a primeira a cantar e a brincar de narrar a luta.

Chega o momento de partir, os alunos pegam suas coisas e recolhem os lixos que ainda restaram na arquibancada onde estavam sentados. Quando tudo está em ordem, os alunos, sem que *sensei* Jorge falasse algo, vão até o *sensei* Estácio agradecer o dia tão gostoso e parabenizá-lo pelo evento bem organizado. Estácio está com um semblante cansado, porém feliz, principalmente por ser reconhecido.

Todos encaminham-se ao ônibus e antes mesmo de entrarem já começam a cantar e fazer brincadeiras musicais. Apenas Bárbara senta-se isolada.

Sensei Jorge a olha e vai conversar.

– O que está acontecendo, Bárbara? Não está feliz com o terceiro lugar? É uma excelente colocação neste torneio. Você sabe que apenas atletas muito bons vêm participar, né?

– Sei sim, *sensei*.

– Você achou que ficaria em primeiro?

– Achei *sensei*, mas não é por isso que estou triste.

– Não? E qual é o motivo, então?

– Estou triste porque o senhor ficou desapontado comigo – diz Bárbara sem conseguir encarar o *sensei* Jorge.

– Não fiquei assim, Bárbara – diz o *sensei* tentando animá-la.



– Mas o senhor demonstrou mais alegria com os outros do que comigo. Até o Kiko, que nem ganhou medalha, o senhor ficou mais contente com ele do que comigo.

– Bárbara, minha alegria não depende da medalha. Ela depende do que meus alunos fazem para merecê-la.

– Então *sensei*, ganhei de meninas fortes e com faixa superior à minha – lamenta Bárbara tentando justificar seu incômodo e desapontamento.

– Ganhou mesmo, mas só ganhou porque é forte, e não pelo princípio do Judô, aquele da utilização da força do seu oponente para desequilibrá-lo. Você ganhou por você mesma, e não porque consegui te ensinar algo. Na verdade, estou triste comigo mesmo também, e me perguntando por que não consigo fazer com que aprenda coisas diferentes?

– Não fale assim *sensei*, o senhor me ensinou muita coisa já.

– Mas não parece, Bárbara. Percebo que não me escuta.

– É *sensei*, tem momentos que sou bem cabeça dura mesmo, minha mãe vive falando isso. Mas não fica triste comigo *Sensei*, pois percebi que fiz besteira. Se não ganhasse aquela última luta rápido não aguentaria manter a força com aquela menina. Ela era muito boa e muito forte também. Depois disso assisti algumas lutas da Ariene e ela nem parece cansada ao final, já eu, fico exausta. Percebi que não sei lutar. Minhas vitórias são somente por causa de minha força. Se eu tivesse o mesmo peso e tamanho que a Ariene nunca a venceria. Estou triste porque hoje descobri que não sei lutar e sou muito ruim.

– Bárbara, nunca pensei que te diria isso tão rápido, mas estou feliz com você – diz *sensei* Jorge sorrindo.

– Por que, *sensei*? Como pode ficar feliz me ouvindo falar que não sei nada e me vendo triste? Você não gosta de mim? – Bárbara neste mo-

mento olha irritada para seu professor já com os olhos cheios de lágrima.

– Muito pelo contrário, Bárbara, você me deu um grande presente, me fez lembrar de um princípio muito bonito de Jigoro Kano⁵⁰.

– Qual, *sensei*?

– Aquele em que diz: “Quando verificares com tristeza que nada sabes, terás feito seu primeiro progresso no aprendizado”. Você, Bárbara, conseguiu reconhecer hoje o que muitos judocas não reconhecem nunca. Que você não sabe de todas as coisas e sempre precisará aprender algo. Quanto mais estudamos, mais percebemos o quanto precisamos estudar.

– Acho que o senhor falou errado, *sensei*. Desculpe te corrigir – retruca Bárbara ainda confusa.

– Não errei nada! É isso mesmo, Bárbara, quanto mais estudamos mais percebemos que não sabemos nada. Você nunca se interessou muito por um assunto na escola?

– Teve uma vez que a professora de ciências pediu para estudarmos sobre os peixes e achei bem legal, daí minha mãe até me deu de presente uma enciclopédia de peixes e descobri que em cada oceano há tipos de peixes específicos, como há também peixes que só conseguem viver em lugares bem fundos, onde a água é gelada e não tem luz nenhuma!

– E você acha que é só isso que há para saber sobre peixes? – pergunta *sensei* Jorge percebendo que ela entenderá o que quer explicar.

– Não, *sensei*, tem muito mais coisas.

– E você só ficou sabendo que tem muito mais coisas depois que estudou, certo?

– É verdade, antes, para mim, peixe era tudo igual, só mudava o nome.

– Está vendo, Bárbara, como pensamos que sabemos das coisas,

⁵⁰ Jigoro Kano: criador do Judô Moderno.

mas não sabemos nada? O ruim é quando achamos que sabemos das coisas e não nos abrimos para aprender mais. Eu mesmo estou treinando para mudar de faixa e está muito difícil. Percebo que mesmo depois de 20 anos de judô ainda tenho muito que aprender – reconhece *sensei* Jorge que realmente está passando por uma fase de muito estudo.

– Até o senhor, *sensei*? Achei que pelo senhor ser faixa preta já sabia tudo!

– Aí que você se engana Bárbara, por ser faixa preta, tenho muitas responsabilidades e também tenho que aprender cada vez mais.

– Nossa! – Bárbara fica um tempo em silêncio pensando que se seu *sensei* ainda tinha muito que aprender, quem diria ela, e pior, ela achava que já sabia demais, o que lhe deu uma vergonha tremenda. Fazendo com que abaixasse a cabeça.

– O que foi, Bárbara? Está triste de novo?

– Desculpe *sensei*, por não ter te ouvido, eu juro que vou mudar. Pena que não aproveitei este torneio.

– Você está enganada, Bárbara, acho que você aproveitou bem, pois reconheceu que ainda tem muito que aprender. Você está pronta para seguir o caminho do Judô?

– Estou, *sensei*! Pode contar comigo, e se eu não fizer o que o senhor me pedir, pode me dar uma bronca bem dada!

– Ah, ah, ah, ah! Só você mesma, Bárbara! Sabe o que diferencia um bom aluno do mau?

– O quê, *sensei*? – pergunta Bárbara curiosa.

– Nos bons alunos nós nunca temos que dar bronca, pois eles já se cobram tanto que acabam aprendendo com seus erros e isso é mais forte do que uma bronca. Pense, eu te dei bronca hoje?

– Não, *sensei*, mas foi como se tivesse dado, e uma daquelas bem doídas.

– Pois é, Bárbara, você é uma boa aluna.

Os dois olham para o sol se pondo fora do ônibus e veem como o céu está todo alaranjado com pequenas nuvens espalhadas, e ficam em silêncio durante um tempo apenas contemplando o quanto aquele dia estava bonito.

– Bárbara – *sensei* Jorge quebra aquele momento.

– O que foi, *sensei*?

– A bronca foi dada? – e nisso, *Sensei* Jorge olha para ela com um lindo sorriso.

– Foi sim, *sensei* – Bárbara retribui o sorriso de forma espontânea e demonstrando muito carinho pelo professor.

– Então agora vá cantar com seus amigos, pois está faltando uma voz naquele coro.

– Pode deixar, *sensei*!

Bárbara levanta, agradece seu professor e faz uma reverência, só que olha para ele e não resiste, lhe dá um abraço bem forte e fala bem baixinho:

– Obrigada.

Sensei Jorge vê Bárbara chegando ao grupo e já puxando uma nova canção, a qual todos seguem com muito entusiasmo, e ele fica lá contemplando seus alunos e agradece ao *sensei* mor, Jigoro Kano, criador do judô Kodokan, por tantos ensinamentos e pelos momentos de paz e de sentimento de trabalho cumprido pelos quais passava com aquele grupo tão bacana.



Ajudar e ser ajudado

*Adriana dos Santos
Cássia dos Santos Joaquim*

O conto a seguir é baseado no princípio “O judoca é o que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam e paciência para ensinar o que aprendeu a seus semelhantes”, frase atribuída a Jigoro Kano como um dos preceitos que compõem o Espírito do Judô (VIRGÍLIO, 1994, p.25).

– Oba! Um novo ano! – fala para si mesma, Ariene.

Naldo e Ariene vivenciaram muitos ensinamentos nas aulas de judô, mas será que colocam em prática fora do *dojo*⁵¹? Ariene hoje é mais durona, não chora por qualquer besteira e nem sempre faz fofoca das travessuras do irmão. Mas às vezes.

– Naldo, se você aprontar na escola eu conto tudinho para a mamãe ouviu? – diz Ariene, lembrando ao irmão que não perdeu totalmente sua postura de fofoqueira.

Após o período de férias chegou o dia de retornar às aulas de judô. Ariene estava ansiosa e comentou:

– Naldo, hoje temos treino e é o primeiro do ano. Então, assim que tocar o sinal precisamos andar depressa para chegarmos logo em casa.

– Tá bom, Ariene, mas não precisa correr! – resmungava Naldo.

Na escola os alunos já comentavam há alguns dias sobre o retorno das aulas de judô.

Quando chega terça-feira parecia que não era só Ariene que estava ansiosa. Toca o sinal, todos pegam seus materiais e saem às pressas para

⁵¹ *Dojô*: local de treino, também denominado local de iluminação (tradução e explicação nossa).

suas casas almoçar. Naldo continua conversando com um de seus colegas, porém Ariene o alerta:

– Naldo, vamos! Senão vamos chegar atrasados.

– Como será que vai ser a aula de hoje? Estou curioso para saber – pergunta Naldo que vai correndo atrás dos passos apressados da irmã.

– Eu também – respondeu Ariene que completou ainda – Esse ano vou ser mais inteligente!

– Ah, ah, ah, ah! Eu duvido! Falar é fácil, eu quero ver você me provar – Naldo a desafiou.

Ao chegarem em casa, Dona Melissa já havia preparado o banho dos filhos. Era meio dia e eles estavam suados da caminhada e de brincar na escola. Ela não admitia que seus filhos fossem para o judô sem tomar banho e escovar os dentes após o almoço, pois entendia muito bem que a higiene contribuía na manutenção da saúde.

– Vamos crianças, se preparem para tomar banho!

Naldo sai do banho e avisa a irmã que já havia terminado. Ariene corre para o banheiro. Após tomar banho e chegar na cozinha para ajudar a

mãe, encontra Seu Patião lavando as folhas de alface para a salada e Naldo colocando os pratos na mesa. Ariene leva as panelas para a mesa e todos almoçam conversando:



– Opa! Vamos comer? Hoje estou com bastante fome – afirmou Seu Patião, mas antes perguntou aos filhos:

– Como foi na escola? Tudo bem?

Depois que *sensei* Jorge o havia elogiado por ter ido até a aula de judô conversar com ele, passou a compreender mais a importância dos pais acompanharem o andamento dos filhos na escola.

– Foi tudo bem, papai, mas estou ansioso mesmo é para ir ao judô – respondeu Naldo até inquieto.

– Se comportem! E, Naldo, nada de briga, hein? – interferiu Dona Melissa.

– Certo, mamãe – responderam os dois ao mesmo tempo.

Após o almoço ambos correram, pegaram seus *judoguis*⁵² e já estavam na porta quando Seu Patião perguntou:

– Já escovaram os dentes?

– Já – respondeu Ariene.

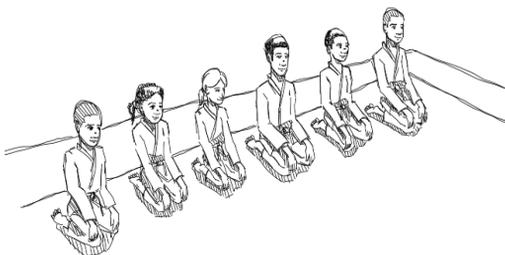
Naldo coçou a cabeça, com a cara de quem havia esquecido.

– Pela cara de Naldo, acho que não. Oxê⁵³, oxê! Já começou errado, filho? Você quer ficar com dor de dente e banguelo? – perguntou Seu Patião.

Naldo não respondeu, apenas deixou seu *judogui* no sofá e foi direto pegar sua escova de dente. Um tempo depois os dois saem às pressas e gritam da varanda da casa:

–Tchau pai, Tchau mãe!

Caminharam bem rápido até a escola mesmo ainda não estando atrasados. Quando avistaram o *sensei* se aproximaram e o reverenciaram.



– Vamos pessoal começar a [...]

⁵² *Judogui*: vestimenta (kimono) própria a prática do judô (tradução e explicação nossa).

⁵³ Oxê: expressão usual do Nordeste. Pode ser utilizado como algo relacionado à surpresa, estranheza, exclamação.

Antes que *sensei* Jorge terminasse a frase todos os alunos já estavam se dirigindo para a posição de início da aula. Após o ritual de início conversaram sobre as férias. Em seguida iniciou as atividades com uma atividade de deslocamento e *ukemis*⁵⁴, logo depois fez um jogo para estimular aplicação de golpes e *randori*⁵⁵ ao final.

Os alunos voltaram para casa radiantes, pois fazia muito tempo que haviam treinado e estavam com saudades. Mal podiam esperar para chegar quinta-feira.

Já na aula seguinte, sem atraso de ninguém, o *sensei* pediu:

– Pessoal, façam duplas, com tamanhos parecidos. Hoje vamos começar o treino fazendo o *kumi-kata*⁵⁶.

Até então estava tudo bem. Ariene convidou Bárbara para fazer a atividade, que aceitou, mas Kiko, que também queria fazer dupla com ela, ficou contrariado.

– Ariene, por que você só quer fazer as atividades com a Bárbara? – perguntou Kiko irritado.

– Na próxima atividade fazemos juntos. Pode ser, Kiko? – fala Bárbara tentando diminuir o aborrecimento de Kiko.

– Está bem, então. Mas não vá se acostumando, ouviu Ariene? – avisou Kiko, e continuou – E no dia que Bárbara não estiver na aula? Eu quero ver o que você vai fazer – e deu um sorriso debochado e provocador.

– Cala a boca, Kiko! Com você é que não vou fazer – falou Ariene, chateada com o atrevimento dele, porém pensativa, pois ele tinha razão, e se Bárbara faltasse?

Pelo tom de voz de Kiko e Bárbara, Ariene sentiu que havia criado uma confusão na aula, porém, não foi algo que chamou atenção dos cole-

⁵⁴ *Ukemis*: quedas. Técnicas treinadas para amortecer o impacto no dojô para diminuir os riscos de uma lesão quando sofrer um golpe (tradução e explicação nossa).

⁵⁵ *Randori*: atividade semelhante ao combate formal, mas com menos intensidade (tradução e explicação nossa).

⁵⁶ *Kumi-kata*: forma de pegar/agarrar o judogui do oponente (tradução e explicação nossa).

gas, mas *sensei* Jorge, sem que percebessem, observou tudo e preferiu não interferir, até para ver como iriam solucionar o problema.

A aula seguiu e a proposta da atividade era que os alunos se deslocassem pelo *dojô* fazendo diferentes tipos de *kumi-kata* em um percurso montado pelo *sensei*, pois o objetivo era desenvolver uma pegada firme com a qual se sentissem confiantes. Ao final do exercício, o professor pediu que todos se sentassem em círculo e solicitou a cada um que falasse as dificuldades e facilidades que encontraram.

– Eu tive dificuldade em fazer a atividade, pois como o Naldo é rápido, conseguia se desprender da pegada com facilidade, porém, aprendi com ele algumas formas de segurar o *judogui* com maior firmeza – falou Alvinho.

– Mostre para nós o que você aprendeu – pediu *sensei* Jorge.

– Eu notei que toda vez que fazia a pegada em sua manga, ele girava o braço e a minha mão soltava do *judogui*, facilitando a aproximação dele para aplicar golpes – explicou Alvinho.

– Mais alguém quer socializar sua experiência?

Ninguém falou nada. *Sensei* Jorge então reforçou:

– Pessoal, quando vocês explicam e demonstram o que aprenderam, contribuem para o aprendizado do colega tirando também possíveis dúvidas – e aguardou alguém mais se pronunciar.

– Vamos, Ariene? – sussurrou Bárbara.

– Não. Se eu for, vou expor o que tive dificuldade e também vou ter que explicar o que aprendi, e não estou com paciência hoje – respondeu Ariene um tanto egoísta.

Bárbara não concordou muito com a atitude da amiga, mas não discutiu.

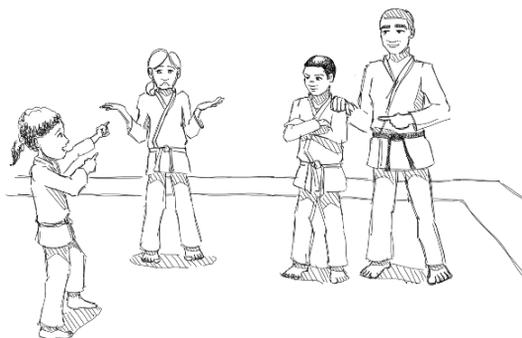
Sensei Jorge encerrou a aula após verificar que os outros alunos não quiseram expor suas dificuldades e avanços, e foi para casa pensando na

criatividade dos alunos e o quanto todos poderiam ter compartilhado seu aprendizado ou dificuldade.

Na terça-feira, o *Sensei* iniciou a aula com um jogo que estimulava novamente a pegada no *judogui*:

– Pessoal, vou fazer com vocês um jogo em dupla. Vou pedir a Kiko que me ajude a distribuir esses adesivos em que há impresso as palavras manga ou gola ou costas. Cada aluno irá sortear um nesta caixinha e vocês tentarão colá-los em sua dupla de acordo com o que está escrito nele. As pessoas da dupla podem receber um adesivo com escritos diferentes ou iguais, ou seja, pode ser que

um tenha gola e o outro manga, ou pode ser que ambos tenham como alvo as costas. Vocês irão atacar e se defender ao mesmo tempo e quem colar primeiro marca um ponto. Após isso, parem a luta e peguem um ou-



tro adesivo para início de um novo combate. Depois de um tempo vamos alterar o jogo e vocês passarão a tentar tirar os adesivos colados, certo?

Assim que terminou a explicação, Kiko falou bem alto:

– Eu quero fazer a atividade com a Bárbara.

– Não, Kiko, quem montará as duplas hoje sou eu – disse *sensei* Jorge que havia planejado tudo anteriormente.

Ele foi chamando os alunos e para a surpresa de Ariene e Kiko os dois foram colocados juntos. Foi evidente a insatisfação dos dois. O *sensei*, já esperando esta atitude, perguntou:

– Algum problema Kiko e Ariene?

– Não, *sensei* – responderam simultaneamente, sem disfarçarem a insatisfação.

Durante o treino Ariene e Kiko ficaram tão bravos que interpretaram a brincadeira como um *shiai*⁵⁷, não construindo respostas variadas, pois utilizaram muita força.

Após o encerramento da aula, *sensei* Jorge pergunta se os dois poderiam permanecer mais um tempo na escola, pois gostaria de conversar. Ambos concordaram com a cabeça e foram se sentar embaixo do Flamboyant⁵⁸ da escola.

Sensei Jorge iniciou o papo:

– Eu notei que hoje vocês não produziram muito. O que houve?

– Eu não gosto de fazer atividade com Ariene, porque ela só fica reclamando. Tanto que a única que tem paciência com ela é a Bárbara, mas eu também quero treinar com a Bárbara, pois ela é quem mais se parece comigo no peso e tamanho. Os outros colegas ou são muito grandes ou pequenos – defendeu-se Kiko.

– Eu também não gosto de fazer dupla com você, Kiko, pois fica reclamando e não me deixa nem tentar o que pensei. Parecia que estávamos em um campeonato, lutando um contra o outro – reclama Ariene.

– Ariene e Kiko, vocês não devem escolher com quem treinar. É fundamental variar o parceiro, pois o tamanho, a força, o jeito de desenvolver a atividade de cada um de seus colegas é diferente. Lembrem-se do Alvinho e do Naldo. Eles têm tamanhos bem diferentes, mas todas as atividades que fazem juntos conversam bastante e com certeza aprendem muito um com o outro. São pacientes para aprender e ensinar cada detalhe construído.

⁵⁷ *Shiai*: combate propriamente dito, como em um campeonato (tradução e explicação nossa).

⁵⁸ Flamboyant: árvore de grande porte.

Os dois perceberam a oportunidade que perderam, pois como Kiko é muito inteligente e Ariene rápida, ambos poderiam ter criado estratégias diferentes que os favoreceria num futuro combate.

Ao chegar em casa, Naldo contou para a mãe o que havia ocorrido com a Ariene na aula. Dona Melissa ficou surpresa com o deslize da filha e a chamou para conversar.

– Ariene, o que houve no treino?

– Nada, mamãe. Foi só um mal entendido, mas já foi resolvido na aula. Ah! Sabe o que eu aprendi?

– Não minha filha. O quê?

– Olha só que interessante, mamãe. Quando eu aprendo algo e meu colega não sabe, é muito importante eu ter paciência para poder en-

sinar, pois deste jeito os dois podem ter cada vez mais conhecimento, assim como eu preciso que meus colegas me ensinem também com paciência.

– Que bom. Realmente isso é importante. E hoje no treino em algum momento você fez isso?

– Não, mamãe. Eu aprendi justamente por isso. Olha só, o *sensei* passou uma atividade para fazer em dupla, mas a minha dupla foi o Kiko e às vezes ele é

chato. Aí eu não fiz quase nada.

– Oxê, oxê. E como é que você me diz que aprendeu?

– Calma, mamãe! O *sensei* percebeu e conversou conosco. Eu fiquei chateada na hora, mas depois eu percebi que foi muito importante, pois vou tentar ajudar meus colegas sempre que precisarem.



– Pois é, minha filha. Até porque se não aprender a ajudar os outros, seus colegas podem não querer te ajudar quando você estiver com dificuldade.

E como toda mãe tem uma sabedoria incrível, no dia seguinte, na escola, uma surpresa, talvez não muito comemorada pelos alunos:

– Hoje teremos um trabalho para ser feito até o momento do intervalo. Cada aluno precisa responder e me entregar as questões que estão na lousa – disse a professora.

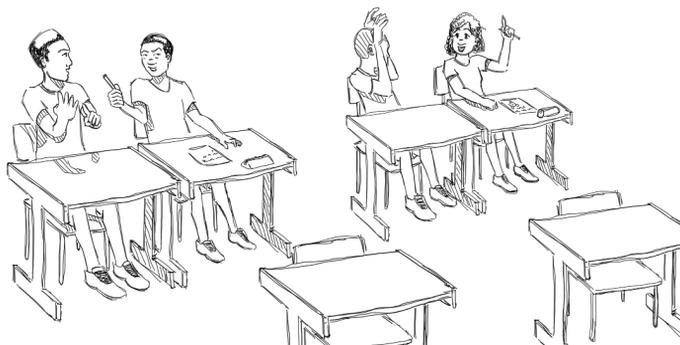
Todos se puseram a responder imediatamente as questões de várias matérias. Aqueles que iam terminando, entregavam o trabalho para a professora e já podiam sair. Permaneceram na sala somente Kiko, com dificuldades na questão de matemática e Ariene que sempre sofreu com ciências. Já estavam aflitos, pois o sinal já havia soado e não conseguiam as respostas. Foi então que Alvinho e Naldo apareceram na sala:

– Pró⁵⁹, será que podíamos ajudar nossos amigos?

– Mas pessoal, o trabalho é individual – disse a professora.

– Sabe o que é Pró, aprendemos com o *sensei* Jorge que devemos tentar ajudar quem está com dificuldades, e que quando ensinamos algo a alguém ambos aprendemos – disse Alvinho.

A professora contrariada pensou por um tempo, porém como já estava preocupada com o horário falou:



⁵⁹ Pró: tratamento comum para a professora no interior da Bahia.

–Pois bem, podem ajudar então. Alvinho, sente-se junto com o Kiko e Naldo, apesar de sua irmã ser normalmente aquela que te ajuda, hoje você vai tentar retribuir, já que tem se destacado bastante em ciências. Mas é para ajudar, não para responder para eles, combinado?

Todos concordaram.

As recém-formadas duplas foram conversando, discutindo e conseguiram finalmente completar os trabalhos, entregando-os à professora, que percebia cada dia mais como o judô estava transformando a vida destes jovens. E até a dela mesmo, pois percebeu que Kiko e Ariene aprenderam muito com a ajuda dos dois amigos: – “Uma boa ideia as duplas se ajudarem, vou promover isso em alguns momentos da semana” – refletiu.

Passado alguns dias, numa aula de terça-feira, o *sensei* aborda alguns princípios do judô, a partir da experiência dos alunos. Para tanto pede para alguém explicar um fato que considerasse muito importante para a sua vida. Para sua surpresa, pois ela estava contribuindo pouco com o grupo ultimamente, Ariene foi a primeira a levantar a mão.

–*Sensei*, entre tantos aprendizados, tem um que foi muito importante e que gostaria de contar para os colegas, porém não é fácil manter essa prática, mas estou tentando melhorar a cada dia. Teve uma atividade em dupla que eu e o Kiko precisávamos arranjar estratégias, mas eu não me dediquei para aprendermos juntos. Daí o senhor nos chamou para conversar e comecei a entender. Mas só fui entender mesmo na escola, quando meu irmãozinho pediu à professora para me ajudar numa matéria que eu não sabia direito. O Kiko também recebeu ajuda do Alvinho e nós dois conseguimos ir bem naquele trabalho.

– Muito bom este seu exemplo, Ariene, ele se encaixa num princípio de Jigoro Kano que diz o seguinte: “O judoca é o que possui inteligên-

cia para compreender aquilo que lhe ensinam e paciência para ensinar o que aprendeu a seus semelhantes”.

Neste momento Naldo fala em tom de brincadeira se dirigindo principalmente à irmã:

–Ariene, quem é que está sendo mais inteligente este ano, hein? Pois estou sendo judoca não só aqui no *dojô* como na escola também, ensinando até minha irmã mais velha!

Ariene, por sua vez, não deixa barato:

–Você tem razão Naldo, obrigada! Vai ver que aprendeu com o exemplo em casa, né? Com todas as vezes que tive a maior paciência para te ajudar em todas as outras matérias.

Todos riram alegremente daquela situação. Mas, o que ninguém imaginaria é que aqueles ensinamentos passariam a acompanhá-los em todos os momentos de suas vidas.

Aprender e passar adiante

Leopoldo Katsuki Hirama
Cássia dos Santos Joaquim

O conto a seguir é baseado no princípio “Saber cada dia um pouco mais e usá-lo todos os dias para o bem, esse é o caminho dos verdadeiros judocas”, frase atribuída a Jigoro Kano como um dos preceitos que compõem o Espírito do Judô (VIRGÍLIO, 1994, p.25).

Kiko estava arrumando suas coisas em casa antes de sair para mais um treino no *dojô* de Massapê. Todos se preparavam para mais um torneio que dava vaga, aos três primeiros colocados de cada categoria, para outra competição de nível interestadual.

Apesar do empenho de todos, Kiko estava se destacando naquela temporada. Suas dificuldades técnicas haviam sido superadas pelo esforço diário. Sua melhora foi tão notória que seus amigos discutiam e procuravam juntos, meios de o superar nos *randoris* e *shiais*⁶⁰.

Ao chegar na escola, Kiko viu todos os seus amigos já no *dojô*⁶¹, de kimono⁶² e pareciam já terem feito algumas atividades. Apressou-se para se trocar e, após os cumprimentos tradicionais ao entrar na área de treino e à imagem de Jigoro Kano⁶³, foi dar boa tarde aos amigos. Apesar de bem recebido, Kiko teve a impressão de que escondiam algo dele, mas não ligou muito, puxando a conversa sobre o torneio que se aproximava.

⁶⁰ *Randori*: atividade semelhante ao combate formal mas com menos intensidade (tradução e explicação nossa).

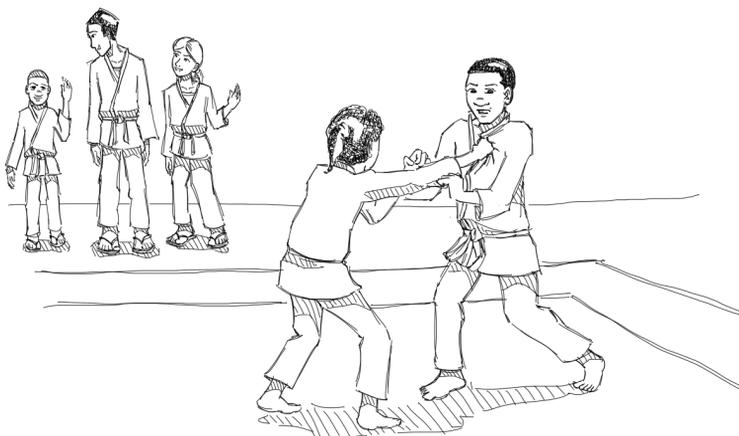
⁶¹ *Dojô*: local de treino, também denominado local de iluminação (tradução e explicação nossa).

⁶² *Judogui*: vestimenta (kimono) própria a prática do judô (tradução e explicação nossa).

⁶³ Jigoro Kano: criador do Judô moderno.

Logo, *sensei* Jorge entrou no *dojo* e iniciou o treino. Após algumas atividades variadas, iniciaram-se os *randoris*. A sugestão era que todos procurassem executar tudo o que estavam treinando nos últimos tempos. Ariene, Bárbara, Alvinho e Naldo se olharam, fazendo um pequeno sinal com a cabeça.

Kiko começou seu *randori* com Ariene confiante que seria um combate tranquilo. Pensou: "Vou derrubá-la algumas vezes e depois deixo-a aplicar o quanto quiser, mas não vou cair!" No entanto, Ariene fez um *kumi-kata*⁶⁴ que impedia Kiko de realizar seus melhores golpes. Tentou todos eles, mas não conseguia derrubar sua amiga. O *randori* se encerrou sem que nenhum dos dois tivessem conseguido aplicar alguma técnica com sucesso.



O mesmo aconteceu com sua luta com Naldo, que conseguiu anular todas as tentativas de ataque de Kiko, terminando sem nenhuma queda.

⁶⁴ *Kumi-kata*: forma de pegar/agarrar o judogui do oponente (tradução e explicação nossa).

O terceiro combate foi com Alvinho, que também utilizou a mesma estratégia que Ariene e Naldo, e combinando com contra-ataques de *ashi*⁶⁵, conseguiu derrubar Kiko várias vezes. Este, ao final, já estava tão irritado que não conseguia parar para refletir sobre o que estava acontecendo.

O último *randori* do dia foi com a Bárbara, que ultimamente não conseguia fazer frente aos golpes do Kiko, mesmo utilizando sua força tradicional. Confiante e um tanto bravo partiu para cima da sua amiga que aproveitou seu movimento e lhe aplicou um excelente *o-goshi*⁶⁶ derrubando no que seria, em uma competição, um belo *ippon*⁶⁷!

Kiko levantou-se ainda mais irritado e tentando aplicar seus golpes, não obtinha sucesso, sendo bloqueado pela pegada firme na gola realizada pela Bárbara. Sem raciocinar, buscava de forma bruta e com pouca técnica derrubar sua amiga e mais uma vez recebeu um contra golpe aplicado no tempo certo caindo novamente.

Sensei Jorge, falando “*soremade*⁶⁸”, finaliza o treino do dia, solicitando a todos que se cumprimentem e entrem em formação para o ritual de término da aula. No momento do *mokissô*⁶⁹, *sensei* Jorge, percebendo o que aconteceu no dia, sugere que todos reflitam sobre os sucessos e fracassos e como podem aprender com cada um deles. Terminada a aula, ao se prepararem para sair todos juntos, felizes pelas conquistas, Ariene, Bárbara, Naldo e Alvinho percebem que Kiko permaneceu quieto, em um canto do *dojô*. Foram até ele e perguntaram:

⁶⁵ *Ashi*: Técnicas que utilizam a perna para derrubar (tradução e explicação nossa).

⁶⁶ *O-goshi*: Um tipo de golpe que utiliza principalmente o quadril (tradução e explicação nossa).

⁶⁷ *Ippon*: pontuação máxima em uma luta, que, se conquistada, o atleta vence instantaneamente. O *ippon* ocorre quando o atleta derruba o adversário de forma rápida tocando as costas dele inteira no chão (tradução e explicação nossa).

⁶⁸ *Soremade*: significa o término de uma atividade ou da aula (tradução e explicação nossa).

⁶⁹ *Mokissô*: Momento de silêncio em que se realiza a reflexão e a meditação (tradução e explicação nossa).

– Que foi Kiko? Se machucou?

Kiko com vergonha disse que não sabia o que havia acontecido, pois estava treinando bem, ganhando de todos e de repente não foi capaz de executar se quer um golpe. Todos sorriram satisfeitos, o que irritou novamente a Kiko que reclamou:

– Bons amigos vocês são! Estou chateado por não conseguir treinar bem e vocês ficam aí rindo de mim?

Alvinho logo responde:

– Kiko, não estamos rindo de você, mas sim felizes conosco, pois nos reunimos antes do treino para pensarmos juntos em uma forma de vencê-lo, ou pelo menos anular seus golpes que nenhum de nós conseguia evitar.

E Bárbara acrescenta:

– Pensamos juntos sobre quais os seus melhores golpes e o que poderíamos fazer para bloqueá-los. Daí a Ariene sugeriu que fizessemos uma pegada invertida, firme em sua gola esquerda, na altura do peito, tentando mantê-lo distante e sem deixá-lo girar para aplicar os golpes de *koshi*⁷⁰ que nos derrubava sempre. E deu certo!

– E ainda pensamos que se você não conseguisse aplicar seus golpes, ficaria tão afoito que poderíamos tentar alguns *kaeshi-wasa*⁷¹ que o *sensei* nos ensinou. E mais uma vez deu certo! Por isso ficamos bem felizes!

Naldo ainda completou:

– Mas não é para você ficar triste, pois sabemos que irá dar um jeito de solucionar esta dificuldade que criamos e logo, logo, irá nos derrubar de novo.

Kiko, mais calmo, seguiu os amigos para fora do *dojô* e todos foram para suas casas.

Durante os dias que se passaram antes do próximo treino Kiko fi-

⁷⁰ *Koshi*: Quadril (tradução nossa).

⁷¹ *Kaeshi-wasa*: Técnicas de contra-ataques (tradução nossa).

cou muito pensativo e percebeu que se irritar e lutar de forma afoita, sem controle, não era adequado e isto o fez cair diante do Alvinho e da Bárbara com muita facilidade. Esta era a lição número 1 da última aula.

Continuando a pensar, percebeu que tinha aprendido a lição 2: se o adversário segurar sua gola do lado esquerdo e mantiver seu braço esticado, ele não conseguiria aplicar suas melhores técnicas. E ainda chegou a outro pensamento, que poderia ser a lição número 3: precisava criar um jeito de evitar ou sair desta posição de *kumi-kata*.

Nos próximos três treinos Kiko se esforçou para evitar a pegada, mas ao fazê-lo, também não conseguia realizar a luta do jeito que gostava. E quando seu adversário conquistava a tal pegada, as ideias que havia pensado anteriormente não estavam dando certo. Então, ao final da terceira aula foi conversar com o *sensei* Jorge sobre esta dificuldade:

– *Sensei*, como faço para tirar a pegada da gola? Meus amigos têm feito isto e não consigo me aproximar.

O *sensei* Jorge lhe respondeu:

– Poderia lhe mostrar várias formas de sair desta situação, mas quero que você continue a tentar, pois tenho visto que vem a cada dia com estratégias diferentes. Não quero impedir que você reflita e crie uma forma de resolver o problema.

– Mas *sensei*, já estou há dias tentando e não consigo! Estou perdendo tempo e não tenho aprendido nada – retrucou Kiko.

Sensei Jorge responde sabiamente, como sempre:

– Aí é que você se engana. A cada dia que vem aqui com uma nova tentativa, está aprendendo! Talvez não tenha resolvido a questão que te incomoda, mas no mínimo compreendeu que esta forma não é adequada para a situação. Continue persistindo que achará um jeito, você vai ver.

Kiko concorda com o *sensei*, o cumprimenta e vai embora pensativo,

e assim permanece até a manhã do último treino antes do torneio. Logo ao acordar, como se fosse mágica, lhe surgiu uma ideia para resolver o problema do *kumi-kata*. Aliás, uma ideia não, mas duas!

Ele detalha mentalmente o que tinha pensado até a hora da aula, quando ensaia um pouco no *uti-komi*⁷² meio disfarçadamente para não mostrar aos amigos, e, finalmente pode testar suas novas estratégias no *shiai*.

A primeira luta é com Ariene novamente, mas desta vez, tudo foi diferente. Ao realizar a pegada em Kiko, Ariene recebe um golpe seguido de uma queda muito forte. Ela se levanta ainda sem saber o que lhe acontecera. A mesma situação se repete mais algumas vezes.



E assim foi o treino todo, finalizando com Alvinho, que sempre foi seu oponente mais forte e difícil, mas não neste dia. Kiko repete a mesma estratégia que realizou em todos os outros e consegue derrubar Alvinho num belo *ippon*. Ao continuarem, Alvinho firma a pegada e evita a repetição do golpe anterior, mas não sabe bem como, seu amigo muda de pegada forçando – lhe a se aproximar, abrindo a defesa para um golpe

⁷² *Uti-komi*: exercício tradicional no Judô de repetição dos gestos dos golpes para derrubar (tradução e explicação nossa).

tradicional de Kiko, um *morote-seoi-nague*⁷³, derrubando-o novamente. A aula finaliza com Kiko aparentando um sorriso maroto de satisfação.

Como sempre, todos se reúnem para ir embora e hoje estavam afoitos para saber o que o amigo havia feito para ter tanto sucesso, pois os movimentos foram tão diferentes e rápidos que nenhum deles havia percebido direito o que tinha acontecido. No entanto, Kiko se recusa a dizer, afirmando:

– Não vou lhes contar. Sofri dias sem derrubar nenhum de vocês e agora não vou liberar meu segredo – e saiu correndo para sua casa.

Seus amigos não entenderam nada.

Dois dias depois estavam todos, de madrugada ainda, na frente do *dojo* aguardando o ônibus chegar para levá-los ao torneio. *Sensei* Jorge conferiu se faltava alguém e assim que terminou, o transporte chegou. Acomodados, seguiram viagem, que foi um tanto demorada, principalmente pela ansiedade causada pela vontade de lutar logo.

Ao chegar no ginásio onde aconteceriam as lutas, os alunos foram encaminhados para a pesagem e depois disso se acomodaram em um local da arquibancada.

Aldo, como era o mais novo, foi o primeiro a lutar. Enfrentou logo de cara um adversário bem mais experiente. Utilizou a estratégia da pega-da que haviam criado oferecendo muitas dificuldades ao seu oponente, que não conseguiu derrubá-lo, mas acabou perdendo por ser penalizado, pois somente se defendeu e não tentou aplicar nenhum golpe. Como era a primeira luta, foi desclassificado não voltando a atuar neste dia.

Ariene e Bárbara lutaram no mesmo período e foram muito bem considerando que em suas categorias havia meninas muito mais experientes e graduadas. Ambas ficaram na quinta colocação.

⁷³ *Morote-seoi-nague*: tipo de golpe classificado como técnica de braço e mão (tradução e explicação nossa).

Alvinho e Kiko foram os últimos do grupo a lutarem no torneio, cada um em sua categoria. Começaram bem, ganhando duas lutas cada, até com certa facilidade. Mas, a partir daí os oponentes foram ficando cada vez mais difíceis. Na terceira luta, Kiko enfrentou um adversário bem forte que utilizava a mesma técnica de pegada na gola esquerda dele, mantendo-o afastado com o braço estendido. Lembrando da estratégia que realizou com seus amigos, fingiu tentar aplicar um golpe de um lado e o surpreendeu com uma técnica invertendo o lado de entrada. Foi um lindo *ippon seoi nague*⁷⁴.

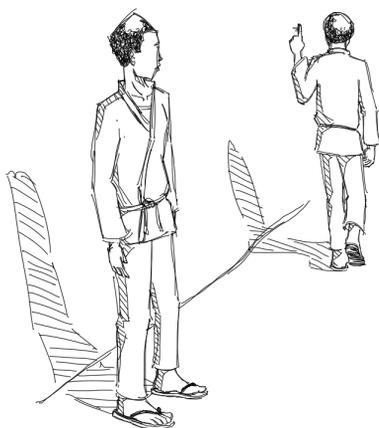
Alvinho lutava na mesma hora e também venceu com muitas dificuldades. Ambos estavam para disputar as quartas de final do torneio. Se vencessem, já garantiriam pelo menos a terceira colocação e estariam classificados para o torneio interestadual, o que seria inédito para a escola de judô de Massapê.

Antes de sua luta anterior, Alvinho assistiu atento ao combate do qual sairia seu possível adversário. A ideia era a de tentar perceber a forma como lutavam, para que, se ele passasse para a outra fase, pudesse conhecer alguma coisa de seu futuro oponente. Definidas as próximas lutas, percebeu que lutaria com um judoca que utilizava também a técnica da pegada com o braço estendido. Ficou incomodado, pois não sabia bem como agir.

Para Alvinho, ficar entre os três primeiros e conquistar a vaga para o torneio Interestadual era bem importante e havia várias coisas em jogo. Sua família era muito simples como a de seus amigos, eles moravam na roça e ali era costume os meninos, desde bem jovens, ajudarem seus pais na lavoura. Era exatamente isto que seu próprio pai queria que acontecesse, acreditando que o Judô não lhe proporcionaria nada de importante. Alvinho só permanecia treinando porque sua mãe insistia, dizendo ao marido que queria que seu filho tivesse outra vida ou pelo menos, outras oportunidades.

⁷⁴ *ippon seoi nage*: tipo de golpe classificado como técnica de braço e mão (tradução e explicação nossa).

Assim, se Alvinho conseguisse se classificar iria viajar para outro estado, coisa que ninguém de sua família havia feito. Aliás, poucos da comunidade em que moravam tinham vivido uma experiência deste tipo. Seria talvez a oportunidade de convencer seu pai que o Judô estava lhe oferecendo chances que jamais teve, como viajar para longe, conhecer outros lugares, outras pessoas, outras escolas de judô, isso sem dizer a honra de representar a comunidade, a cidade e o estado todo.



Este drama Kiko não vivia. Claro, queria muito se classificar e viajar, lutar por seu estado e tudo mais. Mas não sofria com a possibilidade de ter que abandonar o Judô, pois seus pais, ao contrário da maioria, entendiam que ele deveria estudar e aproveitar qualquer oportunidade de aprendizado e percebiam que com o *sensei* Jorge, aprender era o que mais acontecia. Alvinho estava angustiado pensando na forma que seu futuro adversário lutava, e resolveu procurar Kiko para pedir ajuda:

– Kiko, meu adversário, aquele ali, faixa verde, luta com a pegada firme, do jeito que fizemos contra você nos últimos treinos. Como você fez para nos vencer?

Mas Kiko, ainda sem querer compartilhar sua estratégia respondeu:

– Alvinho, me desculpe, mas agora não dá para te explicar, preciso ficar de olho nos meus adversários – e saiu de perto de seu amigo. O que nenhum dos dois percebeu é que *sensei* Jorge viu e ouviu tudo e caminhou atrás de Kiko.

Chegando perto dele o chamou para irem até uma espécie de loja temporária que vendia artigos relacionados ao judô. *Sensei* Jorge pegou um livro e o abriu em uma página específica e começou a ler:

– Saber cada dia um pouco mais e usá-lo todos os dias para o bem, esse é o caminho dos verdadeiros judocas –levantando os olhos do livro e os direcionando a Kiko, *sensei* Jorge perguntou –Kiko, há algumas semanas seus amigos se reuniram mais cedo e bolaram uma estratégia para tentar fazer com que você não conseguisse derrubá-los com tanta facilidade como estava fazendo ultimamente. O que aconteceu quando aplicaram a estratégia contra você?

– No início não conseguia aplicar nenhum golpe, por causa da defesa que eles combinaram. Perdi a calma e muitas vezes fui derrubado. Mas depois de pensar sobre a estratégia deles e tentar vários jeitos de vencer, eu consegui criar duas formas que deram certo. Inclusive já utilizei uma delas hoje – respondeu Kiko orgulhoso.

– Então posso dizer que seus amigos te ajudaram a melhorar seu judô? Eles ajudaram você a “saber cada dia um pouco mais”, correto? – perguntou novamente seu *sensei*.

– Sim, de certa forma, mas fui eu sozinho que pensei nestas estratégias– retrucou Kiko, como costumava fazer.

– Bom, se concorda comigo, o que deve fazer com seu novo aprendizado? Lembrando que este novo aprendizado só ocorreu por causa de seus amigos – perguntou *sensei* Jorge.

Kiko não compreendia o que *sensei* Jorge queria com essa conversa. Olhou para ele, depois para cima, pensativo, e não respondeu nada. Seu *sensei* continuou:

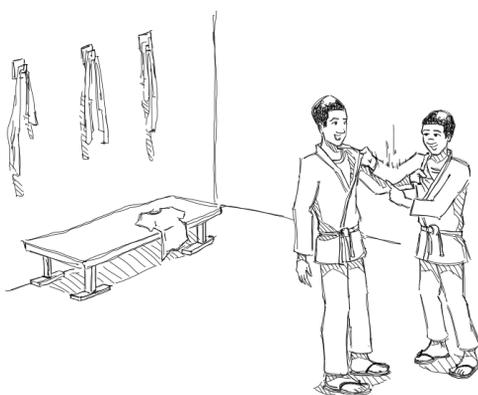
– Leia novamente este ensinamento de Jigoro Kano e depois reflita, pense, se ele estivesse aqui, o que gostaria de ver você fazer? – deu-lhe um abraço, desejando-lhe boa sorte nas lutas que viriam.

Kiko logo percebeu que realmente seus amigos lhe proporcionaram a chance de aprender mais. Eles mesmos foram claros em dizer o que combinaram logo após aquele treino, sem esconder-lhe nada. Só assim Kiko pôde começar a pensar na resolução daquele problema, senão talvez não tivesse encontrado. Percebeu também o quanto estava sendo egoísta e que Jigoro Kano estaria triste se soubesse o que estava acontecendo. Afinal, o bom judoca utiliza tudo o que aprende para o bem de todos, e ele não estava compartilhando nada, logo, estava pensando apenas no seu próprio bem e não no dos outros. Estava tudo errado...

Assim, de onde estava mesmo procurou Alvinho com o olhar, devolveu o livro apressado e correu ao encontro do amigo. Chegando até ele, puxou-o para o corredor dos vestiários e lhe explicou o que fazia para se desvencilhar daquela famosa pegada, ao mesmo tempo que demonstrava na prática.

Alvinho ficou maravilhado:

– Então quer dizer que é assim? Você solta a pegada da minha man-



ga, passa seu braço por cima do meu, segura minha gola e empurra seu cotovelo por cima do meu cotovelo para baixo, forçando-me a flexionar meu braço, diminuindo a distância! Puxa, é verdade, é isto que você fez em mim, mas não tinha percebido.

– E ainda tem a entrada de golpe invertendo o lado, aplicando sobre o braço estendido – explica Kiko sua segunda estratégia.

Os amigos ficam ali por alguns minutos revisando as formas até que chega a hora de Alvinho retornar para o *shiai-jô*⁷⁵:

– Boa sorte meu amigo – diz Kiko.

– Valeu amigão, com suas dicas, acho que vai dar certo! – responde Alvinho com um grande sorriso cheio de esperança.

E realmente deu certo! Alvinho sofre de imediato o *kumi-kata*⁷⁶ esperado e aplica um *soto-makikomi*⁷⁷ invertendo o lado, derrubando seu adversário e imobilizando-o até o *ippon*. Na luta seguinte, a situação se inverte, pois é Alvinho que utiliza a técnica de deixar seu adversário distante até que consegue, numa entrada mal realizada de seu oponente, um bom contra golpe derrubando-o de *ippon* e vencendo a luta e o torneio.



Feliz da vida, após os cumprimentos tradicionais de final de luta, procura seu amigo Kiko, que já está ao lado de sua área de combate, aguardando somente a autorização do árbitro para entrar no *shiai-jô*. Alvinho não se contém e vai até lá abraçá-lo, justamente na hora em que foi autorizado a entrada do amigo. O árbitro observa os dois judocas abraçados, faz uma pequena advertência e olha para o *sensei* Jorge, que levanta os ombros, como quem diz: "Vai fazer o quê, né?"

Alvinho ainda deseja a Kiko boa sorte e vai para a arquibancada torcer.

O combate de Kiko foi incrível, muito disputado, com ambos atle-

⁷⁵ *Shiai-jô*: área de luta, espaço destinado à competição (tradução e explicação nossa).

⁷⁶ *Kumi-kata*: forma de pegar/agarrar o judogui do oponente (tradução e explicação nossa).

⁷⁷ *Soto-makikomi*: golpe de sacrifício, onde quem aplica se projeta ao solo para então derrubar seu oponente (tradução e explicação nossa).

tas lutando abertamente, mas sem quedas até bem perto do final, quando o aluno de *sensei* Jorge encaixa seu bom e conhecido *ippon seoi nague*, conseguindo um *wazari*⁷⁸. Bem na hora, pois logo em seguida o tempo se esgota. Kiko estava na final do torneio.

Não houve muito tempo para descanso para a última luta. Novamente o combate foi bastante aberto, com os dois judocas tentando aplicar suas técnicas preferidas. Em um destes momentos Kiko consegue aplicar uma boa sequência alternando um golpe de *koshi*⁷⁹ com outro de *ashi*, derrubando seu oponente e pontuando de *wazari*. Mas ao tentar a imobilização, seu adversário o virou e conseguiu executar o *ossae-komi*⁸⁰, que manteve até terminar a luta. Mais tarde veio saber que este atleta era considerado o melhor na luta de chão do estado.

Apesar de sair chateado pela derrota, foi abraçado imediatamente por seus amigos ao sair do *shiai*jô. Estavam todos muito felizes, pois havia conseguido um belo resultado e também a vaga para o Interestadual. A tristeza foi embora com a empolgação de todos.

Já no ônibus, após a bagunça normal depois de um dia muito legal, com as canções e brincadeiras, Kiko e Alvinho sentam-se um ao lado do outro e conversam:

– Ei Alvinho, Ariene disse que já mandou uma mensagem no celular da mãe avisando que fomos classificados para o Interestadual. A comunidade toda já deve estar sabendo uma hora dessas! – diz Kiko sabendo o que o amigo enfrentava em casa.

Mas Kiko percebe que Alvinho parece preocupado:

– Que foi Campeão? Que cara é esta?

⁷⁸ *Wazari*: pontuação no combate que é dado a uma projeção quase perfeita. Dois wazaris representam um *ippon*. (tradução e explicação nossa).

⁷⁹ *Koshi*: quadril (tradução nossa).

⁸⁰ *Ossae-komi*: imobilização (tradução nossa).

– É que eu não sei como meu pai vai encarar isto. Ele quer que eu pare com o judô e sempre achei que se tivesse um bom resultado ele me apoiaria, mas agora tenho medo que isto não aconteça – disse Alvinho, com o olhar longe.

– Fica calmo Alvinho. Teu pai é durão, mas sabe o que é bom. Você vai ver! – fala Kiko, tentando animar o amigo e dando uns tapinhas em suas costas.

A viagem logo termina com o motorista do ônibus buzinando para toda a comunidade saber que estão chegando. Os alunos, que ainda estavam cantando percebem que tem paraticamente uma multidão os aguardando. O povo de Massapê dá espaço para o ônibus encostar e finalmente abre a porta, mas ao invés de alguém descer é o pai de Alvinho que sobe, todo apressado e dá um forte abraço em seu filho. Nenhum deles fala nada, mas a expressão de preocupação de Alvinho já tinha sumido, ficando a de uma alegria imensa. Kiko aponta para ele como a dizer: “Não te falei?”, e sai para também abraçar seus pais.



Aquela noite foi de festa e felicidade em torno de uma bela fogueira, com as crianças, adultos, pais, avós, enfim, todos da comunidade ouvindo as histórias ocorridas naquele dia, incluindo *sensei* Jorge, que escutava tudo comendo milho assado e batata doce na brasa.

Bom cidadão ou bom lutador?

Leopoldo Katsuki Hirama
Cássia dos Santos Joaquim

O conto a seguir é baseado no princípio “O judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar”, frase atribuída a Jigoro Kano como um dos preceitos que compõem o Espírito do Judô (Virgílio, 1994, p.24).

Naldo não entende o que Jigoro Kano⁸¹ quis dizer com esta frase: “O judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar”. Na última aula seu *sensei* pediu que cada aluno pegasse um pedaço de papel em um saco e levasse para casa. Solicita ainda que só abraisse quando estivessem em um momento bem calmo para que pudessem refletir sobre o que estava escrito. Depois de pensar bastante a respeito e não chegar a nenhuma conclusão sobre a razão desta lição, deixa-a fixada na parede de seu quarto, bem do lado de sua cama e vai jantar.

Ao deitar-se ainda dá uma última lida na frase e pensa:

– Ainda não entendo. Tenho treinado tanto! Se não for para poder ir bem na competição para quê então tanto esforço? Para que aperfeiçoar-se se não for para vencer meus adversários?

Ainda pensando, Naldo pega no sono. Estava exausto, pois tivera um dia bem puxado, além da escola, havia treinado com bastante dedicação e ainda tinha ajudado seu pai na roça. Estava focado na competição que a turma de Massapê iria participar e que poderia levá-lo para lutar fora do estado, em um torneio interestadual. Todos os alunos estavam empolgados, e ele estava se dedicando além até do que sua rotina permitia.

⁸¹ Jigoro Kano: criador do Judô Moderno.

No entanto, para se dedicar desta forma, Naldo tinha diversos desafios pela frente. Um deles era seu desempenho na escola. Apesar de sua irmã Ariene o ajudar sempre, no ano passado ele quase não passa de ano e sua mãe ficou bastante decepcionada, exigindo que nesta nova etapa ele mergulhasse nos estudos e tivesse ótimas notas, correndo o risco de ficar sem poder treinar. O problema ficou maior ainda, pois a própria irmã reclamou que achava que Naldo estava se aproveitando dela. Como sempre tinha sua ajuda, ele acabava não se esforçando quanto deveria. Assim, Ariene só poderia ajudá-lo se a situação com suas notas estivessem realmente muito ruins, mas neste caso, já não estaria mais treinando judô, pois necessitaria de todo o tempo necessário para os estudos.

Outro compromisso que Naldo iria enfrentar neste ano era o de ajudar mais seu pai na lavoura, pelo menos algumas poucas horas por dia. Seu pai Patião também ficou bravo ao saber das notas de seu filho e disse:

–Já que não vai estudar direito, vai me ajudar na roça. Quem sabe aprende que a vida não é fácil e decide levar uma vida diferente que eu e sua mãe. O seu Zé da quitanda me falou um dia que o lápis é mais leve que a enxada. Vamos ver se este menino aprende capinando um pouco comigo!

Na verdade, Seu Patião queria mesmo é ensinar algumas coisas da terra a seu filho e ver se ele percebia que nada se conquista sem esforço, por isso, a cada dia inventava uma tarefa diferente para Naldo realizar.

Enfim, o dia a dia de Naldo não era nada fácil. Ir à escola, estudar, ajudar seu pai e treinar judô. Mas ele estava indo bastante bem, se organizando como nunca. A primeira atitude que tomou foi tentar prestar muita atenção nas aulas na escola. Tudo o que não entendia fazia questão de perguntar. “Assim, fica mais fácil para estudar depois!” pensava.

No início não foi fácil se comportar desta maneira, pois sempre foi de conversar bastante, mas sempre que tinha vontade de puxar papo com os amigos lembrava do campeonato e voltava a prestar atenção.



Ao chegar em casa depois da escola, não perdia tempo, abria logo seu caderno e fazia a lição de casa aproveitando para revisar o que foi visto na sala de aula. Tinha muita dificuldade em matemática e não via onde aquilo que aprendia poderia ser usado em sua vida. Estava aprendendo fazer contas de multiplicação e divisão. Também sofria com ciências. Apesar de tratar de algumas coisas que conhecia, decorar aqueles nomes todos, as partes das plantas e como se desenvolviam era complicado.

Depois da lição de casa e do estudo, almoçava e descansava alguns minutinhos conversando com a família reunida na mesa, antes de sair para ajudar seu pai na roça. Num certo dia, Naldo e seu pai tinham que reformar a cerca de arame da lavoura. Já tinham retirado todo o arame velho e arrebitado, trocado os mourões ruins e começaram a esticar o novo enfarpado. Naldo desenrolava o arame enquanto seu pai esticava e pregava. No entanto, ao final do único rolo que tinham eles completaram apenas uma fiada e meia de um total de seis fiadas que a cerca deveria ter.

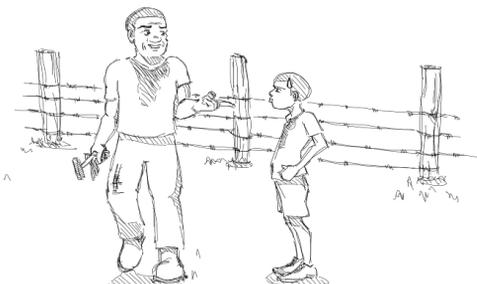
Seu Patião então disse ao filho:

—Por hoje chega, Naldo. Amanhã depois da aula passe na loja de ferramentas e encomende o arame que está faltando e pegue também os pacotes de grampos que faltam, pois tínhamos dois e usamos um inteiro hoje. Peça para entregarem aqui em casa, tá?

– Mas pai, quanto arame e grampo precisamos?

– Ôxe, filho. Quem está na escola é você! Eu não pude estudar, por isso não sei bem fazer estas contas. Resolva isto e não esqueça de encomendar

tudo pois depois de amanhã quero terminar esta cerca. Pode ir, filho, vá treinar seu judô.



– Obrigado, pai – diz Naldo feliz, mas já preocupado, dando uma última olhada no serviço realizado.

– Obrigado você, filho – responde Patião, esperançoso que seu filho consiga perceber o quanto se pode aprender coisas da vida na escola.

Após passar em casa, se lavar e pegar seu kimono, Naldo vai até o *dojô* e realiza mais um ótimo treino, procurando melhorar suas técnicas mais usadas e criar novas estratégias. Até mesmo Alvinho, que é o mais forte da turma, fica surpreso por não conseguir derrubá-lo no *randori*.

– Ei Naldo, não consegui aplicar nenhum golpe em você. O que fez? – perguntou Alvinho.

– Na verdade não sei bem. Só mudei meu *kumi-kata* pois você sempre me derrubava com facilidade. Estava tentando outras formas de pegada, mas não sei ao certo te dizer como foi.

– Olha Naldo, percebi que eu não conseguia me aproximar de você. Ah, acho que é este seu braço estendido no meu peito – concluiu Alvinho após pensar um pouco.

– É mesmo! Que legal, inventei uma forma de me defender. Ei, que

tal conversarmos com a Ariene e a Bárbara para aplicarmos esta pegada contra o Kiko, que vem derrubando todos nós nos últimos tempos?⁸²

– Vamos sim. Combinamos de todos aplicarmos esta estratégia na aula seguinte.

Terminada a aula, Naldo retorna para sua casa animado pelo treino, mas logo se lembra da tarefa que seu pai lhe deu e comenta com Ariene que lhe explica que é só usar a multiplicação e divisão que aprenderam na escola:

– Você está dizendo que um rolo de arame deu para uma fiada e meia. Mas a cerca tem seis fiadas. Daí é só dividir o quanto dá um rolo pelas seis fiadas!

– Como é que é, Ariene? – Naldo perguntou confuso.

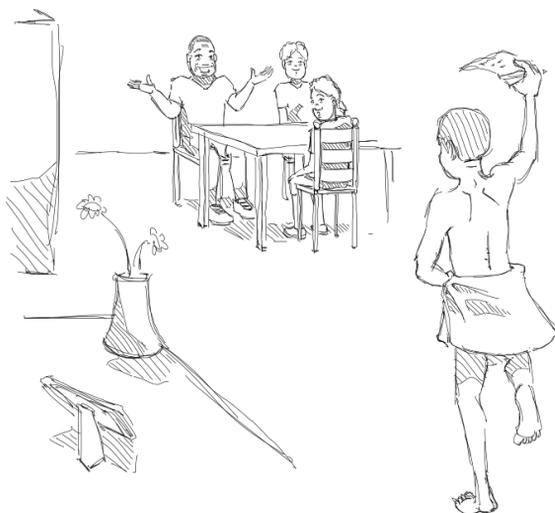
– Ah, Naldo, não vou cair nessa não. Você quer é que eu acabe fazendo a conta de novo, como sempre. Já te expliquei, agora vai pegar o caderno e resolva – diz Ariene firme.

Naldo segue a sugestão de Ariene e vai direto para o quarto pegar seu caderno e começa a rabiscar. Tenta fazer a conta de várias formas, mistura os metros do arame com o número de mourões, com os pacotes de grampos, uma bagunça. Até que sua mãe o chama para jantar. Daí ele resolve deixar tudo de lado e corre tomar seu banho (o que já devia ter feito) para em seguida jantar junto com a família. Mas, enquanto toma banho, como se a água refrescasse seus pensamentos, percebe o que deve fazer. Acaba logo de se lavar e corre, só com a toalha no corpo resolver seu problema:

– Seis fiadas dividido por uma fiada e meia, que é o que dá um rolo. Isto dá quatro rolos. Deixa eu ver se está certo: um rolo dá uma fiada e meia, vezes quatro rolos é igual a seis fiadas. Consegui! Quatro rolos! Quatro rolos! Precisamos comparar então três já que um já está na cerca! Naldo sai rapidamente pelado para falar para todos que já estão na mesa para o jantar.

⁸² Ver conto: Aprender e passar adiante

– Ôxe menino, vá se vestir primeiro – diz Seu Patião orgulhoso.



Seu Patião não teve oportunidade de estudar quando mais novo, e foi com o trabalho do dia-a-dia que aprendeu a fazer as operações básicas de matemática, ou seja, ele já sabia quantos rolos eram necessários, porém ficou feliz por ver o filho ter encontrado a solução sozinho.

Naldo ficou empolgado por ter conseguido descobrir quantos rolos de arame precisarão para a cerca, e depois da janta ainda vai fazer as contas para saber quantos pacotes de grampo também precisarão. Aquela foi a primeira vez que ele tinha percebido como a matéria da escola poderia ser utilizada na sua vida e ficou bastante feliz.

Após a aula do dia seguinte, Naldo passou na loja e encomendou tudo direitinho. Naquela tarde seu pai precisou de ajuda para espalhar o fertilizante para a plantação, o que não foi um trabalho muito duro, mas lhe chamou a atenção o custo deste produto quando seu pai lhe disse o preço que pagara. Naldo perguntou:

– Pai, e não tem outro mais barato não?

– Infelizmente não filho. Na mercearia este é o mais barato e ainda não é muito bom. Veja, as espigas crescem pequenas – lamenta Seu Patião.

Neste dia Naldo treinou um pouco chateado em ver o quanto seu pai batalhava para conseguir oferecer tudo o que precisavam para sua família. Pensou que gostaria de poder ajudar mais a todos.

Sensei Jorge, percebendo a mudança de humor de Naldo, o chama para conversar procurando saber sobre seus pensamentos. Depois que Naldo explicou o que estava acontecendo, o *sensei* falou:

– Naldo, é muito importante que você esteja percebendo todo o esforço de seu pai e de sua mãe. Tenho certeza de que eles fazem isto para que você e sua irmã possam ter as oportunidades que eles mesmos não tiveram quando eram jovens, como, por exemplo, poder estudar. Por isso, continue se esforçando para aproveitar cada chance que tem. Você verá que tudo valerá à pena.

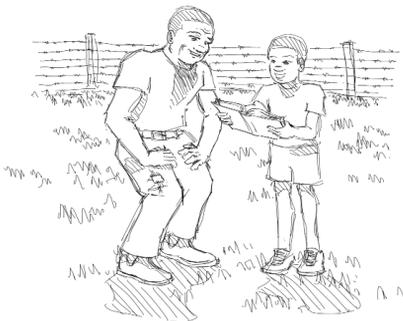
– Sim, *sensei*. Pode deixar. E quanto ao campeonato? Como estou indo? O senhor acha que vou vencer?

– Acho que você também tem se esforçado muito no judô e que pode sim vencer. Mas lembre-se [...] – Naldo o interrompeu:

– Eu sei *sensei*, que vencer o campeonato não é o mais importante. Eu sei que o senhor diz isto, mas eu ainda não entendi, pois o que mais quero é vencer.

– Querer vencer é correto, Naldo, mas existem outras coisas valiosas que você compreenderá no momento certo. Continue assim.

Passaram-se algumas semanas e mais uma vez Naldo aprende uma lição na escola que poderá



ser útil na roça. E desta vez é na matéria de ciências, justamente a outra que ele tinha dificuldades. A professora apresenta o ciclo de decomposição dos materiais orgânicos, através do método de compostagem, que é o aproveitamento de restos de alimentos e outros vegetais do local, servindo, no final, de adubo, que pode substituir os fertilizantes industrializados.

Depois da aula Naldo pede para a professora o livro que ela estava utilizando para a aula e ela lhe dá de presente e diz ainda que é uma obra de uma instituição do governo que distribui gratuitamente guias como este. Ele ficou animado e espantado, pensando: Nossa, de graça. Como é que não usamos isto?

Saindo da escola Naldo vai direto para o roçado onde seu pai estava cuidando da plantação e lhe diz a ideia da compostagem. Seu pai se interessa e afirma que começarão imediatamente a produzir este adubo, já pensando que poderá economizar o dinheiro do fertilizante.

– Pai, tem ainda vários livrinhos destes que ensinam muitas coisas que podemos aproveitar, como galinheiro móvel⁸³, coleta e tratamento da água da chuva, criação de peixes. E é tudo de graça, é só escrever para eles pedindo! Naldo vai mostrando as imagens para seu pai que não sabe ler.

– Filho, vamos pedir tudo então. Assim, você vai lendo e me ajudando a construir. Mas agora vamos indo, pois o almoço deve estar pronto. E saem os dois abraçados conversando sobre os projetos futuros.

Após as provas do primeiro semestre, Naldo sai contente e aliviado com suas notas. Foi bem em todas as matérias, especialmente em matemática e ciências, que já não encarava como chatas pois percebia cada vez mais sua função no dia a dia.

⁸³ O galinheiro móvel é feito para ser colocado sobre uma área a ser aproveitada para plantio, após a fertilização por meio das fezes das galinhas. Depois de um certo tempo, o galinheiro é transferido para outro local, para adubar outra porção de terra.

Estavam entrando de férias e finalmente poderia se focar ainda mais no campeonato que aconteceria dali apenas duas semanas. Foram dias de muito treino. Naldo ia ao *dojô* de manhã e de tarde e ainda dava conta de todos os seus outros compromissos, continuando a ajudar seu pai na roça, que aliás estava cada vez mais bonita com as benfeitorias que estavam instalando e fazendo a lição de férias que a professora havia deixado.

No dia do campeonato foi aquela euforia e ansiedade de sempre. Acordar cedo, pegar o ônibus, viajar, pesar e finalmente, lutar.

Mas Naldo, neste torneio sofreu uma grande decepção. Em sua primeira luta, enfrentou um adversário bastante experiente. Lutou com determinação, utilizou aquela técnica de defesa que criou e teve sucesso, pois não foi derrubado nenhuma vez. Mas, de tanto tentar se defender, quase não realizou ataques e foi penalizado por isso e acabou perdendo e se desclassificando do campeonato sem poder lutar novamente.

Ficou o restante do dia acompanhando seus amigos tentando disfarçar a frustração da derrota. Viu Alvinho ser o campeão de sua categoria e Kiko também se classificar para o Campeonato Interestadual⁸⁴.

No retorno à Massapê houve grande comemoração pelas conquistas dos amigos, com direito à fogueira e comidinhas. Naldo fez de tudo para se divertir e não parecer coitadinho, mas no fundo queria ter tido sucesso também nos combates. *Sensei* Jorge, sabendo o quanto isto significava, o observou de longe enquanto comia uma batata doce tirada das brasas.

Ao se afastar um pouco do grupo, *sensei* Jorge se aproximou de Naldo e lhe perguntou:

– Está doendo muito?

– Não entendi, *sensei*. Não me machuquei hoje. Aliás, nem lutei direito, foi uma lutinha só.

⁸⁴ Detalhes no conto: Aprender e passar adiante.

– Estou falando da dor lá de dentro. Do coração. Está magoado pela derrota, não?

– O senhor tem razão, *sensei*. Treinei tanto, me esforcei tanto para nada. Só me defendi. Todo o esforço foi embora em quatro minutos de luta.

– Eu vou discordar de você, Naldo – disse *sensei* Jorge, completando – Você perdeu uma luta, é verdade, mas ganhou muita coisa. Quero que pense bem sobre o que vou lhe falar agora: você se esforçou em muitas coisas, para poder lutar hoje. Fiquei sabendo que você melhorou na escola, foi bem nas provas, ajudou seu pai na roça, que inclusive renderam ótimas espigas de milho que ganhei de presente de seu pai. Ele inclusive disse que você implantou algumas ideias que aprendeu nas aulas da escola que melhoraram muito as coisas tanto na roça como em casa. E parece que tudo isto começou porque você não queria parar de treinar judô, não é?

– Foi, *sensei*. Minha mãe me avisou que se eu não melhorasse minhas notas eu não poderia treinar mais para ter tempo de estudar.

– Então quero que pense: você melhorou muitas coisas em sua vida para lutar judô ou o judô ajudou você a aperfeiçoar-se nos seus compromissos, se tornando um jovem inteligente, empolgado, sempre pronto a ajudar?

Naldo abaixou a cabeça pensativo. Então *sensei* Jorge completou:

– Estou muito feliz com as conquistas do Alvinho e Kiko. Mas ainda mais com o que te aconteceu nestes últimos meses. Me dê um abraço e me prometa que vai pensar no que eu te disse.

Os dois se abraçaram, o *sensei* feliz e orgulhoso e Naldo já aliviado da decepção. Como sempre, era bom conversar com seu mestre.

Já bem tarde, Naldo se despede dos amigos e vai para casa dormir. Ao se deitar, ainda consegue pensar um pouco sobre o que havia acontecido naquele dia e também sobre sua conversa com o *sensei*, até que adormece.



Já de manhã, Naldo é despertado pelo canto dos passarinhos no telhado. Ao se espreguiçar, antes de se levantar, percebe que algo estava sobre seu peito. Era aquela lição que havia pregado na parede e que não tinha entendido. Deve ter se soltado durante a noite e pousado sobre ele.

Naldo se senta, esfrega seus olhos e lê a frase. Fica um instante com o olhar distante, abre um grande sorriso e sai feliz, chamando seu pai:

– Pai! É hoje que vamos construir aquele galinheiro móvel?

Vencendo e perdendo, sempre aprendemos!

*Leopoldo Katsuki Hirama
Cássia dos Santos Joaquim*

O conto a seguir é baseado no princípio “Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário. Quem venceste hoje poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância”, frase atribuída a Jigoro Kano como um dos preceitos que compõem o Espírito do Judô (VIRGÍLIO, 1994, p.24).

A escola de Massapê estava alvoroçada por conta do torneio de soletração. Foram algumas semanas de empolgação e treinamento para finalmente disputarem entre os colegas.

Alvinho, além de ótimo judoca sempre foi bom aluno, e segundo ele mesmo, desenvolveu o gosto por disputas no esporte. Agora não perde qualquer oportunidade, aproveitando sempre para se aprimorar, mesmo que seja em ortografia. E de fato ele conseguiu um ótimo desempenho, ganhando o direito de representar sua escola na etapa municipal, que aconteceria na semana seguinte.

Foi uma semana de muito estudo. Só deixava de pensar na soletração quando estava no *dojô*. E às vezes até lá pensava nas letras, tanto que *sensei* Jorge chegou a chamar sua atenção brincando: “Alvinho, solete a frase: volte para o tatame!”

A etapa municipal, apesar do nervosismo, se manteve concentrado e novamente obteve ótimo resultado, se classificando entre os 4 melhores da cidade, o que lhe garantia a participação no evento regional, que reunia todos os aprovados das cidades locais. Este evento dava direito aos 3 primeiros a participarem da etapa estadual e daí, caso se classificassem, da fase nacional.

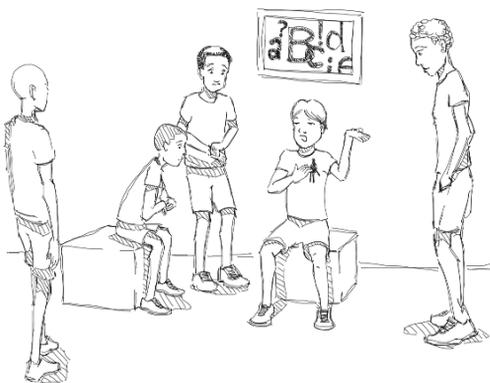
Sensei Jorge, no último treino antes da competição, parabenizou Alvinho, lhe desejou bom torneio e reforçou que independente do resultado, participar deste evento deveria ser considerada uma honra por representar a todos da cidade e uma ótima oportunidade de aprendizado. Finalizou sugerindo que se colocasse de mente e coração aberto para tais possibilidades.

Duas semanas depois, junto com os outros 3 participantes da cidade, duas meninas e um menino, partiram para a cidade vizinha, onde encontraram muitos outros jovens. Havia um clima de ansiedade e nervosismo no ar que piorava quando Narciso contava em alto e bom tom suas peripécias nos anos anteriores. Este aluno foi até a etapa nacional e ficou entre os 10 melhores. Era realmente muito bom na soletração, mas pouco humilde e respeitoso. Quanto mais se gabava e ria, mais seus competidores se constrangiam. Parece que fazia de propósito, e, talvez fosse mesmo.

O torneio começou com desafios em dupla. Aquele que errasse a soletração primeiro era desclassificado. Os colegas da cidade de Alvinho foram bem até a terceira rodada quando todos foram derrotados. Alvinho permaneceu mas acabou errando uma letra em uma palavra que achava

que nunca tinha lido nem ouvido na vida: insipiência⁸⁵. Mal sabia que ele viveria uma grande lição sobre ela!

A turma de Alvinho permaneceu no torneio até o final para verificar quais seriam os vencedores e pela terceira vez consecutiva Narciso foi o vencedor.



⁸⁵ Insipiência: Sinônimo de ignorância, insensatez.

Depois das premiações, quando estavam se dirigindo para o ônibus, o campeão em soletração, vaidade e desrespeito, passou pedindo passagem com seu troféu na mão e ainda afirmando:

– Vocês são muito fracos para meu nível. Assim não consigo nem treinar para o torneio nacional.

Alvinho ficou muito triste e assim que pôde contou para todos na escola e no judô. Se sentiu péssimo sendo humilhado e afirmou que não queria passar nunca mais por isso. Kiko, ao ver o amigo irritado busca animá-lo:

– Ei Alvinho, deixe isto para lá. Nosso negócio é o judô. Vamos mostrar do que somos realmente capazes logo, logo. É no campeonato interestadual que o bicho vai pegar!

– Você está certo Kiko. Agora é foco total no interestadual!

Tinham dois meses para o tão aguardado torneio que, aliás, passou voando. Voando, mas com muito esforço de todos. Apesar de apenas Kiko e Alvinho terem se classificado, todo o grupo de Massapê se esforçava para que os treinos fossem os melhores possíveis. Faltando poucas semanas, *Sensei* Jorge solicitava aos demais amigos que simulassem formas diferentes de lutar para que os dois atletas variassem os estilos de combate.

Muito bem treinados e motivados, chega o momento de partirem. Foram somente Kiko, Alvinho e *sensei* Jorge. Todos se reuniram para desejarem ótimo torneio.

– Mandem mensagens, hein? – pediu Ariene.

– Queremos saber de tudo, da cidade, do alojamento, da comida, de tudo!!! – exigiu Bárbara.

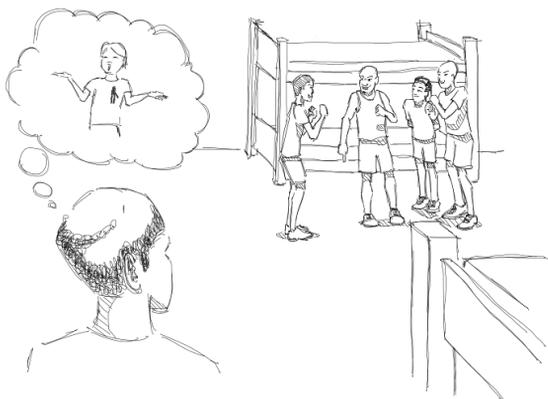
– Tá bom, tá bom! – respondeu Kiko.

E assim seguiu uma longa viagem, pois o torneio era na capital do Espírito Santo. Mas foi tudo bem, foram bem recebidos e se acomodaram no alojamento de uma escola junto com outros competidores. O torneio

já seria no dia seguinte.

Quando foi deitar à noite, Alvinho foi obrigado a se lembrar de Narciso, o da soletração, pois bem perto de seu beliche estava o campeão do ano passado justamente de sua categoria, chamava-se Aquiles. Chegou até a pensar consigo mesmo: “Será que para ser campeão tem que ser chato e metido?”

Era uma infeliz coincidência, pois este campeão era realmente tão ou mais orgulhoso que o da soletração. Falastrão, não parava de se exibir, de afirmar que vencia todos com facilidade, etc.



Foi difícil dormir com tanto blá, blá, blá, mas o cansaço da viagem venceu e Kiko e Alvinho dormiram até que muito bem.

Após o café da manhã reforçado, ambos estavam prontos e já haviam confirmado suas categorias na pesagem. Alvinho falou para Kiko:

– Preciso ficar longe deste cara. Estou ficando muito irritado com tanta bobagem que ele fala.

– Fique calmo amigo, vamos para o outro lado. A hora dele vai chegar, você vai ver. E quem sabe não é exatamente com você – respondeu seu amigo.

Kiko iniciou suas lutas. Foi muito bem em todos os combates. Só na segunda luta que perdeu para o atleta que acabou sendo o campeão,

e por isso participou da repescagem. Venceu mais duas lutas, mas na disputa pela vaga do terceiro lugar foi superado e acabou ficando com a honrosa quinta colocação.

Mas a história mais interessante ficou mesmo por conta de Alvinho. Na divisão das chaves ele percebeu que só enfrentaria seu “amigo” Aquiles se ambos fossem até a final. E foi exatamente o que aconteceu, mas de forma bastante diferente na trajetória de cada um. Aquiles foi derrotando seus adversários com certa facilidade por *ippon*⁸⁶ em todos os combates e demonstrando claramente menosprezo por cada um que vencia.

Já Alvinho teve muitas dificuldades com vários de seus adversários. Chegou a vencer a semifinal apenas por um *yuko*⁸⁷ bem no final da luta.

Neste cenário é que se iniciaria o combate final. De um lado estava Aquiles, com o mesmo ar petulante, com a mão na cintura, como quem esperava entediado. Já Alvinho aguardava saltitando e mantendo seu aquecimento procurando controlar sua irritação ao ver seu adversário já achando que era o grande campeão novamente. Chegou até a se lembrar da sensação que sentiu no episódio com Narciso.

A luta começou bastante dura. Ambos tentavam realizar o melhor *kumi-kata*⁸⁸ e assim foi toda a primeira parte do combate, quando o árbitro puniu a ambos com um *shidô*⁸⁹. Logo em seguida, em uma entrada muito rápida de Aquiles com um *morote-seoi-nagae*⁹⁰, Alvinho foi ao tatame de lado, tomando um *yuko*. Estava perdendo a luta, mas se mantinha concentrado e percebia que era possível vencer. No entanto, a atitude de

⁸⁶ *Ippon*: ponto completo, que representa a vitória imediata no combate.

⁸⁷ *Yuko*: pontuação no combate que é dado a uma projeção imperfeita, quando o adversário cai de lado ou sentado, apoiando levemente parte de suas costas no tatame.

⁸⁸ *Kumi-kata*: pegada no kimono do adversário para realizar a luta.

⁸⁹ *Shidô*: tipo de punição por realizar algo ilegal. Ao somar 4 *shidô*s o atleta é desclassificado, perdendo a luta.

⁹⁰ *Morote-seoi-nagae*: tipo de golpe classificado como técnica de braço e mão.

seu oponente tirou parte de sua concentração, ao vê-lo novamente com aquela fisionomia de indiferença, como quem quisesse dizer: "Vamos acabar logo com isso?"

Foi nesse momento que Aquiles cometeu um grande erro, aplicando de forma displicente outro *morote-seoi-nague*. Como Alvinho estava com um *kumi-kata* bem firme, conseguiu travar a intenção do adversário, girando na sua frente e executando um excelente *yoko-guruma*⁹¹, conseguindo um lindo *ippon*.



Naquele momento uma explosão de sentimentos invadiu Alvinho. Ao ver o árbitro com a mão levantada indicando o golpe perfeito e verificar Aquiles deitado, ainda sem saber o que havia acontecido, teve vontade de se levantar (lembrando que seu golpe foi de sacrifício) e gritar sobre seu oponente, devolvendo na mesma forma de desrespeito o que havia engolido até o momento.

Mas enquanto se levantava para dar vazão às suas emoções, outro sentimento freou imediatamente sua vontade. Foi a lembrança da humilhação que sentiu no torneio de soletração que o fez pensar melhor e olhar

⁹¹ *Yoko-guruma*: golpe de sacrifício, onde quem aplica se projeta ao solo para então derrubar seu oponente (tradução e explicação nossa).

para seu *sensei*, que parecia saber o que estava acontecendo em seu coração. Olhou em seguida para Kiko, que também fez sinal para se acalmar.



Então, percebendo o melhor a ser feito, foi para seu local de cumprimento no *shiaijô*⁹², aguardou seu oponente se recompor e ao comando do árbitro, cumprimentou-o, deram as mãos e falou-lhe ao pé do ouvido:

– Foi uma ótima luta, obrigado. Você é um grande lutador!

Aquiles levantou o olhar surpreso e esboçou um sorriso que parecia sincero.

Só depois de sair da área de luta Alvinho gritou sorrindo, correndo para abraçar *sensei* Jorge e Kiko.

Semanas depois da conquista lá estavam todos os amigos no *dojô* de Massapê, limpando os tatames para mais um treino quando chega alguém na porta. Era Aquiles! Imediatamente, apesar do espanto, Alvinho vai até ele e o cumprimenta, convidando-o para entrar e apresentando-lhe seu *sensei* Jorge.

Aquiles o cumprimenta com reverência e diz:

–*Sensei*, estou na cidade por uns dias na casa de meu tio. Será que

⁹² *Shiai*jô: área de luta, espaço destinado à competição (tradução e explicação nossa).

posso treinar com seu pessoal? Fiquei admirado pela atitude de todos, principalmente do Alvinho e gostaria de saber qual o segredo.

–Não há segredo, Aquiles. Só respeito e humildade. Quanto a treinar conosco, sempre será muito bem-vindo.

Na sequência, após agradecer, Aquiles se uniu ao grupo já com uma vassoura na mão para ajudar a terminar a limpeza, demonstrando que não foi apenas Alvinho que venceu a própria insipiência, ou melhor, ignorância!



Para além do dojô

*Leopoldo Katsuki Hirama
Cássia dos Santos Joaquim*

O conto a seguir é baseado no princípio “Conhecer-se é dominar-se, dominar-se é triunfar”, frase atribuída a Jigoro Kano como um dos preceitos que compõem o Espírito do Judô (VIRGÍLIO, 1994, p.24).

Chegou o dia do jogo de futsal que foi marcado há um mês com uma escola de uma cidade vizinha de Massapê. Mesmo sendo mais novo que os outros meninos, Naldo foi escolhido, pois era habilidoso em todos os esportes além de ser um menino que a professora da escola podia confiar para passeios assim.

Da turma do judô, apenas ele e Kiko foram convidados e já estavam há um bom tempo na escola. O ônibus também já estava lá, pois estava marcado para sair cedo, mas boa parte dos colegas estavam atrasados, fora alguns que já haviam ido até a escola e tiveram que voltar para casa por esquecerem documento ou uniforme de jogo.

Os dois entraram, sentaram juntos e ficaram esperando. A professora Bel estava chateada, pois durante a semana explicou diversas vezes o que deveriam levar e falou da importância do horário. Houve um momento em que ela ficou próxima de Naldo e de Kiko, os elogiou e perguntou se esta situação também ocorria em viagens para torneio do judô, e Kiko prontamente respondeu:

– De jeito nenhum, professora. Quando vamos a um torneio temos que chegar antes do horário, pois se atrasarmos o ônibus sai sem a gente mesmo. Uma vez eu quase fiquei! Olhei o horário e vim para a escola correndo, quando cheguei vi todos dentro do ônibus e o *sensei* Jorge entraram.

do por último. Gritei e corri o mais rápido que podia. Esse dia consegui por pouco.

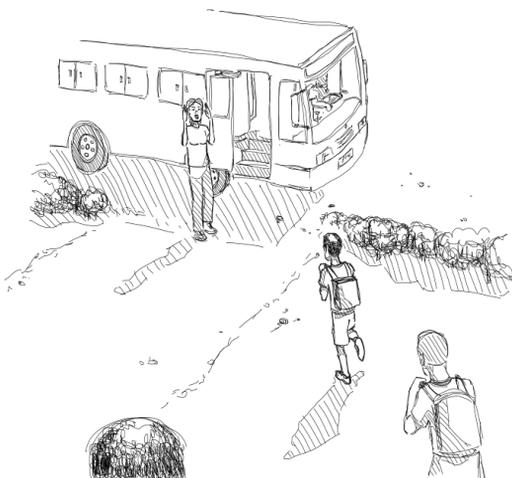
– É professora – disse Naldo – e justamente neste dia teve um momento que estava lento o trânsito na estrada e chegamos uns 10 minutos antes do torneio começar... Geralmente chegamos uns 30 minutos antes... O *sensei* Jorge até comentou que se Kiko fosse andando para a escola e estivéssemos esperando por ele teríamos atrasado todo o torneio. Até achei engraçado pensar que no torneio havia umas 200 crianças e se o Kiko atrasasse, ele poderia ter atrasado a vida de todos. Não é engraçado, professora?

A professora Bel que já estava preocupada, ficou ainda mais ouvindo esta história, pois também começou a pensar sobre atrasar a todos da escola que iriam recebê-los. Então ela simplesmente levantou, foi até a porta do ônibus e falou bem alto:

– Cansei! Vou contar até 10, quem estiver no ônibus vai e quem não estiver fica! 1, 2, 3, 4 ...

Só a partir daí que foi visto as crianças correndo. Foi uma gritaria e uma correria só. E a professora estava com uma cara tão brava que todos perceberam que era verdade.

Quando entraram a professora contou a história de Kiko com o *sensei* Jorge, falou que havia conversado várias vezes na semana e que da próxima vez iria con-



vocar mais alunos para jogar, e quando desse o horário simplesmente iria embora. As crianças perceberam que ela estava bem chateada e ficaram quietinhos durante a viagem que era rápida.

Próximo à entrada da cidade, a professora que ainda estava um pouco irritada explicou algumas coisas como ficarem juntos, não deixar coisas jogadas e espalhadas e sempre avisar quando fossem sair de perto do grupo.

No ginásio da cidade foram recebidos de forma estranha. Tinha um grupo de meninos afastados que gritaram e vaiaram quando as crianças de Massapê desceram do ônibus:

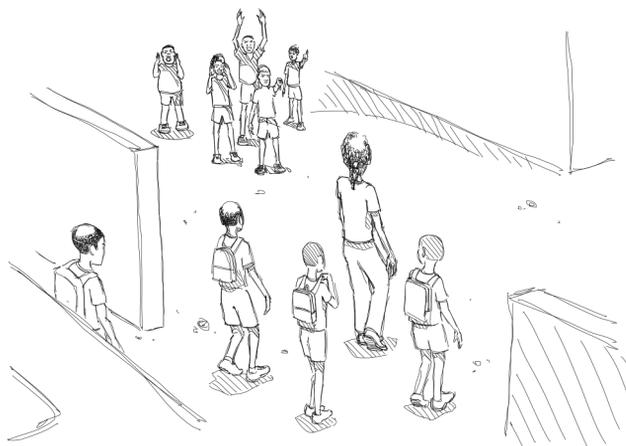
– O que vocês vieram fazer aqui? Tomar goleada?

– Vocês já viram uma bola? Pois, se nunca viram, não é hoje que irão ver!

– Ei, é melhor voltar já se não querem passar vergonha!

O professor que estava organizando tudo se aproximou da professora e explicou:

– Mil desculpas pelo comitê de recepção, Bel. Não deixei estes meninos jogarem, pois são mais velhos e desrespeitosos e agora eles vieram aqui provocar. Vou conversar com eles daqui a pouco.



Todos entraram no ginásio e a professora Bel começou a pensar: o que vim fazer aqui? Ela estava extremamente arrependida pelo estresse da manhã e agora estes meninos.

Os alunos de Massapê foram se arrumar e a professora ficou perto das mochilas com receio de que acontecesse algo. Quando voltaram passou vários comandos e estava nitidamente preocupada, o que causou um sentimento ruim em todos. Alguns ficaram irritados e outros com medo.

Ela conseguiu uma sala com chave com o professor para guardarem suas coisas, ficando apenas com uniformes e garrafas de água.

O jogo não demorou a começar e o time com quem estavam jogando era super bacana, os meninos conversaram entre si antes do jogo, o que melhorou o clima que estava. Kiko até brincou com o Naldo:

– Naldo, já pensou se fosse um ano e meio atrás, quando iniciamos o judô? Você já estaria lá batendo boca com aqueles moleques chatos.

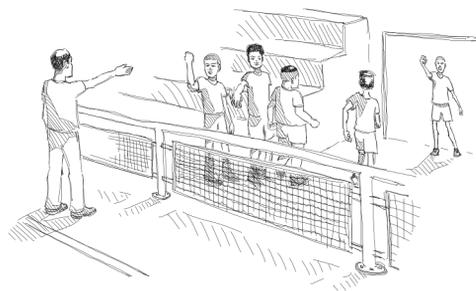
Naldo sorriu para Kiko sem graça, pois sabia que era verdade, e isso deixaria a professora mais preocupada ainda. Naldo se irritava muito fácil e provavelmente iria tirar satisfação com eles.

No meio do jogo os meninos da arquibancada começaram a provocar Naldo, acho que por ser nitidamente o mais novo e por ser bem habilidoso. Ficaram um tempão provocando e piorou ainda mais quando Nal-

do parou em um momento que a bola saiu pela lateral e antes de cobrar olhou para eles para ver quem estava gritando. Um deles falou:

– O que foi? Vai encarar?

Naldo não tinha intenção disso, apenas olhou para eles e



depois para a professora que já estava a ponto de encerrar o jogo naquela hora mesmo, pegar as coisas e ir embora. Ela levantou e foi falar com o professor que saiu e foi conversar com os meninos. Eles reclamaram, chamaram, gesticularam e saíram do ginásio.

Depois disso o jogo continuou tranquilo, começou a ficar gostoso. Teve gol, teve dribles, teve comemorações ensaiadas e muitos abraços. Até a professora Bel, que ainda estava tensa, conseguiu se divertir. Foi bem legal!

Os alunos de Massapê perderam o jogo por 8 a 6, mas as crianças e professora não ficaram chateados com isso, pois foi um jogo respeitoso e disputado na quadra, o que chateou a todos foram os meninos da arquibancada. O professor até foi pedir desculpas novamente, muito envergonhado, disse que iria conversar com todos aqueles meninos esta semana e chamaria seus pais também, pois não aceita este tipo de recepção.



As crianças foram trocar de roupa e enquanto isso Naldo falou para o Kiko:

– Você olhou o tamanho deles, Kiko?

– Eu vi sim. Nada de mais, né? – disse Kiko sorrindo para Naldo.

– Pensei a mesma coisa. Eles são maiores que eu, mas bem menores que o Alvinho e tem uns dois ali que são menores que a Bárbara. Poderia brigar com qualquer um ali que daria conta.

Kiko ficou preocupado:

– Ei Naldo, o que você está pensando?

– Nada, Kiko. Calma, não vou fazer nada. Só estou pensando que eles são bobos de mexer com quem não conhecem apenas por julgar pela aparência. Se fosse um tempo atrás já teria partido para cima, mas não faço mais isso. Agora eu me conheço, Kiko e para me tirar do sério precisa muito mais que isso.

Eles se arrumaram e quando estavam saindo do ginásio o grupo estava aguardando justamente Naldo.

– Ei, pirralho! Vai encarar agora?

Bel ainda estava conversando com o professor dentro do ginásio, sendo que estavam lá fora Naldo, Kiko e mais dois do time.

Naldo nem olhou para eles, apenas passou em direção ao ônibus.

– Ah, o pirralho tá com medinho agora... Ah, ah, ah, ah!

Kiko se surpreendeu com Naldo, pois ele nem deu confiança, mas na verdade Naldo estava se segurando, pois estava irritado e tinha certeza que se daria bem na briga com qualquer que fosse daquele grupo, mas o *sensei*

Jorge sempre falava da importância de não utilizar os conhecimentos do judô para ferir alguém.

Ei pirralho, você é surdo? Estou falando com você! – nisso o maior deles se aproximou e deu um empurrão nas costas de Naldo.

Kiko olhou espantado achando que agora Naldo partiria para cima dos meninos, mas não, ele apenas se virou e falou:

– Ei, eu não quero confusão,

vim aqui para jogar futebol e nada mais.



– Uh! Que menino sério!!! – um deles tirou sarro.

O maior se aproximou novamente e disse:

– Sério ou será que é um nenê chorão que vai fazer xixi nas calças de medo? Ah, ah, ah, ah!

Todos os outros riram.

– Olha gente, eu não quero confusão só isso.

Kiko não sabia o que fazia, pois também estava ficando irritado. Pensou em ir chamar a professora, mas assim que fez menção de entrar no ginásio o maior deles veio rápido para dar um soco no Naldo que rapidamente desviou, segurou seu punho e o derrubou em um lindo *Ippon Seoi Nague*, como no *Kata*⁹³ do judô, em que há um movimento de defesa de um soco na cabeça com uma esquivada e a aplicação deste golpe.

O grandão bateu as costas em cheio no chão e até perdeu o ar. Kiko ficou perplexo, pois o menino era muito maior que Naldo e tinha umas 3 vezes seu peso. Naldo apenas se afastou um pouco, com muita calma e disse novamente:

– Gente, eu não quero confusão, apenas vim jogar futebol.

Os outros meninos ajudaram o grandalhão a se levantar, pois ele ficou até desnortado, e falaram:

– Galera, vamos embora daqui!



⁹³ *Kata*: sequência predeterminada de movimentos que simulam situações de ataque e defesa. Muito comuns nas lutas provenientes do Japão (tradução e explicação nossa).

Meio assustados e sem saber direito como ele havia feito aquilo foram embora, o grandão estava com a mão apoiando as costas e nem olhou para trás.

Nisso a professora sai do ginásio e diz:

– Pessoal, vamos embora?

E como um pacto de silêncio que nem precisou ser acordado entre aqueles que estavam fora do ginásio, nada foi comentado sobre o que aconteceu. Apenas pegaram suas coisas e foram quietos para o ônibus.

Kiko sentou novamente ao lado de Naldo e ambos ficaram em silêncio, mas depois de uns 5 minutos que o ônibus tinha partido, Kiko não aguentou:

– Cara, aquilo foi um *Ippon* incrível! Ah, ah, ah, ah!

– Eu sei Kiko, mas me senti estranho. No começo queria aprender o judô para bater em quem me provocasse e agora me sinto mal – disse Naldo confuso com aquele sentimento.

– Mas foi para se defender! Se você não fizesse isso era capaz dos outros atacarem também – exclamou Kiko surpreso com que Naldo acabara de falar, afinal ele não fez nada de errado.

– Verdade, mas foi estranho. Na hora pensei no *sensei* se ele aprovaria ou não. E lembrei de uma aula que ele explicou o princípio “Conhecer-se é dominar-se. Dominar-se é triunfar”.

– Verdade, Naldo. Nunca imaginei que você se comportaria com tanta calma em uma confusão como esta. Ainda mais que no ginásio você falou que daria conta de brigar com qualquer um, se precisasse.

– Não falei aquilo para ser metido, foi só um pensamento estranho, pois tinha a certeza que conseguiria enfrentá-los, mas não queria isso. Você viu, né? Eu tentei não entrar em confusão – diz Naldo olhando para o amigo, ainda tentando se convencer de que agiu corretamente.

– Na verdade Naldo, você não provocou nenhuma confusão, pelo contrário, conseguiu acabar a briga antes mesmo de ela iniciar – Kiko olha para o amigo, passa o braço direito por cima de seu ombro e segura sua cabeça enquanto a esfrega com a mão esquerda fechada. Como Alvinho faz quando Naldo realiza alguma coisa legal. Era ruim, mas era a forma que ele tinha de fazer carinho:

– Você foi incrível, moleque! Mesmo sabendo que podia por aqueles chatos para correr, se segurou e agiu que nem um legítimo judoca. Naldo, tenho orgulho de você! – diz Kiko realmente surpreso por todo progresso que o amigo havia apresentado naquela situação.

Naldo empurrou Kiko, sorriu envergonhado e resolveu mudar logo de assunto, pois estava feliz por ter tido esta atitude, porém ainda estava se sentindo estranho por ter usado o judô daquele jeito.

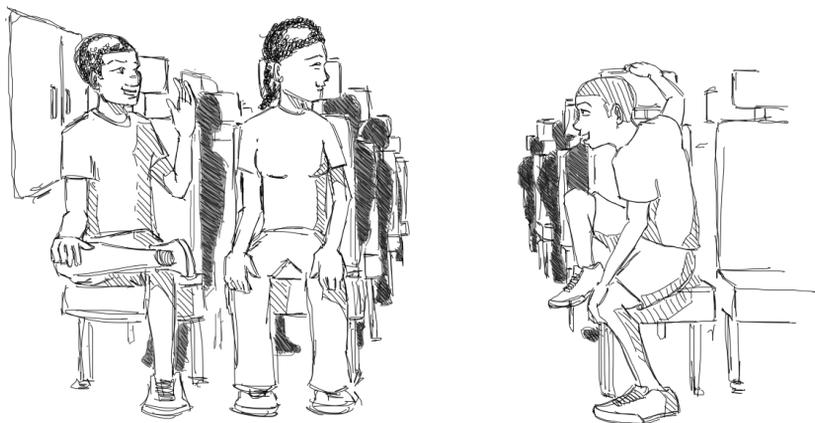
– Kiko, será que a professora vai levar a gente para jogar de novo algum dia? – perguntou Naldo com ar de preocupação.

– Sei lá, nós pisamos muito na bola – disse Kiko.

– Vamos lá conversar com ela? Assim a gente já faz uns acordos para ela não desistir da gente e depois pegamos no pé da turma – sugere Naldo preocupado.

– Beleza!

Os dois foram para a frente do ônibus e puxaram papo com a professora que ficou feliz com a preocupação deles com os acontecimentos do dia, e estava esperançosa que realmente todos os ocorridos serviriam de lição para todos. E olha que ela nunca ficou sabendo da confusão fora do ginásio.

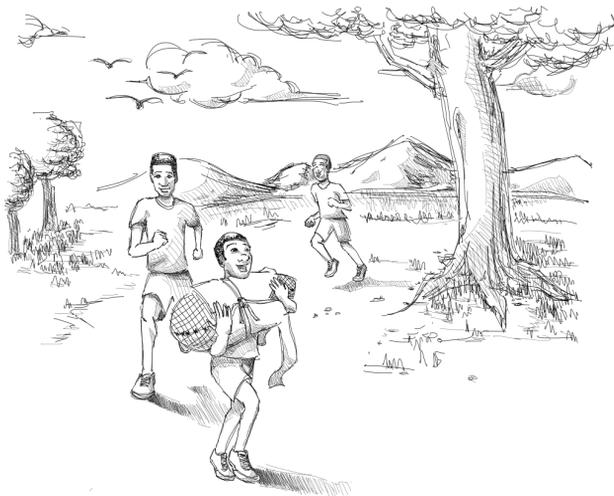


Cair, levantar, enfrentar e superar

*Leopoldo Katsuki Hirama
Cássia dos Santos Joaquim*

O conto a seguir é baseado no princípio “Praticar o judô é educar a mente a pensar com velocidade e exatidão, bem como o corpo a obedecer com justeza. O corpo é uma arma cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência”, frase atribuída a Jigoro Kano como um dos preceitos que compõem o Espírito do Judô (VIRGÍLIO, 1994, p.25).

Alvinho ainda remoía sua derrota no último festival de judô em Massapê. Seu sentimento não era ruim, ou seja, de inveja, de raiva ou qualquer coisa do tipo, mas de arrependimento por ter treinado de forma errada, somente com seu boneco de areia. Não conseguia parar de pensar na luta com Ariene que o surpreendeu com sua velocidade e



criatividade, além de ter perdido uma ótima oportunidade de avançar em seu aprendizado, algo que sempre buscou.

Alvinho continua treinando com muita dedicação nas aulas e também debaixo do cajueiro, com seu boneco e com seus amigos, quando podiam. O tempo que passam treinando por conta própria é muito rico, pois ali estão sem a orientação de *sensei*⁹⁴ Jorge e para resolver suas dúvidas precisam pensar, discutir as possibilidades e aplicá-las. Às vezes, a cobaia inicial de seus golpes é o boneco e aí, se parecer correto, partem para a aplicação entre os amigos.

Além dos golpes, criam brincadeiras, jogos e exercícios, tornando estes encontros, à sombra da velha árvore, verdadeiras aulas. Se alguma dúvida ou problema não é resolvido, perguntam ao *sensei* Jorge no próximo treino.

Alvinho, o idealizador destes encontros, não se ausenta jamais, aproveitando cada situação. Já seus amigos se revezam, pois nem sempre é possível estar com a turma pelas outras tarefas que precisam realizar em casa, como ajudar na limpeza, cuidar dos irmãozinhos, fazer lição de casa ou ajudar na roça. Não que Alvinho não tivesse estes mesmos compromissos, mas ele ajustou seus horários para não perder cada momento possível para melhorar seu judô.

Com este ritmo, Alvinho passou a treinar quatro ou cinco vezes por semana pelo menos, isto quando não chama o pessoal para um “treininho” aos sábados e domingos. E assim, aquele sentimento de alguma frustração pelo último festival foi se tornando motivador para se preparar para o próximo evento, que já está próximo.

Todos os alunos de Massapê estão evoluindo muito, e não poderia deixar de ser, com tanto estímulo. Alvinho está empolgadíssimo, pois havia semanas que ele vinha treinar todos os dias. *Sensei* Jorge o elogia percebendo seu desempenho e principalmente sua mudança no tratamento aos seus amigos, pois se mostra mais atento e cuidadoso, constantemente

⁹⁴ *Sensei*: professor em japonês (tradução nossa).

te procurando não se utilizar da força e ser bruto, principalmente com os menores, tentando igualar as possibilidades de combate. Esta atitude fez com que necessitasse apurar sua técnica e tática, aplicando golpes com qualidade e no momento adequado.

Alvinho percebe que está melhorando, mas não se dá por satisfeito, pois se lembra do resultado do último evento e se mantém focado, pensando em cada detalhe.

Eis que chega o grande dia, todos os alunos de Massapê estão muito ansiosos, até porque se prepararam muito bem. *Sensei* Jorge os incentivou constantemente, porém, também, a todo momento deixou claro que o mais importante é sempre dar o máximo de si, salientando que o resultado na competição é secundário. O maior prazer deve vir do esforço realizado para avançar e evoluir, e competir deve ser sinônimo de desafio e diversão. Com isso em mente, os resultados virão, cedo ou tarde.

Mas para Alvinho o torneio não foi divertido, se tornando um desafio maior do que enfrentar seus adversários. O grupo de Massapê está reunido de madrugada, como sempre fazem em eventos em outras cidades. Está escuro e frio, mas todos demonstram alegria pela oportunidade. Após se acomodarem no ônibus, seguem quase toda a viagem cantando e brincando, que até pareceu durar pouco com a empolgação, mas ao chegarem na cidade ficam tensos, coisa natural de qualquer atleta, ainda mais jovens atletas.

Assim que chegam são encaminhados para a pesagem e logo são chamados para se dirigirem aos *shiai*jôs⁹⁵ para seus combates. Alvinho, vivendo um conjunto de sentimentos, segue para sua área de luta. Era um misto de medo, ansiedade, dor de barriga, vontade de lutar, alegria, confiança e insegurança. Seu adversário era de uma graduação acima e

⁹⁵*Shiai*jô: área de luta, espaço destinado à competição (tradução e explicação nossa).

tinha um porte diferente, sendo mais baixo, porém, aparentemente mais forte. Então, Alvinho tenta criar mentalmente estratégias para lutar com alguém com estas características, mas não consegue ir muito além, pois logo são chamados para entrar no *shiai* jô.

O combate é bastante difícil, ambos utilizam bastante força para evitar o *kumi-kata*⁹⁶ ideal de seu adversário. Chegado o último minuto, es-



tão empatados com dois *shidôs*⁹⁷ cada e nenhuma pontuação. De repente Alvinho, numa troca de pegadas, permite que seu adversário segure sua manga um pouco acima de seu cotovelo. Imediatamente seu oponente joga o outro braço ao redor de seu pes-

çoço e aplica-lhe um *koshi-guruma*⁹⁸ com muita velocidade, projetando seus corpos no tatame. O golpe é tão potente que as pernas de Alvinho fazem um grande arco pelo ar, enquanto seu ombro bate no tatame violentamente, sustentando o seu corpo e o de seu oponente.

Foi um belo *ippon*, mas Alvinho nem se dá conta, pois está sentindo uma dor incrível, sem saber dizer ao certo de onde vem. Logo é atendido pelo médico do campeonato que, verificando que havia algo na região do ombro, o imobiliza. Conversando com o *sensei* Jorge, o médico sugere que vão até o hospital verificar melhor a lesão.

⁹⁶*Kumi-kata*: forma de pegar/agarrar o judogui do oponente (tradução e explicação nossa).

⁹⁷*Shidô*: Tipo de punição por realizar algo ilegal. Ao somar 4 *shidôs* o atleta é desclassificado, perdendo a luta (tradução e explicação nossa).

⁹⁸*Koshi-guruma*: golpe com técnica de quadril (tradução e explicação nossa).

Assim, acompanhado por um *senpai*⁹⁹ que lutaria somente mais tarde na categoria máster, Alvinho vai ao pronto-socorro onde faz uma radiografia e constata que sua clavícula está trincada e, em consequência disso, irá precisar ficar de repouso por, pelo menos, dois meses sem poder realizar qualquer esforço.

Não demora para retornarem ao ginásio onde está ocorrendo a competição. *Sensei* Jorge já os esperava na porta e fica sabendo de tudo, dando um abraço (não apertado para não machucá-lo ainda mais) em Alvinho, que está com uma cara tristonha. Ambos se direcionam até o restante do grupo que logo rodeiam seu amigo contundido, todo imobilizado por faixas pelo braço e ombro. De início ficam tristes com o ocorrido, sentados à sua volta, sem conversar. Mesmo enquanto Bárbara se apronta para realizar sua última luta, a final de sua categoria, o pessoal não se empolga. Então, algo incrível acontece, Alvinho se levanta, vai até o outro lado do ginásio, perto da área de combate de sua amiga e grita: “Vai com tudo Bárbara!”. E ali permanece para torcer.

O restante do grupo fica observando a atitude, acompanhando o amigo até o momento que ele começa a gritar. Então todos saem correndo para o mesmo lugar, para torcerem juntos. A corrente positiva dá certo, pois Bárbara faz uma luta muito difícil e somente no final, consegue derrubar sua forte adversária pontuando com um *yuko* e a imobilizando até o *ippon*¹⁰⁰. A festa é geral, todos pulam e gritam. Até mesmo Alvinho, que é contido pelo *sensei* Jorge: “Gritar você pode, mas pare de pular!”

Ao sair do *shiai*^{jô}, Bárbara corre para o amigo e lhe pergunta:

– Como você está Alvinho?

⁹⁹ *Senpai*: aluno mais velho e mais graduado (tradução e explicação nossa).

¹⁰⁰ *Ippon*: pontuação máxima em uma luta, que se conquistada o atleta vence instantaneamente. O *ippon* ocorre quando o atleta derruba o adversário de forma rápida tocando as costas dele inteira no chão (tradução e explicação nossa).

Todos os rodeiam e esperam a resposta de Alvinho:

– Depois a gente fala disso, agora me dá um abraço. Parabéns!

Todos se abraçam seguindo a orientação da própria Bárbara:

– Devagar gente, olha o ombro do Alvinho!

Quase todos os judocas de Massapê voltam para suas casas com medalhas e mesmo aqueles que não conseguiram ficar até o terceiro lugar também estão felizes, pois haviam realizado ótimos combates. A preocupação, no fundo, era com o Alvinho, que para todos era o mais bem preparado e que vinha apresentando ótimo desempenho nos treinos. Mas, apesar de tudo o que aconteceu, ele é um dos mais animados, querendo escutar as histórias das lutas que não havia visto enquanto estava no hospital.

Seus amigos também querem saber de sua lesão, mas Alvinho explica sem muitos detalhes que é coisa passageira e que contará tudo com mais detalhes na próxima aula. *Sensei* Jorge também ficou admirado por sua postura e pergunta se pode fazer-lhe uma visita no dia seguinte. Claro que Alvinho disse que sim, com a maior satisfação.

O motorista do ônibus começa a buzinar e os alunos a cantar uma música que fala sobre não desistir jamais criada por eles no caminho de volta, e é assim que a comunidade os recebe com muita alegria. Após os abraços e recepções calorosas dos familiares, todos se despedem e vão para suas casas, pois já está de noite. *Sensei* Jorge dá uma olhada para Alvinho confirmando sua visita para o dia seguinte logo cedo e Alvinho faz um positivo acenando com a cabeça.

Na manhã seguinte, aproveitando para fazer sua tradicional caminhada, *sensei* Jorge vai até a casa de seu aluno, que já estava o aguardando sentado na calçada, se aquecendo com o solzinho. Assim que vê seu professor, se levanta e faz menção de correr até ele, mas é advertido de longe:

– Não corra, não. Calma que já chego aí.

Cumprimentam-se como manda a tradição e depois com um bom abraço, ainda não apertado.

– Entre, *sensei*– disse Alvinho abrindo a porta de sua casa, onde sua mãe, Dona Maria Francisca, também o cumprimenta já lhe trazendo um cafezinho. Depois de uma breve conversa com a mãe, *sensei* pergunta ao Alvinho:

– E você, como está? Sentindo dor?

– Só um pouco, *sensei*.

– E como está o sentimento, o coração? – pergunta *sensei* sobre o que mais lhe preocupa.

–*Sensei*, fiquei triste com o que me aconteceu, mas percebi que de nada iria adiantar continuar chateado, de mau humor. Acho que pensei nisso lá no hospital. Vi tanta gente pior do que eu e que estava lá há tanto tempo, que achei que não deveria ficar com pena de mim mesmo. Daí quando cheguei no ginásio e percebi que o pessoal não estava querendo demonstrar alegria pelos bons combates, resolvi torcer como nunca para a Bárbara. E, apesar de ter sido difícil me levantar, depois que comecei a torcer, isto me tirou qualquer tristeza!

–Que maravilha de pensamento. Você me deixa muito, mas muito feliz mesmo! – e se dirige à sua mãe, com muito carinho pelo menino incrível que Alvinho se mostra ser – Parabéns pela educação que a senhora está dando a este menino, viu? Ele é de ouro.

– Eu sei disso. Obrigada – responde sua mãe com certa timidez.



– Posso lhe pedir uma coisa? A senhora permite que ele continue indo aos treinos mesmo durante sua recuperação? Vou precisar dele por lá.

Sua mãe, um pouco assustada, pensa e responde:

– Confio no senhor. Pode contar com ele. Difícil vai ser convencer o pai dele, mas deixa comigo – diz a mãe que já está acostumada a lidar com o pai de Alvinho.

Sensei Jorge agradece e se despede dos dois e sai para continuar sua caminhada matinal. Já Alvinho fica todo curioso, pois tinha imaginado que ficaria em casa estes dois meses, sem fazer nada, só lição de casa, mas *sensei* Jorge o surpreendeu fazendo-o pensar: “Para o que será que o *sensei* precisa de mim?” Esta pergunta fica em sua cabeça até finalmente chegar o momento da próxima aula.

Antes mesmo de iniciar o treino dos alunos mais novos, que acontece antes de sua turma, Alvinho já aguardava seu *sensei*. Ao chegar, o mestre já afirma:

– Imaginei que já estaria aqui. Como está? – pergunta o *sensei* se aproximando de Alvinho.

– Estou bem! Mas *sensei*, para que o senhor precisa de mim? – responde Alvinho demonstrando sua ansiedade.

– Calma, você verá. Trouxe seu judogui¹⁰¹?

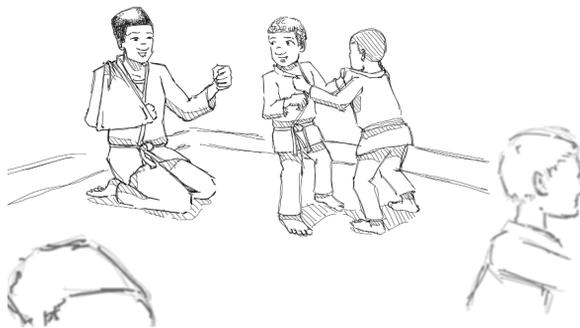
– Mas *sensei*, eu não posso treinar, por isso não o trouxe.

– Pois bem, pegue este e vista-o para começarmos a aula dos menores.

Alvinho, sem saber bem o que aconteceria, obedeceu e logo estavam em formação para o ritual de início. Como era o mais velho e mais

¹⁰¹ *Judogui*: vestimenta (kimono) própria a prática do judô (tradução e explicação nossa).

graduado depois do *sensei*, ficou à direita de todos e fala os comandos dos cumprimentos tradicionais. Antes de se levantarem da posição de *seiza*¹⁰², o *sensei* explica que Alvinho irá, nos próximos meses, acompanhar sempre que possível as aulas como seu ajudante. As crianças sorriram visto que todos o conheciam e o admiravam muito.



Sensei Jorge solicita auxílio a Alvinho para as mais diversas tarefas como ensinar os alunos recém-chegados a amarrar suas faixas, organizar grupos nas atividades, orientar os alunos nas dificuldades... Já na sua turma, sua presença também foi explicada pelo *sensei*, afirmando que ele ajudaria no que for possível e assim não perderia a oportunidade de aprender, mesmo que fosse apenas na teoria. Então, Alvinho apoiou seus amigos refletindo sobre os desafios que eram colocados na aula, dando sugestões, observando erros e acertos e trocando ideias com todos.

Ao final deste primeiro dia sai junto com o *sensei* Jorge, ajudando-o a fechar as janelas e trancar a porta. Antes de se despedirem conversam:

– Que tal Alvinho, gostou das aulas?

– Adorei *sensei*! Mesmo sem treinar aprendi bastante e me senti importante como seu ajudante. Posso mesmo continuar assim?

– Claro, já estou contando com você.

Despedem-se e Alvinho caminha até sua casa todo alegre e sorridente. Nos dois meses seguintes, esta mesma rotina é repetida em todos os dias de treino, sempre pontual e disposto a ajudar, fazendo a limpeza,

¹⁰² *Seiza*: posição ajoelhada (tradução e explicação nossa).

orientando nas atividades e até amarrando as calças e a faixa dos alunos menores, mesmo utilizando apenas uma das mãos.

Mas há uma ponta de tristeza que sente enquanto auxilia a todos: trata-se do exame de faixa que está chegando, faltando apenas um mês. Após quase 60 dias utilizando tipóia para imobilizar seu ombro, Alvinho foi liberado de seu uso, mas ainda precisa fazer exercícios de fisioterapia para fortalecimento gradual e portanto, ainda demorará mais alguns meses para poder voltar a treinar de fato. E sem poder fazer as atividades práticas não poderá realizar o exame para tentar ser promovido para a faixa amarela. E o próximo será somente no outro ano.

Esta pequena tristeza aumenta quando ajuda seus amigos de turma a se prepararem para as provas, que serão teóricas e práticas. Mas ele não permitia que este sentimento fosse percebido pelos outros e nem que seu desempenho como auxiliar do *sensei* fosse menor, permanecendo atento e disposto a colaborar.

Quando chega a última semana de treinos antes do exame, todos estão ansiosos e esquecem de coisas básicas que já sabiam, pelo nervosismo. A todo momento alguém chamava e questionava:

- Alvinho, como é mesmo aquele golpe que fiz quando me empurravam?
- Qual era mesmo o nome dele?
- Ei Alvinho, lembra como foi que fiz aquela combinação de golpe?
- Como era mesmo a variação desta imobilização?

Em paraticamente todas as perguntas, Alvinho sabia as respostas, mas foi orientado pelo *sensei* a não dá-las diretamente aos amigos, e sim, tentar ajudá-los a lembrar com algumas dicas. E ele aprendeu bem, pois muitas vezes respondia com outra pergunta, como: “Se é uma variação desta imobilização, então ela é parecida, não? Sendo assim, que tal mudar um pouco, talvez a posição de um braço ou uma perna?”

E, quase como uma “cópia” do *sensei*, fazia com que todos chegassem ao resultado de suas dúvidas.

Mas às vezes ele mesmo não sabia a resposta e nem como ajudar. Daí chamavam o *sensei*, que com sua sabedoria, indicava o caminho, mas sem mostrá-lo. Alvinho, atento, aprendia mais uma, junto com quem estava com dúvidas.

Enfim, o dia do exame, e como era de se esperar Alvinho estava presente desde cedo, o primeiro a chegar. Ao abrir o *dojo* já foi logo arrumando os diversos materiais que seriam usados, enquanto outros alunos iam chegando e participando da limpeza geral.

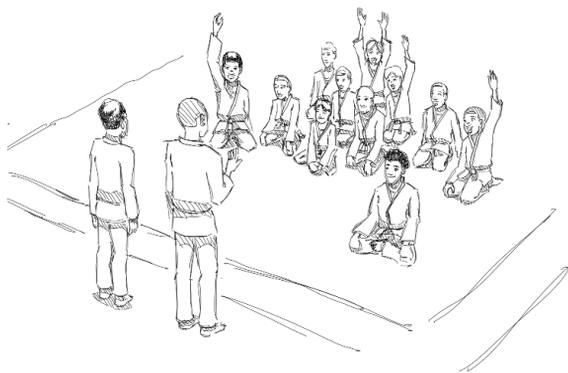
O auxiliar do *sensei* pede aos amigos que coloquem uma mesa no lugar para o exame, traz uma cadeira e apronta as fichas de avaliação. Quando o *sensei* se aproxima, pede que tragam mais uma cadeira, o que foi logo atendido, mesmo sem entender porque, visto que no exame anterior, somente o professor havia ficado ali avaliando.

Após o ritual de início, que marcava a abertura do exame de faixa, antes de começar o exame prático dos alunos menores, *sensei* Jorge pediu para Alvinho ficar ao seu lado e falou a todos:

– Nosso aluno Alvinho esteve presente em todas as aulas de vocês nos últimos meses. Quem aqui acha que foi ajudado por ele?

Todos levantaram a mão.

– Então é justo que ele fique aqui comigo avaliando o exame de vocês, correto?



Todos dizem que sim e começam os testes. Alvinho ia marcando o nome de cada aluno e verificando junto com o *sensei* se o golpe aplicado estava correto, mais ou menos ou errado. Mas errado não houve nenhum sequer e todos os alunos mais novos foram bem. Terminadas as práticas os alunos recebem as provas teóricas que pergunta sobre a história e a filosofia do judô, nas quais também todos foram aprovados. Mas somente o *sensei* e Alvinho sabiam disto, pois o resultado só seria divulgado ao final do exame de todos os alunos de Massapê.

Começa então o exame da turma dos maiores, que, apesar do nervosismo natural, foram todos aprovados com louvor. Ariene e Bárbara, após a prova prática até foram agradecer o *sensei* e o Alvinho pelos ensinamentos.

Depois de algumas horas de provas, todos se sentaram no *dojo* para receber os resultados. O *sensei* pediu silêncio e falou:

– Tenho aqui os resultados de todos. Mas antes de falar, quero perguntar a vocês o que acham de uma ideia que tive. Então, sempre digo a vocês que o bom judoca não é apenas aquele que sabe lutar bem, não é? Ele precisa aprender e desenvolver muitas outras qualidades. Por isso pensei que um amigo de vocês merece realizar o exame de faixa também, mesmo que ele não possa executar na prática.

Neste momento todos olharam para Alvinho e começaram a comemorar e bater palmas!

– Todos concordam que o Alvinho merece fazer o exame?

– Siiiiimmmmm! – respondem em coro os alunos, pais e convidados presentes.



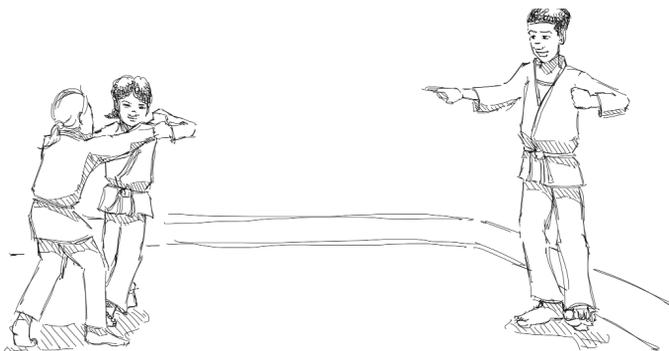
– Então o exame será assim: a prova teórica sobre história e filosofia o Alvinho já está aprovado, visto que ele me ajudou a corrigir as de vocês e sabe muito bem do assunto. Então, sua prova prática será realizada por dois colegas que executarão os movimentos que o Alvinho comandar.

De imediato, Ariene, Bárbara, Kiko e Naldo levantaram a mão se voluntariando. Então *sensei* Jorge escolheu Ariene para ser a *tori*¹⁰³ e a Bárbara para ser a *uke*. Ambas levantam num salto, animadíssimas e se colocam na posição para iniciar o exame.

Alvinho está meio tonto, de alegria, de nervosismo, de ver todos torcendo por ele. Mesmo assim começa os comandos:

– Façam o *kumi-kata*¹⁰⁴. Bárbara, empurre a Ariene com força. Ariene, resista mas vá cedendo aos poucos – elas obedecem atentamente.

– Agora Ariene, saia rapidamente da frente da Bárbara puxando-a com força e travando seu tornozelo com seu pé direito, executando um *sassae-tsuri-komi-ashi*¹⁰⁵.



¹⁰³ *Uke*: na dupla de judocas, em treinamento, uke é aquele que recebe o golpe e tori aquele que aplica (tradução e explicação nossa).

¹⁰⁴ *Kumi-kata*: forma de pegar/agarrar o judogui do oponente (tradução e explicação nossa).

¹⁰⁵ *Sassae-tsuri-komi-ashi*: técnica que utiliza a perna para derrubar (tradução e explicação nossa).

E a técnica foi perfeita, projetando a Bárbara que fez questão de realizar um belo e sonoro *ukemi*¹⁰⁶. Todos os presentes não conseguem se conter e gritam, como se tivesse acontecido um gol! *Sensei* Jorge pede silêncio para continuar e assim foi. Depois do nervosismo inicial, Alvinho se solta e comanda todos os detalhes em alto e bom tom e suas amigas executam as técnicas melhor até do que quando realizaram seus próprios exames.

Quando finalizou o último movimento, todos aplaudiram a dupla e o Alvinho, que agradecem com o *ritsu-rei*¹⁰⁷. Mas as emoções ainda continuariam. Ao anunciar que Alvinho havia sido aprovado para a faixa amarela, em meio aos gritos de comemoração e aplausos, um dos alunos menores levantou seu braço, e quando foi atendido pelo *sensei*, perguntou:

– E a faixa de Alvinho? Para quem vai?



Era uma tradição que o *sensei* Jorge implantara como forma de desenvolver o respeito, a hierarquia, a aproximação e até a memória das trajetórias entre os alunos do *dojo* de Massapê. Esta tradição sugeria que ao ser promovido, o aluno escreveria seu nome bem pequeno na faixa que estava deixando e a presentearia para um aluno que estava também mudando, mas em um estágio anterior. Assim, Alvinho deixaria sua faixa azul para algum aluno que era faixa cinza e acabara de passar no exame. O aluno mais graduado poderia escolher para quem passar sua faixa.

¹⁰⁶ *Ukemi*: quedas. Técnicas treinadas para amortecer o impacto no *dojo* para diminuir os riscos de uma lesão quando sofrer um golpe (tradução e explicação nossa).

¹⁰⁷ *Ritsu-rei* : cumprimento realizado em pé (tradução e explicação nossa).

Então, diante da pergunta do aluno, *sensei* Jorge responde:

– Você é quem escolhe, Alvinho!

Mas ele se recusa justificando que todos são muito especiais e que não poderia escolher alguém. Então foi feito um sorteio entre todos os judocas que estão passando para faixa azul e a pequena Gabi foi a escolhida. Ela imediatamente começou a chorar e com as mãos no rosto se levanta e vai devagarzinho ao encontro de Alvinho que a abraça, se ajoelha e coloca sua antiga faixa nela. Quando Alvinho pergunta por que está chorando, Gabi respondeu:

– É que depois do *sensei* Jorge, você é o meu melhor professor!

Mais uma vez o *dojo* se enche de palmas e comemorações.

Depois de muita festa, após tudo arrumado com a participação de todos, Alvinho fica aguardando para sair junto com o *sensei*. Ambos cansados e felizes, trancam a porta e se sentam um pouco na calçada.

– Hoje me lembrei do que estudei sobre Jigoro Kano e suas lições. Especialmente uma que você reforçou com suas atitudes. Sabe qual é? – perguntou *sensei* Jorge.

Alvinho responde com a cabeça que não. Então o *sensei* continua:

– Paraticar o judô é educar a mente a pensar com velocidade e exatidão, bem como o corpo a obedecer com justeza. O corpo é uma arma cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência – disse o *sensei*, completando: – E você, Alvinho, sempre treinou muito o seu corpo, com seu saco de areia e os treinos extras que inventava, e desta vez teve que treinar sua mente e percebo que está com muita facilidade em achar soluções para determinadas tarefas, o que demonstra que sua mente está veloz. Treinar a inteligência é tarefa difícil, mais do que treinar o corpo. Tenho certeza de que quando puder voltar não ficará atrás de seus colegas, pois está em constante treinamento... não perdeu uma aula

sequer, mesmo machucado, age com sabedoria, ajudando seus amigos com seu conhecimento e, é humilde, servindo a todos, mesmo achando que não iria fazer o exame.

Alvinho agora também chora como a pequena Gabi abraçado ao seu grande mestre, olhando o por do sol naquela incrível comunidade de Massapê.

Um mês depois, Alvinho começa a treinar da forma que pode, correndo e realizando alguns exercícios de perna e braço, mas sem lutar ainda. Quando finalmente recebe alta de seu médico e participa do primeiro treino é inacreditável, como *sensei* Jorge havia falado, nem parece que estava afastado, e só se ouvia no *dojô*:

– Nossa, como ele fez isso?

– Caramba, é impossível! Você estava treinando em outro lugar, Alvinho?

– Que *ippon*!

– *Sensei*, me deixa lutar com o Alvinho!

– Eu também quero!!!

Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Trad. Plínio Dentzien.

BRUNER, J. **A Cultura da Educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. Trad. Marcos A. G. Domingues.

COELHO, N. N. **O conto de fadas: Símbolos – Mitos – Arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CUNHA, M. A. A. **Como ensinar literatura infantil**, 3. ed. São Paulo: Descubra, 1974.

JOAQUIM, C. S. **Jogos de Conto: o conto e o jogo como possibilidade de ensino, vivência e aprendizagem da filosofia do judô**. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) -Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo, 2017. Acessível em: http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330313/1/Joaquim_CassiaDosSantos_M.pdf

SOARES, A. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 1989.

VIRGILIO, S. **A arte do judô**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Rigel, 1994.

WATSON, B. N. **Memórias de Jigoro Kano: O Início da História do Judô**. São Paulo: Cultrix, 2011.

Sobre os autores

Adriana dos Santos

Especialista em Tecnologias e Educação Aberta e Digital (UFRB/CETEC – Universidade Aberta de Portugal). Pós-Graduada em Personal Training e Educação Física Escolar (Faculdade Dom Alberto/Centro de Ensino Superior Dom Alberto LTDA). Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Integrou o Programa Construindo pelo Esporte da UFRB. Atual diretora Financeira da Cooperativa da Agricultura Familiar e Economia Solidária do Vale do Jiquiriçá- COOAMA.
Email: adriana.santtos@hotmail.com

Alex Almeida da Silva

Pós-Graduando em Educação Especial e Inclusiva pela Universidade Cândido Mendes. Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Integrou o Programa de Extensão Universitária Construindo Pelo Esporte locado no Centro de Formação de Professores na UFRB. Atualmente é professor de Educação Física pela rede municipal de Amargosa – BA.
Email: alexalmeidaedfisica@gmail.com

Cássia dos Santos Joaquim

Formada pela Faculdade de Educação Física da Unicamp, mestre e doutoranda pela mesma instituição, atua no Programa Construindo pelo Esporte da UFRB. Seu mestrado apresenta nova proposta de ensino, denominada Jogos de Contos, aliando esta modalidade literária aos jogos em aulas de esportes e educação física. Atualmente investiga proposta interacionista do ensino do judô.
Email: cassiasj80@yahoo.com.br

Geovani Alves dos Santos

Docente da Faculdade de Ciências e Empreendedorismo - (FACEMP). Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Fez parte do Programa de Extensão

Universitária Construindo pelo Esporte do Centro de Formação de Professores da UFRB.

Email: geovani.tbrs@hotmail.com

Leopoldo Katsuki Hirama

Docente do curso de licenciatura em Educação Física da UFRB, doutor, mestre, licenciado e bacharel em Educação Física pela UNICAMP. É coordenador do programa Construindo pelo Esporte, que oferece o ensino do judô para a comunidade de Amargosa, BA. Atua na área da Pedagogia do Esporte e investiga Valores Humanos no ambiente esportivo.

Email: leopoldohirama@ufrb.edu.br

Paulo Cesar Montagner

Professor livre-docente de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Formado em Licenciatura em Educação Física, Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), Mestrado em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Doutorado em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Email: cesar.montagner@unicamp.br

O Judô é uma arte marcial transformada em esporte olímpico e muito praticada no mundo e no Brasil. Possui um forte propósito educacional, sendo norteadora por bases filosóficas defendidas por seu criador, Jigoro Kano. No entanto, a profundidade de tais princípios acaba sendo pouco aproveitada quando ensinados de forma mecânica, em geral, repetindo-se frases pré-determinadas, sem maiores reflexões sobre seus sentidos. Esta obra procura abordar as lições filosóficas de Kano a partir de situações que acontecem em um fictício espaço de ensino do Judô, mas inspirado em um núcleo socioesportivo real, existente na zona rural de uma pequena cidade do interior da Bahia. As diferentes ocasiões ilustram como os princípios defendidos nesta arte marcial servem para nos auxiliar no cotidiano da vida de judocas e não-judocas.

ISBN: 978-65-88622-85-8

